

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA SOCIAL

Luciana de Mello

Etnografia no Bairro Navegantes (Porto Alegre-RS)
Transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos
espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes

Orientação Profa. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre, junho de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA SOCIAL

Luciana de Mello

Etnografia no Bairro Navegantes (Porto Alegre-RS)
Transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos
espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes

Dissertação de Mestrado
apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre
em Antropologia Social.

Orientação: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre, junho de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Liliane Stanisçuaski Guterres (UCS e UNILASALLE)

Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRGS)

Bernardo Lewgoy (UFRGS)

Orientadora e Presidente da Banca

Cornelia Eckert (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à UFRGS, universidade pública, gratuita e de excelência, pela luta cotidiana pela pesquisa no Brasil.

Agradeço, sem sombra de dúvida, aos professores e servidores do PPGAS-UFRGS, lugar de referência da disciplina de Antropologia no Brasil, onde tive a oportunidade do aprendizado e do convívio científico.

Também agradeço à coordenação e aos pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais os quais convivi durante este aprendizado através das imagens, em especial, as sonoras. Meu “muito obrigado” à Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert, Viviane Vedana, Rafael Devos, Fernanda Rechenberg, Olavo Ramalho Marques, Priscila Farfan Barroso, Paula de Oliveira Biazus, Anelise Guterres, Rafael Lopo, Vanessa Zamboni e Rafael Derois.

Quase indescritível é meu agradecimento à minha orientadora e parceira, Cornelia Eckert, por fazer “me mexer”, e acima de tudo, por acreditar em mim.

A alguns dos amigos pessoais mais queridos, meus parceiros nas aventuras antro-geo-sonoras: Rita Coronel da Rosa Ribeiro, William Heintze, Dandara Soares Santos e Elizandro José Baldin, sempre presentes nos percalços e “indiadas”, das mais banais às mais absurdas.

Fundamental para o apoio da “logística” desta empreitada foi a CEFAV, a Casa de Estudante da UFRGS do Campus Agronomia, por me acolher durante minha trajetória acadêmica, desde a Graduação, e pelo aprendizado da vida real.

Também à SAE, Secretaria de Assuntos Estudantis, pela assistência e apoio quando necessitei.

Acima de tudo agradeço a quem à distância vem me acompanhando durante esse tempo, minha irmã Preta e em especial minha mãe Tita, que certamente rezou por mim.

A todos os informantes desta pesquisa que pude conviver, desde a etnografia de rua até as observações mais intensas.

RESUMO

Esta pesquisa trata do estudo de narrativa biográfica e trajetória social e da técnica de etnografia sonora no estudo da memória da vida cotidiana dos habitantes do território Bairro Navegantes, Porto Alegre-RS, tendo como ponto de partida a interpretação das formas de negociação dos habitantes locais com as transformações produzidas, ao longo das últimas décadas, na paisagem do bairro. Através da pesquisa etnográfica das formas de trabalho, gestos de ocupação, e sociabilidades dos moradores de dois lugares dos bairros São Geraldo e Navegantes, e das suas formas de narrar as transformações no interior do coração do Quarto Distrito, esta pesquisa pretende compreender o fenômeno da duração da memória do lugar integrando as formas destes habitantes experienciarem a cidade de Porto Alegre. Busca-se contemplar as tensões, as diferenças de visões de mundo, e estilos de vida dos diferentes atores da cena social etnografada, relacionando-os às distintas práticas sociais no bairro como chave interpretativa das possíveis acomodações por parte de seus habitantes das transformações espaço-temporais do lugar.

Palavras-chave: Transformações na Paisagem, Memória e trabalho, Antropologia Urbana e Visual, Etnografia Sonora, Bairro Navegantes, Porto Alegre.

ABSTRACT

This research is a study about biographic account and social path and the audio ethnography technique regarding the study of inhabitants' everyday life memory in the Bairro Navegantes territory, Porto Alegre, Brazil. The interpretation of dealing methods of the local with the transformations produced in the area's landscape throughout the last decades is the starting point of this study. Through the ethnographic research of the forms of work, occupation acts, and sociabilities from Porto Alegre's neighborhoods of São Geraldo's and Navegantes' inhabitants - and their ways of accounting the transformation in the inner area of Quarto Distrito - , this research aims at understanding the place memory duration phenomenon integrating the ways these subjects experienced the city of Porto Alegre. Moreover, it aims at contemplating the tensions, the differences of worldview, and lifestyles of the diverse actors of the ethnographic social scene, relating them to distinct social practice in the studied area as interpretative key to possible accommodation for the space-time transformation of the place by its inhabitants.

Key-words: Landscape Transformation. Memory and Work. Urban and Visual Anthropology. Audio Ethnography. Quarter Navegantes. Porto Alegre, Brazil.

Sumário

BANCA EXAMINADORA
AGRADECIMENTOS
RESUMO
ABSTRACT

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - Trajetória de pesquisa	11
1.1 - De geógrafa e “militante” do som à aprendiz de antropóloga	11
1.2 – Elementos teórico-conceituais para a pesquisa etnográfica	17
1.3 - Novo status e novas incursões em campo	22
1.4. - Por uma antropologia imagética	31
CAPÍTULO 2 – Universo de Pesquisa	33
2.1 - A trajetória histórica do bairro	33
2.2 - Desvendando o bairro	39
2.3 - O Núcleo 1 - Ruas Polônia e Cairú	49
2.4 - O Núcleo 2 - Rua Dona Margarida e Praça Navegantes	51
2.5 - Principais personagens: protagonistas da interação etnográfica	53
2.5.1 - Seu Mário, do armazém da Cairú	53
2.5.2 - Seu Alberto – o pai da Mumu	56
2.5.3 – Dona Nina e Dona Neca	57
2.5.4 – Dante e esposa	58
2.5.5 – Dona Edith	59
2.5.6 – Miguel	62
2.5.7 – Ângela: a informante principal	63
2.5.8 - Luís	65
2.5.9 – Cláudia	66
2.5.10 - Henrique	68
2.5.11 - Outros personagens	69
CAPÍTULO 3 – Memória e trabalho	74
3.1. O valor trabalho	74
3.2. O tom do trabalho	85

CAPÍTULO 4 – Formas de sociabilidade e cotidiano: rotinas e conflitos	91
4.1 - Tensões entre formas de habitar o local	93
4.2 - Futebol, ontem e hoje	102
4.3 - Caminhar na rua	103
4.4 - Jogar o social	104
4.5 - Morar na Margarida: relatos de Ângela	108
4.6 - A lancheria de Ângela como laboratório de observação	111
CAPÍTULO 5 - A Festa do bairro	118
5.1 - Nossa Senhora dos Navegantes : mãe das águas	118
5.2 - Um ano depois: preparativos, expectativas	129
5.3 - Foguetório de madrugada	131
5.4 - Festa da igreja? Da prefeitura? Do povo?	133
CAPÍTULO 6 – Construção de coleções etnográficas: um aprendizado no Biev .	136
6.1 - Metodologias para acervo etnográfico	136
6.2 – Exercício em CD: Acesso à Coleção Navegantes e Etnografia Sonora	138
6.3 - Aventuras biebianas	139
6.4 – Paisagem sonora	142
CONCLUSÕES	146
REFERÊNCIAS	150
Bibliografia	150
Filmografia	160
Citações da Internet	160

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em um estudo etnográfico da vida cotidiana dos habitantes de algumas vizinhanças da região de Navegantes, especialmente da Rua Dona Margarida (Bairro Navegantes, Porto Alegre-RS). Trata dos estudos de narrativa biográfica e de trajetória social tendo por perspectiva o estudo da memória coletiva e social, e como ponto de partida a interpretação das formas de negociação dos habitantes locais com as transformações produzidas, ao longo das últimas décadas, na paisagem do bairro.

Através da pesquisa etnográfica das formas de trabalho, dos gestos de ocupação, das sociabilidades dos moradores da Rua Dona Margarida, e das formas de narrar as transformações no interior do bairro Navegantes, tem-se por objetivo compreender o fenômeno da duração da memória coletiva (Eckert e Rocha, 2005) a partir dos processos interativos vividos no dia a dia neste lugar integrando as formas destes habitantes relatarem suas experiências de morar na cidade de Porto Alegre.

Durante o processo de pesquisa desta dissertação (2006 e 2007) observam-se as tensões, as diferenças de visões de mundo e estilos de vida dos distintos atores da cena social etnografada, relacionados às múltiplas práticas sociais no bairro como chave interpretativa das possíveis acomodações por parte de seus habitantes das transformações espaço-temporais do lugar.

Este estudo é, todavia, continuidade do trabalho intitulado “Diferentes Momentos e Gestos de Habitar o Lugar – Negociações da Memória Frente às Intervenções no Bairro Navegantes”, desenvolvido na condição de bolsista de Iniciação Científica, vinculado às pesquisas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV, pertencente ao Laboratório de Antropologia Social/PPGAS/UFRGS. Com a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, desenvolvi pesquisa no âmbito do projeto BIEV em 2004 e 2005 sobre memória coletiva, formas de sociabilidade e itinerários urbanos no mundo contemporâneo.

Foi neste processo que pude ter familiaridade com a linha de pesquisa da Antropologia Urbana e dos estudos de Antropologia em “sociedades complexas”, tomando-se o estudo do fenômeno da memória e da duração como centro das relações sociais dos habitantes do mundo urbano contemporâneo, em seus itinerários e formas de sociabilidade, interações, territorialidades, enraizamentos-dezenraizamentos, valores, estilos de vida, visões de mundo.

Também nesta ambiência de pesquisa no BIEV, obtive formação no campo de conhecimento das linhas de estudo de Antropologia Visual e Sonora relacionadas às pesquisas de suas coordenadoras na cidade de Porto Alegre. Integrando o grupo de pesquisa de Estudos Sonoros coordenado pela antropóloga Viviane Vedana, desenvolvi pesquisa com a técnica de etnografia sonora como uma forma de interpretar os fenômenos sociais do meio urbano contemporâneo, na tentativa de dar conta de suas complexidades, privilegiando as imagens mentais contidas nas sonoridades da memória, registradas e interpretadas à luz de uma estética urbana compartilhada pelos habitantes das grandes cidades na diversidade dos espaços que compõem a vida social que nelas se processa.

Com esta singularidade de percurso, realizei o projeto de pesquisa, agora no programa de mestrado do PPGAS-UFRGS, sob a orientação da Professora Dra. Cornelia Eckert, delimitando minha pesquisa antropológica sobre a diversidade de formas de habitar e de narrar a cidade nas modernas sociedades complexas, tomando então a experiência urbana dos moradores da Rua Dona Margarida, e região de Navegantes, como contexto de minhas reflexões. Busco, com a delimitação do objeto desta pesquisa, construir uma etnografia em um território singular da cidade de Porto Alegre, o Bairro Navegantes, em que suas transformações, no contexto urbano contemporâneo da capital, servem como espaço de problemas para o estudo das diferentes experiências vividas por seus habitantes, das formas de sociabilidades e dos processos de negociações por eles construídos, frente a tais transformações, em particular, aquelas associadas ao universo do trabalho.

Apresento assim a dissertação em seis capítulos que buscam transcender a experiência de pesquisa. Inicialmente faço uma reflexão sobre o processo de formação acadêmica que elucida minha aproximação e decisão por esta pesquisa. No capítulo 2

descrevo e apresento então o Universo de pesquisa, os espaços e aspectos históricos que esclarecem ao leitor uma especificidade de vida no bairro em relação a cidade de Porto Alegre. Ainda neste capítulo, o leitor encontrará a construção dos personagens e protagonistas desta história, e suas narrativas que desvendam trajetórias familiares e de grupo. No capítulo 3 descrevo as memórias de alguns personagens que tiveram um cotidiano relacionado ao trabalho fabril-industrial no bairro, mas não somente, além de aspectos de migração e imigração. No capítulo 4 trato dos ritmos do trabalho e sociabilidades entrelaçados às memórias sobre rupturas e discontinuidades nas trajetórias individuais. No capítulo 5 trago uma festa popular católica, que mobiliza os moradores e impacta no cotidiano da cidade, em linhas gerais, em seus aspectos históricos, e através de minhas observações. Tento trazer, a partir dos últimos festejos da comemoração de Nossa Senhora dos Navegantes, o ritmo do tempo cíclico e da permanência dos jogos da memória nas formas de sociabilidade da vida cotidiana no bairro, por uma festa católica e afro-brasileira, que singelamente vincula a duração da memória do grupo a trajetória humana em suas crenças, sabedorias e práticas sociais. Finalmente, no capítulo 6, busco retomar a inserção dos resultados desta pesquisa no âmbito do projeto de minha formação como antropóloga, o projeto Biev.

CAPÍTULO 1

Trajetória de pesquisa

1.1. De geógrafa e “militante” do som à aprendiz de antropóloga

Para adentrar nesta etnografia e no tema das transformações da paisagem, é importante relatar um pouco da minha trajetória acadêmica, para contextualizar esta pesquisa e suas escolhas, na perspectiva da Antropologia Social, da Antropologia Urbana e Áudio-Visual, e nos estudos de Memória e Sociedades Complexas.

Ingressei no Curso de Geografia no ano de 2000, na ênfase Bacharelado. A motivação foi o interesse no potencial do que o ambiente, ou os ambientes, pode(m) dizer dos sujeitos, e vice-versa. Lá, durante o curso, uma das questões entre os alunos que eventualmente vinha à tona era, geralmente quando alguém “de fora” nos perguntava “Se fazíamos Geografia Física ou Humana”. Eu e alguns colegas refletíamos isso, surpresos, pois, para nós, a “Geografia era uma só”.

Interessei-me em cursar disciplinas do currículo da Antropologia, do Curso de Graduação em Ciências Sociais, “Introdução à Antropologia” e “Seminário Livre”, ambas ministradas pela professora Cornelia Eckert.

Em “Introdução à Antropologia” tive a oportunidade de tomar os primeiros contatos com autores da Antropologia, além de realizar exercícios etnográficos para a disciplina na Rodoviária de Porto Alegre e Terreira da Tribo de Atuadores “Oi Nós Aqui Travêiz”. Em ambos universos interessava-me a relação dos sujeitos na dinâmica do espaço.

Além do Bacharelado em Geografia, desde 1998 meu cotidiano era a atuação em Arte Contemporânea através do grupo de performance musical e tecnologias, Club d’Essai, pesquisando e concebendo projetos com sonoridades do cotidiano, e realizando espetáculos com abordagem multimídia e objetos “não-musicais”, em parceria, em especial, com Eduardo Bichinho. Através de trabalhos como espetáculos, trilhas sonoras, oficinas, exposições e instalações, em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, o grupo Club d’Essai foi gradualmente transformando sua abordagem, mais especificamente musical, em uma abordagem sonora, incluindo as sonoridades

poéticas do cotidiano, diferentes usos de instrumentos musicais, objetos e novas tecnologias, cruzando, para isso, Artes Plásticas, Dramaturgia, Literatura e Música. Assim, enquanto atuávamos artisticamente, refletíamos sobre os espaços e ambientes, as percepções e sensações – imagens, odores e sonoridades – da sociedade, na perspectiva das tecnologias em geral, e suas inovações.

O nome do grupo é uma referência e uma reverência a um grupo de pensadores, músicos e compositores do movimento musical concretista francês, que realizava experimentos na Rádio Difusora de Paris entre as décadas de 1940 e 50. Em seus primeiros projetos o Club d'Essai pesquisou as possibilidades e os limites da eletroacústica através de espetáculos basicamente de experimentações musicais. Em seguida, o grupo produziu projetos multimídias, como Interlúdio [05min00seg], que propunha a apropriação de um intervalo de cinco minutos dentro de cinco espaços na paisagem da região central da cidade de Porto Alegre, resultando em uma série de ações, como performances em horários pré-definidos para cada um dos locais, o registro em vídeo das performances e cinco peças musicais, culminando em um espetáculo em palco e instalação de vídeos. Em parceria com a diretora teatral Patrícia Unyl, o grupo concebeu, dirigiu e executou a trilha sonora ao vivo para a montagem de “O Canto do Cisne”, peça curta de Anton Tchekov. Sob a orientação do professor Irion Nolasco do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, este trabalho recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Trilha Sonora Original para Teatro. Já o espetáculo multimídia “Oculto e Inversamente” teve participações de diversos artistas - atores, bailarinos, *performers*, compositores, músicos e *videomakers* -, resultando em quatro módulos - monólogo, composição eletroacústica, vídeo-ações, e instalação -, para explorar, de forma paranóica e catártica, a manipulação da verdade imposta pela massificação da imagem, tanto nos meios de comunicação como nos sistemas de segurança pública e privada. Mais recentemente, o projeto “Objetos de Estimação/Coleções Particulares”, uma instalação interativa com uma série de desdobramentos a curto e médio prazo, como performance e vídeo-instalação, propõe incitar a individualidade do público através do mistério em torno de possíveis segredos íntimos em objetos supostamente perdidos por pessoas da cidade, e reencontrados novamente pelo grupo, que os devolve a seus donos supostamente originais, o público, durante visitação à mostra interativa, abrindo então o questionamento sobre o espaço de pertencimento e possibilidades de simbolização das

coisas dentro de si.

Após apresentar à professora Cornelia o portfólio do Club d'Essai, do qual ainda era integrante naquela época, fui convidada a fazer parte do núcleo de pesquisa coordenado por ela e por Ana Luiza Carvalho da Rocha, o Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV – pertencente ao Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas/ NUPECs - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH, UFRGS. Este convite se deu devido às possibilidades de troca entre eu e o núcleo, já que eu teria muito a contribuir nas pesquisas em som que estavam sendo iniciadas, naquela época, no núcleo Biev. Desta forma, eu também me inseria na iniciação à pesquisa científica através do núcleo, orientada por Ana Luiza Carvalho da Rocha, inicialmente como bolsista voluntária e, em seguida, como bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa no RS, a Fapergs.

O projeto Biev iniciou seus trabalhos, em 1997, a partir de um projeto integrado das coordenadoras sobre memória coletiva dos habitantes através do estudo da produção de imagens visuais, sonoras, textuais e fílmicas no contexto urbano, especificamente da cidade de Porto Alegre. Com sede no Instituto Latino Americano de Estudos Avançados, ILEA, o projeto reúne diversas pesquisas no contexto da vida urbana porto-alegrense, atuando no patrimônio etnológico, memória coletiva, interações e transformações sócio-espaciais. A partir de uma atividade intensa e cotidiana de pesquisa, o projeto reúne e disponibiliza, através de seu banco de dados e de um museu virtual, o acervo classificado na forma de coleções, propõe uma etnografia hipertextual, e orienta a produção teórica e metodológica das coordenadoras, material disponibilizado no portal eletrônico do projeto <http://www.estacaoportoalegre.ufrgs.br>.

No projeto Biev, comecei meu aprendizado na pesquisa antropológica. Esta experiência de formação permitiu a familiarização com diferentes técnicas e produção nos diferentes suportes – vídeo, fotografia, som e texto. A produção de cada aluno é cruzada em um programa especialmente produzido para integrar os dados (*software*) na forma hipertextual e acessível aos usuários das novas tecnologias. Esta produção, advinda destes suportes, constitui-se em banco de conhecimento das etnografias da memória coletiva da cidade de Porto Alegre. A princípio eu poderia contribuir pela mediação com a Geografia, na questão do espaço sonoro, e das cartografias simbólicas.

Neste período, como aluna na disciplina de “Seminário Livre em Antropologia Visual”, ministrada por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, integrei um grupo de pesquisa que desenvolveu um exercício etnográfico de rua, seguindo a proposta das professoras da disciplina conforme artigo das autoras (Eckert&Rocha, 2001). O contexto de rua escolhido foi a Escadaria da Rua 24 de Maio no centro de Porto Alegre-RS. Faziam parte do grupo os colegas Fernanda Rechenberg, Fabiela Bigosi e André Vicari, e, utilizando diferentes suportes – fotografia, som e vídeo -, problematizamos as transformações daquele espaço, que se constitui, ao invés de uma rua calçada/asfaltada, em uma escadaria, permitindo ocupações singulares por sujeitos moradores e passantes. O exercício resultou, além da apresentação em sala de aula e de uma exposição-instalação imagético-sonora, derivadas do trabalho da pesquisa do grupo, também em minha primeira pesquisa científica dentro do Biev, sob orientação de Ana Luiza.

Discutindo a relação entre este universo e a pesquisa do Biev, mais especificamente o desenvolvimento da pesquisa com uso do som no método etnográfico, mais tarde chamada de Etnografia Sonora, privilegiei inicialmente os dados de acervo, e posteriormente os captados em campo, durante etnografia de rua (Eckert&Rocha, 2001) e entrevistas não-diretivas (Thiollent, 1980). Além de apresentação no Salão de Iniciação Científica desta Universidade, o exercício etnográfico resultou em um artigo da Série Iluminuras BIEV (Mello&Rocha, 2005a) e no cadastro de documentos no banco de dados e museu virtual do sistema Biev, nos suportes som, foto e texto. A partir deste exercício etnográfico pude refletir e discutir a respeito das negociações da memória com as transformações do espaço naquele lugar da cidade já que a Escadaria da Rua 24 de Maio encontrava-se em constantes e intermináveis obras de reconstrução em sua infra-estrutura por parte da Prefeitura e havia descontentamento de seus habitantes frente a estas intervenções.

Este espaço proporcionou a reflexão de uma cartografia simbólica para o centro e arredores da cidade de Porto Alegre, tendo por característica ser um lugar de passagem entre a parte alta e a parte baixa da região central. Esta pesquisa apontou igualmente para a questão da resistência às reformas locais, por parte da Prefeitura, alheias às necessidades e projetos dos moradores, e para os constrangimentos advindos às suas relações afetivas com o lugar, demonstrando os conflitos e medos em relação à

intervenção pública em um espaço simbólico para essa população.

Apesar de trazer outros suportes, neste trabalho privilegiei o som, e para justamente dialogar com o suporte sonoro, além da escrita, utilizei também a imagem fotográfica. Os dados sonoros constituíram-se de dados coletados em campo, mas também de dados de acervo, como os sons do rádio e reclames que se relacionam com certo momento de Porto Alegre. Utilizei também acervo textual de cronistas que escreveram sobre suas reflexões acerca da cidade de Porto Alegre. A provocação da orientação, através da metodologia do Biev, era como dar tratamento etnográfico ao som, interpretando as sonoridades, para analisar as transformações do espaço pesquisado e interpretar as acomodações da memória coletiva dos moradores ao lugar. Mas justamente para estudar as imagens sonoras, foi importante produzir uma etnografia em diferentes suportes como a elaboração de uma etnografia escrita e narrativas fotográficas, tratando este material no banco de imagens.

Ainda como aluna de graduação da Geografia, foi nesta área que desenvolvi o estudo para o Bacharelado. Seguiu de perto a motivação antropológica do estudo da relação humana nos espaços vividos.

A descoberta de leituras antropológicas como a obra de Marcel Mauss (1974) me motivava a uma conversão para a Antropologia. Este autor explica as formas das relações sociais e para isto propôs estabelecer relações que tenham algumas generalidades. Nisto critica os geógrafos na sua época apontando que não se pode somente observar os aspectos físicos - a vida social necessita de condições múltiplas, principalmente da organização moral, religiosa e jurídica. Em sua proposta de pesquisa, buscou relacionar sociedade e morfologia social - as formas ou estruturas da vida social -, comparando diferentes comunidades e seus respectivos sistemas estruturais nas sociedades esquimós. Em virtude da singularidade de seu universo, observou que, através da sazonalidade, diferentes regimes se davam não em um ou alguns campos, mas em vários campos da vida social.

Sob a orientação da professora Dirce Suertegaray, optei por fazer o TG, Trabalho de Graduação, "TG", pesquisa conclusiva do curso de Geografia, em São Sebastião do Caí, na orla do rio Caí. No contexto da Geografia Humana, o diálogo mais próximo com a Antropologia se deu através da linha dos Estudos de Percepção e da

Fenomenologia do Espaço. Entendendo o espaço como “uno e múltiplo” (Suertegaray, 2000), utilizamos autores como Merleau Ponty, que trabalha com a Fenomenologia da Percepção, Fany Carlos, a Percepção Ambiental, Livia de Oliveira, cartografias simbólicas, e Y-fu Tuan, a paisagem. Nesse trabalho eu estava interessada na memória de alguns habitantes do município, num outro tempo da cidade, o tempo da navegação, se e o quanto este ainda estava presente nas lembranças de seus habitantes, e como eles lidavam com a memória da cidade relativa a este período.

No TG utilizei os dados sonoros, e trabalhei com trajetórias sociais e narrativas biográficas. Dividi o universo em dois locais, zona urbana e rural, porque além de acompanhar possíveis transformações na orla em zona urbana, pensava que pudesse haver características da zona rural atual próximas às características da antiga zona urbana. Isso resultou na presença de informantes de ambos os lugares. Em campo, realizei entrevistas, observação participante (Malinowski, 1984) e etnografia de rua. Utilizei dados etnográficos coletados em campo, junto aos informantes, como fotografias e sons de entrevistas e do ambiente. Também utilizei dados do acervo fotográfico do Museu Histórico Municipal de S.S.do Caí. Por estarmos num contexto de cidade, de itinerários, transformação, memória e duração, este material foi cadastrado documentalmente no banco de dados do Biev.

A partir da pesquisa em S.S. do Caí, e em virtude do território de pesquisa do Projeto Biev ser Porto Alegre, me foi sugerido por Ana Luiza a escolher um contexto porto-alegrense para pesquisar, sendo o local escolhido o Bairro Navegantes, pela proximidade de aspectos com os estudados na pesquisa em S.S. do Caí, orientada antropologicamente pelo tema do tempo, da duração e da memória. Destacam-se nestas ambiências os temas do povoamento e desenvolvimento relacionados às atividades na orla fluvial e a dinamização do trabalho pela instalação de indústrias em suas proximidades. Outrossim, a pesquisa em Porto Alegre, vinculada ao Banco de Imagens, ajudaria pensar a orla de S.S. do Caí para o TG, já que, em ambas as pesquisas, o tema era a memória coletiva dos habitantes em suas trajetórias do trabalho produtivo.

Após a conclusão do TG me dediquei mais ao universo do Bairro Navegantes, em Porto Alegre, e utilizei-o como exercício para pensar as questões da etnografia sonora, participando do desenvolvimento desta pesquisa com som pelo método etnográfico que o núcleo Biev desenvolvia, sob orientação de Ana Luiza e com as

colegas Fernanda Rechenberg, Viviane Vedana e Priscila Farfan. Tendo o foco nas transformações da paisagem nos espaços na zona norte de Porto Alegre, referindo-nos igualmente a paisagem sonora, pesquisei um acervo bem diverso onde, além do acervo de dados obtidos em campo, interessava-me a qualidade etnográfica de dados imagético-sonoros de outros acervos. O método implicava assim na etnografia de textos e acervos. A pesquisa etnográfica me permitiu descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais, a partir de técnicas como observação participante e entrevistas informais, desenvolvidas no contexto da pesquisa. Também trabalhei utilizando textos de cronistas da cidade de Porto Alegre, imagens e reportagens da Revista do Globo, e outros arquivos de som como falas de Getúlio Vargas, jingles, e reclames de produtos, a partir do portal BibVirt – <http://www.bibvirt.futuro.usp.br> . Também comecei a realizar captação sonora então apoiada na metodologia do Biev que estávamos pesquisando. A pesquisa avançava no tratamento de narrativas biográficas e trajetórias sociais, construindo um patrimônio etnográfico sonoro dos ambientes urbanos.

1.2. Elementos teórico-conceituais para a pesquisa etnográfica

A etnografia começou com a pesquisa exploratória, que inicialmente estava centrada em dados de acervo e poucos informantes. Junto aos primeiros informantes foi possível desenvolver uma série de entrevistas. Também passei a desenvolver os exercícios de deslocamento no bairro, nas caminhadas operacionalizadas como etnografia de rua. Assim, observava e interagia com os trabalhadores nas portas de fábricas, no comércio local e depois com alguns moradores, habitantes que passei a conhecer, dentre os quais, alguns passaram a ser informantes sistemáticos. Sob a orientação da Profa. Ana Luiza, fui aumentando a rede de informantes. Após trabalhar com o material de acervo, passei a ter contato com outros habitantes de outra região, próxima ao entorno da igreja dos Navegantes, entre os quais meu informante principal nessa pesquisa, que é a Ângela, e foi ela então que me levou aos outros informantes, da rede social dela e de sua vizinhança. A partir da minha relação com Ângela, pude então conhecer outros moradores, ex-moradores do bairro, moradores antigos e também novos moradores, que são migrantes, ou filhos de imigrantes e migrantes.

Após o primeiro ano de etnografia, desenvolvi um exercício monográfico com o

objetivo de aprofundar a relação dos moradores mais antigos com o lugar, especialmente no entorno da igreja dos Navegantes. Nesta incursão em campo, as entrevistas mesclaram-se com a própria observação, pois a opção por um roteiro de entrevistas, ao invés do questionário fechado, permite uma liberdade de narrativa ao informante, contemplando também minhas inquietações com relação a problemas da pesquisa, e, sobretudo viabilizando surpresas que o campo pudesse revelar. Com o intuito de refletir sobre os métodos de entrevista, e na própria informação contida nos relatos, alguns encontros foram registrados em gravador digital, outros, registrados sob a forma de diário de campo.

Para a rotina e cumprimento da observação participante na vida cotidiana deste território, os trabalhos de campo foram escolhidos abarcando diferentes horários e dias da semana, buscando apreender os diversos usos ali praticados por seus habitantes. Completando estas incursões no tempo presente do bairro, foram realizadas incursões “no bairro Navegantes de outros tempos”, a partir da leitura de jornais antigos, de relatos de cronistas e da análise de imagens de acervo pesquisadas nos museus de Porto Alegre e nas coleções etnográficas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

O processo de trabalho de campo e as pesquisas em acervos foram acompanhados da produção escrita de diários de campo. Além disto, as situações de campo propiciaram o registro fotográfico e sonoro de certos lugares e territórios da área investigada, numa tentativa de se capturar o dia-a-dia no bairro, as transformações locais e a sua contextualização, do Navegantes, perante as dinâmicas espaciais da cidade de Porto Alegre, em suas distintas temporalidades. Do ponto de vista da realização de uma etnografia sonora da paisagem local, a idéia era ampliar o estudo da ambiência urbana da região adotada para pesquisa, apoiando-se nos estudos da poética do espaço de Gaston Bachelard (2003) e do sentido de acontecimento sonoro em Michel Chion (1998).

Portanto, espacial e temporalmente, o universo desta pesquisa se consolidava na denominada região do Caminho Novo, adjacente a norte do centro da cidade, antigo Arraial dos Navegantes. Em sua formação histórica, de arraial, este local se constituiu em bairro fabril, predominantemente teuto-brasileiro, a partir do intenso comércio dos produtos vindos principalmente das colônias alemãs, e posteriormente também ítalo-brasileiras, resultando no surgimento de uma série de indústrias e residências de

trabalhadores e familiares que ali se estabeleceram em torno destas atividades. Em sua ocupação mais recente, o bairro Navegantes apresenta-se com algumas características de distintas épocas e com modificações em seus usos, o que sugere que grande parte dos fragmentos presentes em elementos do espaço, como infra-estrutura e empresas atuais, tiveram adaptações em seus usos, decorrentes do contexto do bairro em relação à cidade, e vice-versa.

Para dar conta das transformações no bairro Navegantes e sua contextualização na cidade, em como esse lugar foi se constituindo no que é hoje, intensifiquei uma etnografia do espaço. Os dados de campo foram tomados através de técnicas de observação participante e entrevistas não-diretivas baseadas em roteiros, e pretenderam abrir espaço à narrativa biográfica de habitantes. Através de imagens textuais, visuais e sonoras, etnografia de rua, relatos de habitantes e ambiência, estava atenta aos fragmentos do espaço de distintas temporalidades.

O que chamava a atenção neste entorno era a tensão que se dava entre os antigos moradores e novos moradores, por ser uma zona que recebia constantemente migrantes do interior que ali se estabeleciam.

Com os moradores mais antigos, buscava tratar da memória fabril que a cidade tem em relação a esse bairro. Aos poucos se revelavam os aspectos também do trabalho informal, das sociabilidades, e das crenças, especialmente as religiões católica e afro-brasileira.

A vida no bairro é assim configuradora de formas de sociabilidade. É em George Simmel (1983) que nos apoiamos para tratar de “formas lúdicas de sociação”. Para este autor estas formas estão libertas dos laços com o conteúdo, difundindo-se democraticamente, sobretudo em um mesmo estrato social (Simmel, 1983). Entre os espaços público e privado, as formas de sociabilidade das camadas populares e das classes trabalhadoras urbanas, e especificamente, nas relações de gênero, fundam-se na expectativa e negociação, entre os papéis e suas decorrentes formas.

Estas formas por sua vez revelam práticas e saberes de viver o cotidiano. Entendida por Michel De Certeau (1996) não sob forma caótica ou estática em relação às representações e comportamentos dos sujeitos, este cotidiano é expressão de cultura popular, justamente dotada de usos astutos e de táticas no consumo da cultura,

ultrapassando uma negociação, e desviando da ordem e poder dominante, onde as ressignificações do mundo para estes grupos sociais se dão de forma criativa.

O cotidiano é assim recriação constante do tempo. Nestas sobreposições do tempo vivido pelos habitantes, busco reconhecer a construção da memória coletiva. O “Navegantes” era assim, referido nas narrativas dos habitantes para relacionar seu pertencimento ao bairro e para singularizar a vida urbana porto-alegrense. Neste processo, adoto a perspectiva de uma “etnografia da duração” tal qual concebida pelas coordenadoras do BIEV, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005). As autoras consideram neste ínterim a matéria lacunar do tempo e neste os trabalhos da memória que contemplam o ato simbólico de ordenar tais discontinuidades preenchendo tais lacunas; um processo que acaba por constituir a memória como um espaço fantástico de negociação das lembranças do passado no tempo presente (Eckert e Rocha, 2005).

Neste momento da pesquisa, e participando da equipe do Banco de Imagens de Efeitos Visuais, me envolvi nas discussões acerca da paisagem, paisagem urbana e paisagem sonora, através da poética e do imaginário, a partir de autores como Georg Simmel, Gaston Bachelard, Pierre Schaeffer e Gilbert Durand.

Neste sentido, o contato com as imagens de acervo do bairro Navegantes, presentes nas obras de historiadores, cronistas e fotógrafos de época, é referencial para este trabalho, pois aponta para os jogos da memória que fizeram deste lugar um espaço importante para a compreensão da atual feição urbana e industrial de Porto Alegre e de certa memória da cidade em relação a este lugar. Foram utilizados, para tanto, trabalhos de Francisco Riopardense de Macedo, Sérgio da Costa Franco, Sandra Pesavento, Marino Lobello, Antônio Álvares Pereira Coruja, Walter Spalding, Eloy Terra, Alexandre Fortes e Heloisa Reichel, entre outros.

Esta bibliografia foi fundamental para tratar das formas de ocupação urbana do bairro pelos habitantes locais, compreendendo questões históricas que elucidavam sobre as relações constituídas e estabelecidas pela atividade das indústrias e os conseqüentes núcleos residenciais e comerciais ali emergentes. Assim, buscava esboçar uma cartografia espacial e temporal, a fim de vislumbrar e analisar as transformações que orientam hoje as práticas cotidianas dos atores sociais no bairro Navegantes.

Para dar conta de uma análise integrada do espaço urbano, seguia ao que Martín-Barbero (2002) alude, em observar a cidade como um mosaico de aspectos diferenciados, e, além disso, também a observação de microeventos cotidianos (Moles&Rohmer, 1982), percebendo a cidade como a um labirinto, auxiliaram na tarefa desta pesquisa.

A partir de autores como Paul Ricoeur (1994a), e de suas referências nos artigos de Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (<http://www.estacaoportoalegre.ufrgs.br>), em suas perspectivas sobre a memória como ato de reinstaurar um tempo não-linear e como espaço de amarração presente-passado, a bibliografia utilizada sobre Porto Alegre foi atravessada pela etnografia, através da análise dos diários de campo, na tentativa de verificar as formas de ocupação do bairro hoje, relacionando-as com temporalidades anteriores. O conceito de memória dimensionava então a pesquisa da sonoridade relacionada ao tema da vida urbana tendo em George Simmel (1976) uma importante referência.

Para a pesquisa sonora seguia as considerações de Michel Chion (1998) acerca das possibilidades narrativas do som. Para o autor, a narrativa sonora é elemento da cultura e participante da memória. Com este autor tratava então das formas de produção da cultura humana, musical e cotidianamente. Através do uso da etnografia sonora, a experiência urbana amplia-se. Para cada dado sonoro importava a densidade de planos de escuta, além de outros sons evocados no ato da escuta - aquilo que estaria fora de campo em um enquadramento fotográfico. Por sua forma avolumétrica e pelo fato do som comportar além do dado sonoro de campo o da imaginação do ouvinte-pesquisador, diferentes camadas da memória dimensionam-se no ato da escuta. Portanto, os fragmentos do espaço local, vão além do fotográfico e oral, do imagético e textual, acrescentando sua dimensão etnográfica sonora. Os microeventos, neste caso, etnografados através do som, são fundamentais para evocar as imagens da memória e suas espacialidades e temporalidades, na paisagem do Bairro Navegantes e seus lugares.

Sob a orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Viviane Vedana junto ao grupo do som, discutíamos Paul Ricoeur e sua teoria da narrativa, Gaston Bachelard (2003) e a poética do espaço. Aos poucos era possível consolidar um tratamento conceitual para a pesquisa sonora em narrativas da memória, sobretudo utilizando também autores como Michel Chion (1998) e Pierre Schaeffer (1983). Com a leitura da

obra de Gaston Bachelard (1994) sobre a dialética da duração, seguia a inspiração das coordenadoras do projeto em sua proposta de etnografia da duração, no sentido de tratar, na pesquisa etnográfica, das narrativas como uma poética dos tempos vividos e pensados em que os sujeitos fazem durar, como vibrações, a memória coletiva. Já Schaeffer, em especial, aportava o tema das paisagens e dos sons. Aprendia como ele que os sons têm a propriedade de carregar as memórias e trazer toda uma poética da lembrança. Então, juntamente como Chion (1998), que trabalha com som e cinema, procurava no âmbito da pesquisa do grupo do som no Biev, dar conta das construções das narrativas.

Importante citar a oficina coordenada pela Profa. Ana Luiza sobre as questões do imaginário em Gilbert Durand (1997), onde a orientação atuava especificamente a partir de cada suporte de tratamento da imagem. Incluíamos então, no grupo do som e na etnografia sonora, a teoria do imaginário em Durand (1997). Podia então elaborar questões sobre os aspectos diurnos e os aspectos noturnos e sintéticos das imagens apreendidas em campo. E isso me interessa na pesquisa em Navegantes por questões como o trabalho informal, gênero, sociabilidade. Outras questões além do masculino e da memória fabril representam o lado noturno do bairro.

Sob o ponto de vista de Michel De Certeau (1990), os dados etnográficos foram percebidos não somente a partir do recorte específico de uma pesquisa, mas de forma a ampliar sua dimensão etnográfica. Por fim, Maurice Halbwachs (2004) auxiliou na reflexão das memórias de curta e longa duração, sobretudo nas rupturas do tempo histórico e cronológico, atravessado pela poética dos sujeitos, e as negociações da memória, em tempos e lugares localizáveis em suas lembranças.

1.3. Novo status e novas incursões em campo

Com o ingresso como aluna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passei a realizar inserções em campo no Bairro Navegantes de forma mais sistemática, durante vinte e dois meses, com idas semanais e/ou diárias, de janeiro de 2006 até novembro de 2007.

O cotidiano da etnografia abrangiu informantes que já participavam do exercício etnográfico na fase inicial desta pesquisa, à época da iniciação científica, bem

como de outros novos informantes os quais tive contato a partir da rede que foi se configurando. Assim, deu-se a continuação das entrevistas e observação participante em alguns casos; mas principalmente foram incluídos novos informantes, através de etnografia de rua, na qual dei prosseguimento como forma de buscar novas facetas de minhas próprias entradas nos itinerários dos lugares. Desta forma se compôs a rede e sua cartografia simbólica, com habitantes que fazem parte direta e indiretamente de um cotidiano comum. Vejam-se diferentes exemplos: 1) de antigos moradores com passado fabril e forte pertencimento, 2) de moradores jovens que seguiram saberes familiares em projetos individuais, arranjados em unidades domésticas complexas, que possuem relação restrita com os habitantes da vizinhança de sua empresa, ou 3) novos moradores que se constituem em sua trajetória de vida do itinerário de trabalho de toda uma classe trabalhadora urbana.

Assim, para dar conta da memória da vida cotidiana dos habitantes em que tomei contato, fui orientada a tomar as narrativas biográficas e trajetória social como chave para interpretar as formas de negociação dos informantes com as transformações produzidas na paisagem. Especialmente as formas de narrarem suas memórias e cotidiano foram decisivas na escuta de seus sentimentos, pertença e acomodação do tempo.

Duas redes de informantes foram compostas. A rede que denominaremos de Núcleo 1 e a rede Núcleo 2:

Núcleo 1 – formado pelo morador Mário, da Avenida Cairú, sua vizinhança e habitantes daquele entorno, moradores, trabalhadores e freqüentadores das imediações das ruas Polônia, Ernesto da Fontoura, entre as avenidas Presidente Roosevelt e Voluntários da Pátria;

Núcleo 2 - composto pela moradora Ângela, seus vizinhos e amigos, mais precisamente no entorno da Praça Navegantes, entre os limites dos trilhos do trem metropolitano, a orla, as avenidas Sertório, Farrapos e Presidente Roosevelt, e imediações da Rua Dona Margarida.

Nestes espaços eu consolidava minhas relações com os interlocutores e os nomes destes habitantes passavam a orientar minhas investidas em campo.

Mas além dos núcleos, conhecia esporadicamente outros habitantes. Estes em

geral eu conhecia a partir de caminhadas no bairro e aproximações ao acaso. Por exemplo, foi assim que conheci Simone proprietária em uma ferragem. Simone não faz parte diretamente de uma rede, mas tive contato por ser moradora no Núcleo 2. Trata-se de uma pessoa jovem, filha de um antigo habitante. Ela manteve o trabalho na ferragem pertencente ao avô. Este avô tinha um baratilho, já num outro período, quando emergiam as indústrias no Bairro Navegantes.

A rede mais importante para nossa pesquisa parte da moradora Ângela. Foi ela que me familiarizou com o entorno da Igreja dos Navegantes e da Rua Dona Margarida, uma paisagem que conhece muitas mudanças. Sobre isto anoto em meu diário:

“Observo mudanças em torno do Complexo Renner, onde os trilhos de trem cortam a paisagem. Os trilhos do trensub e a ponte Getúlio Vargas, e não só a ponte, mas depois a ampliação do cais, que antes era só no Centro. Então esse bairro que seria gigantesco hoje ele está simbolizado naquele entorno dali da Igreja Navegantes porque sofreu essas várias intervenções no espaço público.”

O bairro, no passado efervescente em torno de um complexo industrial, se desvendava por processos de retrocesso e fechamento de firmas e indústrias. Em algumas ocasiões, rumores corriam sobre a possível reabertura de uma empresa, como neste caso, a empresa “Rio Guahyba”. Neste período encontrei uma vizinhança apreensiva e fazendo muito burburinho com expressões como: “Ah já pensou se voltassem a funcionar as firmas como era!”.

Pensei em costurar estas referências a um passado dinâmico e os desejos de retornos de tempos de prosperidade. Indagava-me como trazer essa dramática também na etnografia. Discutia então, no Biev, como trazer estas imagens visuais e sonoras que remetem a uma memória que se atualiza, e que negocia com as transformações.

Na pesquisa de mestrado, sob orientação de Cornelia Eckert, cursei algumas disciplinas do programa que me ajudaram a pensar como dar conta de um universo que contém uma memória de um bairro, mas que não pode espacialmente querer dar conta dele – agora não é mais pela Geografia, estamos num contexto da memória, e sob o ponto de vista da Antropologia. Fiz um recorte desse universo que é amplo e utilizei os limites simbólicos da Rua Dona Margarida para representar este tempo do bairro pós-especulação imobiliária, em que as indústrias sofrem retrocessos e se dá uma inércia de atividades produtivas, e ao mesmo tempo de planejamento de intervenção urbana. Neste

processo, uma expressiva população de moradores segue suas rotinas, mas não passivamente: resistem aqui e lá às transformações radicais, sobretudo as que impactam sobre o valor imobiliário.

Neste caso, pesquisando na cidade de Porto Alegre, em um bairro que se tornou conhecido por sua relação com o trabalho, as indústrias e a vida operária, deparei-me com expectativas não somente minhas, mas também das pessoas que encontro nas incursões em campo. Os pontos de vista trocados durante a etnografia, a partir de conversas formais ou informais e nas atitudes, deixam clara tal expectativa. Os informantes sabem de sua importância, e ao assumirem este papel na pesquisa, reivindicam-no constantemente, inclusive explícita e verbalmente.

Aos poucos interagi mais cotidianamente com moradores como Ângela e Mário. Cada um, a seu jeito, procurava demonstrar o quanto dominava o conhecimento da história do lugar. Ele, deixando-me sempre a par das mudanças na região, ou apontando insucessos que obtive com alguns outros informantes que acabaram por não “consolidarem-se”, alertando-me que eu ficava “dando ouvidos a quem não sabe das coisas...”. Ela, relacionando constantemente às tramas que acontecem no bairro e na sua vida, com o mundo e questões amplas de política e economia, numa tentativa de demonstrar as conexões de que é capaz. Nunca duvidei da “habilidade”, do pensamento de nenhum deles, mesmo assim, há uma postura de ambos em permanecer no lugar de informantes, inclusive cobrando minha “fidelidade”, sob diferentes formas. Tanto Ângela como Mário já relutaram um pouco em indicar outros informantes, comportamento evidenciado a partir de gestos de má vontade, sob as mais diversas explicações e justificativas, mas que, ao mesmo tempo, muito me ajudaram a encontrar outros informantes, em suas redes de relações.

Outro aspecto no trato com os informantes durante a pesquisa de campo é o que inicialmente senti-me tentada a fazer. Ângela, que passava por dificuldades financeiras, me convocava a participar na busca de soluções, em encontrar saídas, pensar estratégias e possibilidades para melhor conduzir sua vida. Eu, inexperiente nestes assuntos, fui sincera, e tentei dialogar expondo minhas idéias, que não são muitas, visto que ela entende muito melhor dessas coisas. A solução foi o *marketing* de sua lancheria, pois assim, poderia fazer o que estava a meu alcance - a confecção de panfletos a serem distribuídos pelas redondezas oferecendo as encomendas e entregas dos lanches em

casas ou empresas do entorno e região. Para minha sorte e felicidade, a pesquisa de campo mostrou aos poucos que a demanda de minha informante efetivaria minha inserção no lugar - há entre os vizinhos e amigos, que freqüentam espaços comuns dentro de uma rede de relações de vizinhança e amizade, trocas solidárias das mais diversas, e esse é um forte aspecto de delimitação do grupo – a participação em algum momento, na manutenção da circularidade destas trocas na rede.

Mas independente de me inserir na rede de trocas do lugar, aos poucos percebi que a melhor maneira de ajudar a tornar um pouco melhor a vida dos informantes, é a de conduzir da melhor maneira possível a pesquisa.

O mais ético a fazer é explicitar, simplesmente encaminhando o trabalho de campo como este deve ser – encontrando mais informantes, e tentando formar uma rede, permitindo a transparência das intenções. Paralelo a isso, minha preocupação quanto à capacidade e amplitude de abertura epistemológica e psicológica, que exige o processo de fusão para o aprendizado do fazer antropológico, no sentido de uma conduta menos ideal que sábia, cada dia torna uma negociação interna mais presente, e não necessariamente menos problemática ou dolorida. Uma permanente sensação de incompletude, atual e inclusive em relação ao futuro, como se nunca estarei “aprontada”. Refletindo no que essa sensação, ainda inconsciente, pode apontar enquanto pista, isso pode significar não outra coisa senão um estado de desequilíbrio frente ao desconhecido nas situações da etnografia.

Sentia-me próxima às orientações de Clifford Geertz (2002), sobre o quanto o estilo e a escolha do método estão relacionados com o comprometimento do trabalho. Geertz fora acusado por alguns autores de ter um foco basicamente textual e subjetivista, mas sua abordagem interpretativista possibilitou a ampliação das relações da realidade de um dado objeto por ele pesquisado. Vide as “teias de significado”, conceito por ele desenvolvido, e que permite ampliar a profundidade etnográfica do objeto. Em seu livro “o Antropólogo como Autor” (2002), Geertz constrói a significância do “estar lá” e da descrição densa. Relacionando exemplos de etnografias, tenta sustentar como a etnografia pode tornar-se complexa, no sentido de se ampliar e aprofundar a análise reflexiva da experiência do etnógrafo com o campo, seu(s) informante(s) e situações. Para Geertz, a escrita etnográfica deve convocar a universalidade e percepção através da passagem do leitor por entre as linhas escritas.

Mais ainda, pode-se dimensionar a dedicação à pesquisa como um projeto existencial e político (Abu-Lughod, 1991).

O lugar de pesquisador na área de Antropologia, pensando um bairro por suas conseqüências a partir das transformações acionadas por políticas públicas de intervenção no espaço, me recolocava em um lugar desconfortável, me fazendo repensar minha trajetória - vinda da Geografia, e a partir de um lugar institucional que é a academia. Me via movida a pesquisar temas que relacionavam-se com a regularização da vida social, o que é em um certo sentido, um paradoxo. Interessava-me encontrar temas recorrentes que me fizessem refletir sobre meus valores e os valores dos informantes, na busca por outra ética para além da Geografia, de uma ética do outro, uma ética local.

A partir da idéia de Ernest Cassirer (1994) em que viver em harmonia consigo é viver em harmonia com o universo, podia então pensar que, para além das individualidades dos sujeitos, o fazer antropológico - entre outras práticas como psiquiatria, medicina, educação, por exemplo - requer um auto-conhecimento, na tentativa do diálogo com o outro.

Para este autor o homem produz e opera através de símbolos, e habita simbolicamente suas formas, em seus diversos gestos durante sua experiência de mundo, e dentre os vários recursos da chamada variabilidade interindividual, segundo Michel Denis (1979), podemos encontrar certa habilidade na utilização de imagens, sempre reinterpretadas pelo indivíduo através de suas experiências.

No caso da prática dos pesquisadores em Antropologia, pensando na perspectiva do encontro etnográfico necessariamente dialógico, Roberto Cardoso de Oliveira (2000) aponta para diferentes maneiras de apreender os fenômenos sociais para o antropólogo - olhar, ouvir e escrever -, relacionadas a diferentes momentos do fazer etnográfico. Podem os momentos de ver e ouvir entrecruzarem-se, em virtude da potência criativa das imagens mentais, que complementam de imagens os conteúdos, como escutar através de imagens, ou ver através de sonoridades. Mas, sobretudo o ver e o ouvir implicam na atenção ao outro - e a si - durante a etnografia.

Para as pesquisas situadas no campo da Antropologia Visual, à luz de Roberto Cardoso, pode-se interpretar o escrever, além da forma escrita, também como a

construção de narrativas etnográficas. Para David MacDougall (1998), conforme seu uso e intenções, por parte dos realizadores é que os filmes podem tornar-se etnográficos; mas o mais relevante para este autor é o fato dos filmes serem acima de tudo artefatos culturais, porque nos dizem, além de seus objetos, sobre seu contexto temporal.

Na medida em que o cinema é também um artefato cultural, produto e fonte de construção simbólica, a experiência temporal do cinema possibilita, para Eckert e Rocha (2001), a territorialização da memória, fundamental na manutenção de identidades, de uma cultura compartilhada num conjunto de lembranças comuns. Produzir imagens é também produzir artefatos culturais.

Assim, a união da escrita etnográfica com linguagem visual implica em uma ação mental do antropólogo, por suas motivações simbólicas, transformando seus dados etnográficos sensíveis em objetos de conhecimento para o campo da Antropologia.

Estes momentos de conhecer o Outro em seus conflitos e dilemas são ricos no processo da etnografia, uma questão que se coloca no momento da reflexão de si, por parte do informante, durante o encontro etnográfico, e diz respeito à trama com que operamos as informações que nos são dadas pelos informantes em nossas pesquisas. Segundo observa Gilberto Velho acerca da interação nas sociedades complexas moderno-contemporâneas, os indivíduos cada vez mais estão sujeitos e experienciam sistemas de valores diferentes, num processo de “mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão” (Velho, 1989:39).

No caso das histórias de vida dos informantes, encontram-se aspectos que dizem respeito às respostas destes sujeitos em relação a si mesmos, e das questões de interesse específico desta pesquisa, mas também de mim, sujeito antropólogo-pesquisador. Na situação dialógica do processo etnográfico, principalmente durante entrevistas, estão em jogo sistemas de significados, do pesquisador e do pesquisado, e os fenômenos que o outro nos traz à escuta não possuem os mesmos significados para cada um dos envolvidos na situação.

Para o informante, o processo de entrevista os faz repensar suas posições dentro dos diferentes papéis desempenhados na vida cotidiana, tanto quanto os que ocupa e talvez intente ainda ocupar, dentro do projeto de mobilidade social, num processo de

reflexão de sua trajetória na sociedade.

Em uma abordagem hermenêutica, como de Paul Ricoeur (1994a), a narrativa faz a trama entre sujeito e história, a partir de sua experiência, que atravessa o coletivo e o social; em uma perspectiva biográfica, a autobiografia, através da história de vida, leva a trajetórias diferenciadas segundo lugares ocupados em relações a outros sujeitos. Neste contexto, o campo social é lugar das possibilidades dos sujeitos. Cornelia Eckert (1988) chama a atenção para uma combinação que é complexa, entre narrativas pessoais, relatos, ciclos de vida, histórias familiares, trajetórias de vida, dentro de um contexto histórico social, onde os sujeitos pesquisados são sujeitos históricos, dotados de identidade, pois suas narrativas contemplam subjetividades suas e de outros sujeitos, os quais se relacionam, nos diferentes espaços, momentos e campos de possibilidade de suas vidas.

Os momentos decisivos para os sujeitos no processo de trajetória e projeto de vida podem ser observados diferentemente segundo uma concepção geral da história destes sujeitos, quando os personagens trazem em suas narrativas aspectos da sociedade de diferentes contextos. Em alguns diferentes contextos e condições em que se encontram os informantes são trazidos aspectos históricos e sociais de suas experiências e valores. A família, o grupo social, o trabalho, eventualmente são explicitados tramando e justificando “escolhas” nos limites dos campos de possibilidades (Bourdieu apud Velho, 1994). De um ponto de vista já distanciado de alguns acontecimentos passados, a partir das provocações da pesquisa, o informante narra e interpreta sua própria vida, compartilhando-a para uma comunidade diferente da dele. Em algumas ocasiões, enquanto pesquisadora-narradora, possuo uma expectativa enquanto pesquisador-ouvinte, principalmente nos casos de informantes que sabem e reivindicam sua legitimidade enquanto narradores do lugar, de uma memória e de suas próprias vidas.

Trata-se de um processo onde se está atento à própria disciplina, um processo de entrevistas, e de relações. O questionamento que Michel Thiollent (1980) serve a uma análise crítica dos procedimentos das ciências sociais em sua obtenção de dados durante os trabalhos de campo. A questão não é descartar as possibilidades de realização de entrevistas, mas criar um espaço de questionamento das tendências que, porventura, e bem possivelmente, venham a mascarar, embaçar, ou deslocar aspectos importantes de

fatos que surgem durante os trabalhos de campo.

A intenção, durante a etnografia, foi problematizar situações de entrevista com os informantes da pesquisa, e alguns aspectos trazidos por Thiollent (1980), no sentido de eu, como pesquisadora, trazer uma pretensão de falsa neutralidade, uma vez que, inevitavelmente, carrego valores e um papel social e político enquanto tal. Também à luz de Aaron Cicourel (1990) importa a pertinência de se prestar atenção durante a obtenção dos dados etnográficos a algumas situações de entrevistas. Por isto transcrevi e analisei seguidas vezes e escutei as gravações em diferentes momentos. Em algumas destas situações, comentários e perguntas são feitas aos informantes de forma um tanto inconsciente, e, posteriormente, após transcrição, relacionadas indiretamente com a intenção e objetivos da pesquisa.

Até recentemente, em relação aos desdobramentos a partir do encontro com os informantes durante incursões de campo, sentia-me desconfortável no tocante às assimetrias entre dois mundos diferentes, o meu e o do informante. Independente de nos encontrarmos em uma sociedade complexa, onde ambos compartilham experiências por vezes comuns, os valores, que são os filtros do mundo, possibilitam um lócus sobre os objetos a partir de ângulos diferenciados.

Os dias passam, e, a princípio, o que viria a ser mais reconfortante, a partir das leituras, transformam-se, no dizer de Luiz de Camões (1988), em um “contentamento-descontente”! Isso porque, nada mais nada menos, para alegria ou tristeza, posto que é inevitável, já que afinal as esferas interna e externa da vida do antropólogo fundem-se. Ao buscar um modo de ver o mundo, menos ingênuo, do ponto de vista da Antropologia, ecoavam hipóteses e intenções por detrás de temas de pesquisa. Assim segui a experiência do trabalho de campo no universo pesquisado, e novos desafios se colocavam para mim como instigantes.

Como trabalhar as sonoridades e quais são as sonoridades dessa memória que se transforma? A partir dessa proposta, continuei indo a campo com a atenção mais voltada a uma escuta que, mesmo durante situações de entrevista, onde aparentemente há um conteúdo verbal/textual, já que há basicamente a fala do entrevistado, optei por dar atenção às entonações da voz, passando a considerá-las como melodias, na possibilidade de trazerem mais ou menos apego afetivo, ou não. Neste período passei a

sofrer importante influência de Luiz Tatit, compositor, cantor, violonista e lingüista, por trazer os diferentes arranjos na forma de contar e cantar as diferentes falas e músicas do cancionero popular brasileiro (Tatit, 1996). Com este artista e pensador, não só a questão da melodia que está nas vozes dos habitantes, mas na também aspectos da paisagem que podem aparecer na melodia - os sons do ambiente, do espaço sonoro; as sonoridades e as ambiências que vão compor paisagens sonoras juntamente com algumas melodias das vozes. Afinal, como o conceito de paisagem, segundo George Simmel (1996), necessita ter algo de humano dentro do seu enquadre, eu me sentia uma alquimista de conceitos, mas com um bom arsenal teórico e metodológico para lançar-me definitivamente na aventura de uma pesquisa de mestrado.

1.4. Por uma antropologia imagética

Sobretudo ao antropólogo na sua tarefa - enquanto ato individual e também dotado de valores culturais – a leitura das imagens dos fenômenos pode se dar pelo processo articulado através do olhar e dos sentimentos. No dizer de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), são três os atos que fundam a prática etnográfica – olhar, ouvir e escrever, onde, através da “domesticação teórica” do imaginário, filtram-se as interpretações dos fenômenos. Para este autor, estes atos, devem questionar o poder do pesquisador no encontro etnográfico, por vezes orientado pelo objetivismo, e ao mesmo tempo integrados, em virtude do olhar, como forma de interpretar, ouvir como ato de atenção, e escrever como ato de construção de conhecimento. Deste conhecimento também faz parte, para o autor, por que não, uma antropologia imagética. Uma sugestão que não encontramos no seu livro, mas sim em entrevista gravada por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, hoje em vídeo intitulado *Iluminando a Face Escura da Lua, uma homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira* (2007).

Esta valorização do tema da imagem, do imaginário, como formas de expressão das representações culturais, é sustentada por importantes antropólogos como David MacDougall (2005), que na perspectiva de uma Antropologia Visual, enfatiza o filme etnográfico que interpreta e comunica, na tentativa de dar sentido, através das categorias nativas, sob a mediação do pesquisador.

Para Boris Kossoy (2002) as imagens fotográficas estão contextualizadas nas imagens mentais de quem as produziu e de quem as recebe – o fotógrafo, ou um etnógrafo, e os leitores. Tanto a intenção de construção, de realização da obra pelo fotógrafo, como pelas diferentes possíveis interpretações a que podem ser dadas, além daquela do autor no momento da fotografia, para ambos os casos, as intenções – de construção e interpretação – são produzidas cultural, estética e ideologicamente. E as imagens mentais das diferentes interpretações não são congeladas, mesmo que a fotografia registre um instante do espaço no tempo, elas são dinâmicas, variando não apenas de leitor para leitor, mas, inclusive em diferentes leituras de um mesmo leitor, conforme suas experiências e suas concepções do mundo.

O mesmo autor, ao analisar os cartões-postais de São Paulo, entre o final do século XIX e a década de 1920, evidencia a questão do assunto nas imagens em circulação. Tais imagens, por serem documentos e circularem acabam por colaborar com a construção de um imaginário sobre a cidade, e, naquele contexto do progresso e de uma negação ao nem tão distante passado colonialista, inclusive destroem outras imagens anteriores, já que, segundo o autor, não somente a cidade antiga não era privilegiada, como estas se constituíam de imagens da cidade em expansão.

Trazendo agora alguns aspectos observados da prática etnográfica, de campo, mas também de pesquisas em acervos de imagem, constato o quanto a argumentação de Kossoy (2002) é válida ainda para os dias atuais, pois os pesquisadores contemporâneos também podem produzir imagens com este olhar progressista. O bairro e a região de Navegantes, onde se situa o universo e objeto de pesquisa, por ter, tal como a São Paulo progressista dos cartões, se constitui de imagens do progresso, habitando os sujeitos por gerações, e fazendo parte da memória social do lugar.

CAPÍTULO 2

Universo de Pesquisa

2.1. A trajetória histórica do bairro

Segundo a Prefeitura Municipal de Porto Alegre o Bairro Navegantes¹ limita-se: a Norte, com os bairros Anchieta e Vila Farrapos; ao Sul, com o bairro São Geraldo; a leste com o bairro São João; e a oeste, com o Guaíba² e o bairro Arquipélago³. Juntamente com o bairro São João, faz parte do 4º Distrito, região a norte da cidade onde se concentrou e se desenvolveu o crescimento urbano mais voltado à indústria e populações trabalhadoras de Porto Alegre. Em um contexto posterior de zoneamento e organização da cidade em virtude dos planos diretores, e o surgimento e direcionamento de bairros mais a norte, além da constante migração interna, de certa forma as indústrias e a população, inicialmente concentradas mais no bairro Navegantes, deslocaram-se cada vez mais para as regiões periféricas, para outros bairros mais a norte e nordeste de Porto Alegre e municípios vizinhos da Região Metropolitana⁴, como Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí e Canoas.

Conhecida como Arraial dos Navegantes, a região dos bairros Navegantes e São Geraldo, até meados do século XIX, era destinada às chácaras e casas de veraneio, sobretudo de autoridades e elites. Ainda entre 1805 a 1810 ocorreu a abertura de uma

¹ Criado pela Lei 2022 de 7/12/1959. População/2000: 4.475 moradores; homens: 2.064 / mulheres: 2.411. Área: 174ha. Densidade: 26hab/ha.

² Os rios formadores do Sistema Guaíba são: Jacuí, Sinos, Caí e Gravataí. Pode-se utilizar o termo “Sistema Guaíba”, ou simplesmente “Guaíba” ao invés das definições de lago, estuário, rio ou lagoa, quando sua exata definição e discussão forem irrelevantes.

³ Formado pelas ilhas do Delta do Jacuí pertencentes a zona urbana e suburbana do município de Porto Alegre, o Bairro Arquipélago constitui-se por 16 ilhas. Estas ilhas, juntamente com as demais ilhas de municípios vizinhos, constituem o Parque Estadual Delta do Jacuí. Conforme a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, somente a Ilha da Pintada, com 426,20 ha, é considerada zona urbana municipal. Segundo o Censo IBGE, 2000, algumas ilhas habitadas do Bairro Arquipélago são Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha da Casa da Pólvora, Ilha da Pintada, Ilha das Flores, Ilha do Pavão, Ilha do Chico Inglês, numa população total de 5.061 habitantes. Criado pela Lei nº 2022 de 7/12/1959, sua área é de 4.718 ha, e a população em 2000 era de 5.061 moradores, enquanto o rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio de 2,96 salários mínimos.

⁴ Fazem parte da Região Metropolitana de Porto Alegre 31 municípios: Alvorada, Araricá, Arroio dos Ratos, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Capela de Santana, Charqueadas, Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Estância Velha, Esteio, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Ivoti, Montenegro, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, São Jerônimo, Parobé, Portão, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Taquara, Triunfo, Viamão.

rua margeando o Guaíba para acesso a estes locais, obra do então Governador do estado, Paulo José da Silva Gama, que idealizou-a com árvores em ambos os lados, inicialmente estendendo-se da Praça Parobé até a Praça Rui Barbosa, e depois, estendendo-se na direção da várzea do rio Gravataí. Concluído por Dom Diogo de Souza, que construiu no arraial uma casa de veraneio, o Caminho Novo se tornaria a Rua Voluntários da Pátria, seguindo até a Avenida Sertório, próximo a igreja Nossa Senhora dos Navegantes.

Alguns locais de Porto Alegre, além da região sul, nessa época eram escolhidos pela população que desejava banhar-se nas águas do Guaíba. Nesta região havia alguns balneários particulares, dotados de certa infra-estrutura como trapiche e casinholas, que proporcionavam lazer aos primeiros banhistas porto-alegrenses, desde que pagassem para usufruir de certa privacidade e comodidade.

Segundo alguns historiadores, como Riopardense de Macedo (1969) o período da Revolução Farroupilha (1835-45) foi crucial para o crescimento da importância desta área na vida urbana porto-alegrense, uma vez que a cidade de Porto Alegre, sitiada inúmeras vezes pelas tropas revolucionárias e espremida contra seus muros de defesa, continuava expandindo sua ocupação também para a região norte, na direção da entrada da cidade. Além disto, durante a revolução dos farrapos, com as barreiras estaduais, o mercado interno rio-grandense toma outro impulso, fazendo com que a comunidade urbana de Porto Alegre, então sede do governo regional, voltasse sua atenção para algumas outras regiões mais periféricas ao Centro, entre as quais, o entorno da orla do Guaíba, e do Caminho Novo, na busca de espaço para comportar a expansão de sua urbe. O depoimento de um entrevistado, Seu Dante, contribui neste sentido ao tratar do tema de trajetória:

Ah, ali também nos Navegantes, é bom frisar isso aí, fazia essas amizade porque **tinha muito campo**⁵ também, né. Então tinha **famílias tradicionais que desbravaram os Navegantes**, onde se inclui a minha família. Tinha a dos Brofato, dos Soster, dos Bernardes, dos Di Giorgio, dos Calamato, dos Camaratta, que é a minha família; tinha a dos Palacini, que era lá perto onde pegava o campo do Renner e parte da Farrapos. Não me ocorre mais outras, mas tinha mais, várias famílias, **tudo de origem italiana**. Quem desbravou os Navegantes e São João foram gente de origem italiana. **Essas famílias então mantinham um vínculo de amizade**, né, e eles

⁵ A denominação “campo” é dada para áreas onde o terreno é mais irregular, em geral, prontas para serem loteadas.

tinham **grandes áreas** como os Brofato, tinha uma área muito grande que pegava da Dona Teodoro lá. (...) Mas taí ó, os alemães foram pra lá, como o Renner, a fábrica Renner, a Rio Guahyba que era o Bier, a Neugebauer. Mas as **famílias que trabalharam**, eram donas da terra, eram quase tudo de origem italiana, basta ver os nomes que eu citei antes, que são sobrenomes. (Dante) [grifos meus]

A partir da decadência do ciclo do charque no Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre passa a se destacar como pólo comercial do Estado, fazendo convergir investimentos, e, aliado ao intenso comércio dos produtos vindos principalmente das colônias alemãs, e do sistema de transportes, desde mulas, cavalos e carroças, até a navegação fluvial e trens, a região de Navegantes vai gradualmente constituindo-se como um bairro, independente de planejamento urbano. Inicialmente, a região próxima ao Rio Gravataí e à estrada para Aldeia dos Anjos servia de entreposto para caixeiros viajantes antes de chegarem ao centro da cidade de Porto Alegre, assim como sua orla, de atracadouro para imigrantes antes de rumarem por via fluvial até as colônias.

Segundo o senhor Henrique, um dos informantes desta pesquisa, onde hoje é a Vila Farrapos e Humaitá, havia o “Mato dos Antero”, uma grande área alagadiça, com campos verdejantes, muita vegetação nativa, acácia e maricás. Para outro informante, o senhor Dante, esta propriedade pertencia à família Mentz. Nas primeiras décadas do século XX este lugar abrigava nos finais de semana, para pastar e descansar, os cavalos de militares e policiais, de carroças de padeiros e verdureiros, dos bondes e fretes.

Henrique Licht (2007) descreve que o Bairro Navegantes começou com um loteamento no entorno da Praça Navegantes. O terreno para construção de uma ermida foi doado pela senhora Margarida Teixeira de Paiva encerrando a disputa da construção da capela de Nossa Senhora de Navegantes e a posse da santa entre os bairros Navegantes e Menino Deus. A área se refere ao espaço compreendido entre a Avenida Sertório e os trilhos de trem, um “triângulo”. Segundo o autor, ali foram fracionados os primeiros lotes de terra juntamente com a doação de parte da área, ainda na década de 1870. Mais tarde esta região seria marcada pelo aterramento.

Outra coisa marcante foi o aterro da praça, pois a praça era um lodaçal: quando vinham as chuvas de verão, ficava todo mundo dentro do banhado mesmo. (...) Esse aterro foi uma coisa fantástica: tinha a linha férrea, então eles tinham que passar o tubo por baixo da linha férrea. Naquele tempo, se fazia captação do Guaíba e eram tubos de 50 ou 60 centímetros de diâmetro, e a draga empurrava. Na prática, o terminal era móvel, conforme a região que faltava aterro. Só que naquele tempo, não havia grade. Então vinha muito peixe. A

gurizada vinha com balde e tudo... Todo mundo era solidário. Ali nos fundos da igreja, junto ao trem, já havia uns cinco ou seis casebres, acho que foram os primeiros de Porto Alegre. Isso foi em 1928. Aquela comunidade era muito pobre, viviam quase de mendicância, e quando houve esse período, foi muito interessante porque todo mundo, nós, os guris, todo mundo ajudava a botar os peixes na lata: era cascudo, lambari, pintado... Isso a gente não esquece. (Henrique)

Já nas primeiras ocupações desta região o transporte foi um fator determinante para a trajetória de seu crescimento como bairro, o estabelecimento de sua população, e o resultante surgimento da região do 4º Distrito e bairros adjacentes. A localização geográfica de Navegantes, junto ao centro da cidade, ao Guaíba e ao rio Gravataí, abrigou em suas terras a movimentação do fluxo migratório e de produtos comercializados entre a capital e interior do estado do Rio Grande do Sul.

A constante presença de imigrantes, inicialmente alemães, e posteriormente italianos, muitos vindos de um contexto europeu de industrialização, aliado à presença da matéria-prima no local, pela navegação fluvial e terrestre, acabou determinando a fixação, na região, de alguns destes imigrantes, mestres de ofício, que, ao invés de rumarem às colônias, ali escolheram ficar para trabalhar ou abrirem fabriquetas.

Também se estabeleceram ali, em torno destas atividades fabris, boa parte da população trabalhadora local, o comércio e serviços. A população local fixou residência devido às condições do acesso às áreas para habitação, bem como através de seus empregadores e da especulação imobiliária. Segundo Alexandre Fortes (2002) algumas empresas possibilitavam vantagens aos funcionários, com destaque especial para a Indústria Renner de tecelagem e fiação, e a empresa de aviação Varig. A Renner parece ser a mais atuante neste sentido - possuía uma creche para funcionários, disponibilizava horários de amamentação para as mães dentro do horário de trabalho, viabilizava custos de alimentação, vestuário e saúde, e até empréstimos e financiamentos para casa própria – inclusive fazendo, desta forma, concorrência com o movimento sindical. Aliado a esse quadro de benefícios, com relação ao modelo de gestão, o sistema patriarcal aplicado no âmbito empregatício resultou em um sentimento comum entre os funcionários, de pertencimento a uma identidade ligada à empresa, ao patrão e aos colegas, e com o empresário proprietário como figura do “grande pai”, como A.J. Renner e Rubem Berta. A autodenominação “nós, do 4º Distrito”, é comumente encontrada por antigos trabalhadores das empresas, ligados ao contexto daquela região como parque industrial

gaúcho. Uma situação que pode servir de termômetro para se verificar isso foi a enchente ocorrida em Porto Alegre no ano de 1941, quando, mesmo com suas casas alagadas pelas águas, os funcionários revezavam-se entre socorrer alternadamente os patrimônios familiares e patronais.

As companhias de loteamentos, sobretudo aquelas que atuaram no mercado de terras da cidade entre os períodos entre 1890 e 1950, segundo Tânia Marques Strohaecker (2005), tinham como acionistas majoritários pessoas que ocupavam cargos estratégicos do setor público, e possuíam ações de empresas do setor privado responsáveis por serviços fundamentais à cidade e sua urbanização. A Companhia Territorial Porto Alegrense, mais tarde Companhia Predial e Agrícola, de 1890 até a década de 1920, monopolizou a especulação imobiliária. Já a empresa Schilling Kuss & Cia. Ltda., atuou entre as décadas de 1930 e 50, períodos dos melhoramentos da cidade, inclusive do plano de melhoramentos de João Moreira Maciel. A autora ressalta que ambas as empresas utilizavam como estratégia as condições e o acesso aos locais e a legislação municipal, ainda um tanto vaga quando às contrapartidas dos loteamentos, através de contratos com empresas prestadoras de serviços, como empresas de ônibus e de saneamento. Por exemplo, Manoel Py, ocupou cargos públicos de tenente-coronel da Guarda Nacional e deputado estadual e federal, e cargos privados como diretor das companhias Hidráulica e Carris Porto-Alegrense, além de sócio majoritário fundador da Cia. Fiação de Tecidos Porto Alegrense, a Fiateci.

Para Strohaecker (2005), a Companhia Predial e Agrícola possuía um considerável patrimônio fundiário em áreas da periferia da cidade nas zonas sul e norte. Os bairros Navegantes e São Geraldo tiveram crescimento de moradias a partir de 1925, com a maioria dos prédios residenciais em madeira, apontando para uma população de baixa renda. Ainda segundo a autora, após a implantação de infra-estrutura urbana (como transportes, calçamento, iluminação e saneamento) é que esta região tornou-se mais valorizada, mesmo perdendo em salubridade para outras áreas, bem mais valorizadas, como Bela Vista e Independência.

Tinha a Rua Frederico Mentz, ela desembocava no - **hoje é tudo cidade** – era no famoso Mato dos Antero, propriedade dos Mentz. E lá prá trás, aquilo lá era um mato cerrado, aonde **a gente chegava a se perder**; vinha até aqui à beira do rio Gravataí. Tinha a estradinha, aonde tá a federal era uma estradinha estadual. Era essa estradinha que passava aqui em Sapucaia e ia até São Leopoldo. E o Mato dos

Antero vinha lá pelos Navegante, aonde tá – já viu ali onde tá a garagem das Lojas Colombo? Onde tá o Zamproga, aonde está aquela garagem da Tresmaiense, e outras. E aquelas malocas todas ali. – Tudo que tá ali, aquilo tudo era o Mato dos Anteros. Porque, tinha uma coisa: o rio foi aterrado, onde tá a estrada, a Castelo Branco, aquilo ali era rio, ali era o Saco do Cabral, eles chamavam. Então onde estão aquelas malocas era mato, era mato tudo ali. (Dante) [grifos meus]

Após os primeiros habitantes a se estabelecer na região de Navegantes e 4º Distrito - imigrantes alemães e italianos, descendentes seus e de imigrantes das colônias, além de imigrantes de outros países como poloneses - também foram atraídos para morar e trabalhar nas indústrias de Porto Alegre os migrantes vindos das áreas de colonização e do interior do Rio Grande do Sul, sobretudo ente 1920 e 60.

Deste processo originaram-se vilas operárias próximo às indústrias, cuja população então se constituía através de diversos fluxos migratórios, externos e internos. No contexto onde a maioria dos industriais locais era formada de teuto e ítalo-brasileiros, estabelecia-se uma sobreposição e hierarquia entre relações de classe e inter-étnicas, especialmente no Bairro Navegantes, por ser um local onde se concentravam muitas indústrias e residências, principalmente ao longo da Rua Voluntários da Pátria. A constante demanda de mão-de-obra, a limitada possibilidade de mobilidade social, além das vantagens do modelo paternalista de organização trabalhista, geraram um espaço de identidade e pertença das camadas populares, em geral trabalhadores nas indústrias e outras empresas de setores na região.

Foram determinantes também na constituição da identidade do bairro espaços de sociabilidade, como os clubes freqüentados por teutos ou ítalo-brasileiros, mas também a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, além do próprio cotidiano dos trabalhadores e moradores, freqüentando a vida social diurna e noturna, em seus comércios e serviços, desde baratinhos e armazéns, mercadinhos e mini-mercados, restaurantes, lancherias e bares, clubes e salões de baile. Tanto para quem mora na região ou em bairros próximos, a região oferecia uma sociabilidade em lugares ao longo da Avenida Eduardo, atual Presidente Roosevelt, como a Praça Pinheiro Machado, os clubes como o Navegantes-São João e o Gondoleiros, bares, sorveterias e confeitarias.

Com os processos de expansão da malha urbana, mas principalmente com os últimos planos diretores, a população de baixa renda transferiu-se para bairros

periféricos mais a Norte da cidade e para os municípios vizinhos que formam a Região Metropolitana de Porto Alegre. Algumas lembranças de Seu Dante das formas circulação mostram a ambiência cotidiana do contexto dos itinerários de outra época:

O poder aquisitivo era bem maior do que hoje. Quer ver uma coisa: a passagem de bonde era trezentos réis. Meu tio pão-duro, tio Miguel, eu tava esperando o ônibus na Avenida Farrapos com a Sertório, uma quadra além era o fim da linha do Bonde Navegantes, e o meu tio chegou e perguntou “o que tu tá fazendo aí?”, de manhã, né. Digo “eu tô esperando o ônibus!”. “Mas tu não pode ir mais uma quadra ali e pegar o bonde, que é trezentos réis, e o ônibus é quatrocentos?”. Eu digo “tio, o ônibus é mais rápido, né”. Porque o bonde segue aquela linha né, naquele tempo tinha muita carroça, trancava muito, tinha os carroções. Naquele tempo mudanças era feito tudo com os carroções. Tinha carroças de duas rodas e de quatro rodas, tinha o homem que conduzia, e eram quatro cavalos que puxava a carroça. Os barcos, sabe o que eles faziam? O que hoje esses caminhões fazem aí do interior, que trazem produtos, né. Os barcos traziam melancias, traziam fruta, tinha barco que trazia areia, tinha barco que trazia tijolos, tinha outros que... leite. Era essa a função dos barcos. Ali nos Navegantes era embarcação menor. Tinha barcos pequenos, mas isso era pro interior do estado, ali pra Taquari, Montenegro, pro Caí, essas cidadezinhas. Eu fui até Montenegro, até Caí também. Ah, era uma viagem monótona, sabe por quê? Porque era barcos de passageiros. Então eles iam pegando passageiros no curso da viagem. Então na beira do rio o cara botava lá um, tipo duma bandeira, um sinal, pro barco chegar, aí o comandante do barco lá, ia dirigindo o barco, ele via aquilo ali, aí o barco encostava lá. Em Montenegro eu desci na casa do sogro do meu irmão, não era assim de fim de linha, ele ia pipocando. (Dante)

Talvez ainda hoje certo fluxo de migração interna se mantenha, ainda que seu ritmo seja discreto em relação ao “tempo do progresso” no bairro, no período em que abrigava ainda muitas indústrias, sobretudo entre os anos 20 e 60 do século XX. Neste sentido, o bairro ainda apresenta-se na memória coletiva da classe trabalhadora urbana porto-alegrense, como um lugar de acolhida para a população migrante, caracterizada pela construção de projetos individuais de melhorias de suas condições de vida, para quem a cidade moderna, urbana e industrial, de certa forma, desponta como fonte de prestígio e status pelo valor simbólico estrutural e estruturante que encerra em termos das transformações que lhes possibilita em estilo de vida e visão de mundo.

2.2. Desvendando o bairro

Situado na zona norte da cidade de Porto Alegre, o bairro Navegantes tem como referência grandes depósitos, empresas de distribuição de produtos diversos, garagens e pátios de empresas de ônibus e transportadoras, algumas indústrias, antigos sobrados e imóveis sub-alugados, vilas irregulares.

Segundo Ruben Oliven (1980), em pesquisa realizada em diferentes bairros da cidade de Porto Alegre, o Bairro Navegantes constitui-se das camadas médias inferiores da população – operários, comerciários, trabalhadores autônomos, por ofício, formais e informais. Além da população “ativa”, referenciada em algumas pesquisas, também uma população relativamente invisível habita o bairro - antigos moradores, trabalhadores aposentados, desempregados, carroceiros, catadores, papelheiros, carrinheiros, prostitutas, travestis, sem ocupação, moradores de rua, migrantes recém chegados e em situação de vulnerabilidade social. Essa população pode trazer as táticas e estratégias de seu cotidiano, à luz de Michel De Certeau (1994), nas práticas e gestos de habitar e conviver o lugar.

Em uma caminhada pelo Bairro Navegantes se instauram dúvidas e inquietações a partir da minha percepção sobre a qualidade de vida no bairro, ora parecendo abandonado, ora agitado. Percebia as ruínas de algumas indústrias tradicionais que ali funcionaram, mas que, ao se expandirem, se deslocaram para outros territórios da Região Metropolitana, levando, neste processo, parte significativa de sua população⁶.

De fato há um senso comum da cidade que aponta o Bairro Navegantes como dotado de um vazio e marasmo, que até pode ser percebido em um primeiro momento e de forma mais superficial, mas, aos poucos, com um olhar e escuta mais atentos, a descoberta de lugares específicos do bairro vai evidenciando outros aspectos que, juntos, tornam menos “homogêneo” este lugar. Ainda De Certeau (1994) chama atenção para nossas análises em relação a degradação das cidades, em que é necessário mais do que um olhar superficial e uma reflexão apriorística para entrar no bairro. A partir de uma entrada mais atenta nas rotinas dos habitantes no Bairro Navegantes, percebem-se, além de seus grandes espaços vazios, alguns nichos super-habitados, e alguns locais de

⁶ Considerada a quarta região metropolitana mais populosa do Brasil, depois de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, a Região Metropolitana de Porto Alegre - “RMPA” - segundo IBGE, 2007 possui 3.959.807 habitantes, representando mais de 35% da população do estado do Rio Grande do Sul. Já a população total de Porto Alegre, segundo IBGE, é de mais de 1.360 habitantes, com densidade de 29 habitantes/hectare, e crescimento populacional de 1,35% ao ano.

diferentes apropriações regidos pelo trabalho, sociabilidades, formas de consumo, crenças e manifestações religiosas.

Este bairro, historicamente industrial, foi sendo gradualmente ocupado. Primeiramente, através dos caminhos por onde percorriam caixeiros viajantes e colonos, e posteriormente, as conseqüências que a matéria prima disponível na região, seja por via terrestre ou fluvial, proporcionaria, na resultante instalação de artesãos, oficinas, fábricas e indústrias. Entre outros locais do bairro, também no entorno da igreja e de sua praça, uma significativa população migrante vai fixando raízes.

Marco no bairro, e um de seus mitos de fundação, a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, desde a construção de uma ermida e posterior capela em homenagem à santa, faz convergir etnias e crenças com a festa anual da santa Nossa Senhora dos Navegantes, ou da orixá Yemanjá.

Sob o discurso da modernização e do planejamento, o Bairro Navegantes cresceu abrigando centena de indústrias e operários, e posteriormente as populações atraídas pelo seu crescimento e possibilidades de trabalho e moradia. Além das demandas de mão-de-obra das indústrias, e das intervenções das vias ferroviárias e rodoviárias, internas e de acesso, também Travessia Regis Bittencourt foi uma obra que causou tanto intervenção no lugar quanto “incremento” econômico e populacional.

A rua principal que tinha ali nos Navegantes era a Rua Sertório. Inicialmente, muitos anos ela ainda não era calçada, depois veio o calçamento, e eles aterraram, e fizeram lá em cima e os terrenos ficaram tudo lá embaixo, depois é que o pessoal foi aterrando, aos poucos, a Rua Dona Margarida, ali, da Sertório até a Farrapos, que depois construíram a Farrapos – foi Loureiro da Silva que construiu a Farrapos. Naquela época chamaram ele de louco, porque ele construiu uma avenida tão suntuosa, tão larga, e hoje ele provaria que está certo, que a Farrapos até tá estreita. (...) E a Farrapos naquele tempo ela não tinha o canteiro central, era canteiros laterais porque tinha duas avenidazinhas laterais, né. É porque não tinha tanto movimento. Depois construíram, mudaram o aeroporto, que é uma continuação dos Navegantes. O aeroporto era chamado aeroporto São João; era ali na Rua 15 de novembro com a Rua Augusto Severo. Ainda me lembro essa aqui, foi até quando o falecido Getúlio Vargas veio de Itu, ele retornou pra assumir a Presidência da República, então o povo foi em massa pra lá, mas foi ainda no Aeroporto São João. Então a entrada de todo o movimento passava pelos Navegantes, pela Rua Sertório que ia quase desembocar no Aeroporto São João, Depois é que fizeram o Salgado Filho. (Dante)

Uma série de modificações no bairro ao longo do século XX também acabou por constituir sua especificidade. Entrecortado pelos trilhos do trem metropolitano, pela auto-estrada, a ponte Getúlio Vargas, e avenidas de grande circulação como a Avenida Sertório e Avenida Voluntários da Pátria, o bairro Navegantes passou por mudanças significativas nas últimas décadas.

Sobretudo a partir da década de 1960, com as políticas habitacionais e os planos diretores, visando a regionalização da cidade, é que o bairro passa a ser contemplado com planejamento da gestão municipal, de modo um pouco mais organizado, tanto para abarcar obras viárias de entrada e saída da cidade como para deslocar indústrias e população trabalhadora, numa outra perspectiva de zoneamento da cidade, através de planos diretores. Com sua população, de antigos moradores e familiares, e a maioria das indústrias, transferindo-se gradualmente para bairros periféricos ou municípios vizinhos da região metropolitana, muitos lugares do bairro passaram a apresentar “vazios” fora do horário “comercial” do dia, ou dos dias “úteis” da semana. Mas as imensas paredes e muros dos prédios de depósitos e firmas ecoam uma intensa vida social inevitavelmente ainda ligada ao trabalho. À luz de Pierre Sansot (1986), observando o bairro de forma mais sensível, não somente os horários de entrada, saída e intervalo, mas também a partir de alguns lugares específicos, outros aspectos passam a chamar a atenção e à reflexão antropológica.

As mudanças no espaço são significativas. Na esquina das ruas Frederico Mentz esquina com a Rua Dona Margarida – importante acesso às antigas Indústrias Renner e Rio Guahyba -, a passagem é interrompida pelos trilhos do trem metropolitano Trensurb, possuindo, neste trecho, uma passarela de acesso à continuação da Rua Frederico Mentz e ao *shopping* DC Navegantes. Este centro de compras ocupa prédios das antigas indústrias, numa tentativa de reativar o local com uma nova “vocaçãõ”, a do comércio, além de possuir espaços de lazer que abrigam teatro infantil, adulto, espetáculos musicais inclusive ao vivo, festas jovens e exposições artísticas.

Junto ao entroncamento das duas ruas, entre o muro de proteção dos trilhos do trem e a passarela, uma pequena lancheria parece ser parte fundamental da rede de vizinhança pelo transito de pessoas ali. Sua proprietária, Ângela, que reluta em sair do lugar, em meio à possibilidade de seu investimento não vingar. O imóvel é lancheria e residência, pois ali também reside com sua filha. Possui uma visão privilegiada dos

passantes, e a localização possibilita certo controle do vai-e-vem dos vizinhos e trabalhadores da região e vizinhança, muitos já conhecidos ou mapeados por ela. Há meia quadra há um cortiço chamado de Casarão, ocupado por muitos travestis. Também alguns antigos do lugar alugam peças em suas casas, onde trabalhadores como motoristas, mecânicos e operários da construção civil instalam-se. As residências mais antigas, sobretudo em ocasião do falecimento de proprietários idosos, acabam sendo compradas por empresas já instaladas na região. Os habitantes do lugar passam pela lancheria, mesmo sem consumir, para trocar informações as mais diversas, mas principalmente conversar.

Aspectos do bairro Navegantes, mesmo em seu contexto atual – como os grandes prédios de depósitos e de antigas indústrias, as habitações de operários, os edifícios residenciais, os trilhos de trens, os papeleiros em seus carrinhos e carroças –, evocam seus momentos anteriores de seu período fabril-industrial, na época da navegação fluvial, das ferrovias e caixeiros-viajantes. É grande a circulação de pessoas transportando produtos como parte de seu trabalho, incluindo-se aqui, além dos carroceiros⁷ e carrinheiros⁸, *motoboy*s⁹ e veículos das empresas de distribuição, caminhões, camionetes e automóveis em geral. O lugar parece uma convergência de usos e apropriações das mais diversas, concretizadas na diversidade de empresas e habitações. O bairro concentra hoje, não somente uma série de empresas de representação e distribuição, de vários segmentos, além de algumas indústrias, ainda muitos moradores mais antigos, que resistem em permanecer no local, e também uma população que encontra nos baixos valores de aluguel, como nas peças, cortiços e vilas, espaços de habitação alternativos aos municípios da região metropolitana ou bairros mais distantes, já que este lugar tem localização privilegiada na cidade, próxima ao Centro e de fácil deslocamento para qualquer lugar da cidade e região metropolitana.

Certo abandono do lugar é visível muito mais através de seu regime diurno, no dizer de Gilbert Durand (1997); porém, o Bairro Navegantes, e digamos uma certa região sua, apresenta uma outra organização moral, a partir do ponto de vista de seus habitantes e de sua ocupação “não oficial”, noturna. Antigos moradores, juntamente

⁷ Trabalhadores que utilizam carroça com cavalo como meio de transporte, e trabalham geralmente com frete, entregas, agricultura ou reciclados.

⁸ Pessoas que trabalham geralmente com materiais reciclados ou comércio de utensílios domésticos, que utilizam carrinho de metal ou madeira, puxado manualmente, para transporte de materiais.

⁹ Trabalhadores de entrega que utilizam motocicleta como meio de transporte.

com a população flutuante, apontam tanto para táticas de sobrevivência e usos do espaço público, urbano, como para redes de solidariedade extra-familiar. E este é um Bairro Navegantes que não se apresenta evidente, no discurso senso-comum da cidade.

Além disso, frente a esta organização moral, que segundo Robert Park (1976), interage com a organização física, o que o futuro reserva para este bairro, de localização privilegiada para a especulação imobiliária faz pensar as acomodações que seus habitantes mais enraizados tiveram e ainda terão de fazer, e mesmo assim, encontram-se alguns focos de permanência ao lugar.

Seu Mário, um dos informantes, observando as novas transformações em curso, relata:

Por aqui é o seguinte: essa rua aqui não vão mexer. Parou o movimento aqui. Tava no plano, a Voluntários, mas morreu, parece que eles não vão alargar. A Cairú, dizem, já caiu fora dos planos, não tem mais aquele plano diretor para ela, porque modificou a entrada, que agora a entrada é pela ponte, pela Sertório. Aqui morreu, morreu mesmo. Aqui recuaram. Mas não tinha necessidade para alargar, quer dizer, então dá duas voltas grandes, ali... Por que vai mexer com a Neugebauer ali? Quem vai mexer? Aí é que tá, embora a Neugebauer tenha estrutura... Mas e aí, vão fazer o quê? Vão demolir aquela parte toda ali? Claro que não. Isso tudo é conversa, tudo é história. Muita... O que vai sair onde era a Coca Cola, sim, ali vai sair uma coisa muito boa. A Vonpar saiu, a Vonpar não está mais ali. Querem fazer um núcleo residencial, ali. Tem a avenida onde era a Vonpar, daí tem a Avenida Santos Dummont, logo em seguida tem um quadrado, que tinha umas casas velhas. Pois é. Ali vão fazer edifícios de apartamentos. Polônia, São Paulo, Guido Mondim e Santos Dummont é um quadrado. Querem fazer um núcleo residencial onde era a Coca Cola, então vão vir até a Voluntários. Imagina, são 300 metros. Se foi vendida, não sei se foi vendida; amanhã eu vou perguntar para o padre se foi vendido ou não. (Mário)

A partir de Moles&Rohmer (1982), tendo o lugar como espaço privilegiado da cotidianidade, a percepção da riqueza das relações que se dão no bairro aponta para uma diferente abordagem, que não o estigmatize como passivo ou sem vida frente às dinâmicas da cidade, pelo contrário. Traçando uma trajetória do lugar percebem-se as sucessivas e constantes intervenções, tanto aquelas naturais, pelas inundações e enchentes, como a de 1941, como aquelas do poder público e iniciativa privada.

Sua população, mencionada anteriormente a partir de estudos de Oliven (1980), seria predominantemente da classe média baixa - em sua maioria, trabalhadores, mais

recentemente, grande parte, informais, formada de grupos sociais das camadas populares - das classes trabalhadas urbanas.

Porém, recentemente observa-se um fenômeno de apropriação ou re-apropriação de espaços – terrenos, depósitos, prédios, antigas casas - também por artistas e profissionais autônomos, inclusive de nível superior - *designs*, escultores, pintores, assim como arquitetos e engenheiros. Este fenômeno vem ocorrendo, sobretudo, nos últimos meses; a princípio insignificante do ponto de vista quantitativo, mas nem por isso com pouca repercussão, mesmo que não seja tão evidente. Estas ocupações, e as conseqüentes intervenções artísticas resultantes de projetos culturais no espaço público local, dão visibilidade ao bairro, sobretudo na imprensa, valorizando o solo urbano, e trazendo à tona possibilidades desta região na ocupação urbana, já que possui grandes áreas ociosas e relativamente disponíveis para abrigar condomínios, prédios, residências, comércio e serviços.

Tem recebido destaque na imprensa, nas discussões do Plano Diretor e Orçamento Participativo, mas também nas conversas entre habitantes do bairro o projeto Portais da Cidade, proposta de uma série de obras da Prefeitura Municipal na região de entorno ao Centro da cidade. Em decorrência direta e indireta, promove também um impacto sobre as áreas em latência imobiliária da Zona Norte. Este projeto soma-se ao Corredor de Desenvolvimento, que moderniza e entrada da cidade via fluvial, terrestre e aérea, e também ao Porto Alegre Tecnópole, que converge no Bairro Navegantes uma série de empresas de tecnologia de ponta não em eletro-eletrônicos e informática.

Idealizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em parceria com empresa internacional de transporte coletivo urbano, o Projeto Portais prevê a utilização de três terminais de embarque e desembarque de passageiros, usuários do sistema de transporte municipal. Tais terminais estão projetados para localizarem-se próximo ao Centro, antes de chegar a seu núcleo central, em bairros adjacentes, na tentativa de reduzir o fluxo de pedestres e ônibus no Centro, demasiadamente intenso. Tem o intuito ainda de “revitalizá-lo”, orientando sua ocupação e re-funcionalização para o turismo histórico-cultural, semelhante às cidades de Curitiba e Montevideú. A alternativa-proposta do Projeto Portais é de que a população trabalhadora não necessite chegar até o Centro, desembarcando antes para realizar o trajeto a seus destinos, os bairros onde situam-se

seus locais de trabalho e residência. Um dos portais está projetado para ser localizado na Avenida Cairú, e deve concentrar as linhas de ônibus do transporte municipal e intermunicipal, em cuja mesma localização já existe atualmente outro terminal em funcionamento, de forma mais simplificada.

A respeito de seus itinerários urbanos no passado, o senhor Dante relata:

Eu ia e voltava de bonde. Eu subia aquela Rua da Conceição até onde tá aquele viaduto ali, me lembro bem direitinho. Subia a Conceição até a Independência lá em cima e ia ali pro Rosário. E naquele tempo os padres impunham a lei deles né, a mania do colégio, tinha que ser de manhã e de tarde. Só um ano, assim que meu pai pode, e eu fiquei assim como semi-interno no colégio. Era um gasto muito grande, viu. E depois, tinha uma coisa, a gente tinha que pegar quatro vezes por dia o bonde, ida e volta lá, aquilo era uma tortura. Porto Alegre tinha quatro ginásios só, masculinos, né. (...) **Era um sonho dele vir até a avenida Ceará, dava três quadras, entrava na Sertório. Porque naquele tempo, Porto Alegre tinha um contrato, não podia se expandir porque, além da linha de bonde muito pouco crescia a cidade, e tinha um contrato não sei se foi por 20 anos que não podia ter outro meio de transporte a não ser o bonde.** Então todo mundo esperava. Quando terminou o contrato, entraram os ônibus, e foi quando Porto Alegre começou a se expandir, porque não tinha transporte. Não se procurava ir além disso aí, dos fins de linha dos bondes. (Dante) [grifos meus]

O processo sócio-histórico de ocupação das terras no território brasileiro, passa por subjetividades que até hoje se confrontam, segundo direitos de uso do solo, para fins de apropriação econômica, mas também, de significado identitário. Sobretudo para os grupos considerados como “minorias étnicas” – como os indígenas e descendentes de escravos -, a luta por direitos de seus territórios ancestrais significa a manutenção de sentidos de suas pertencas comuns. Neste sentido, a memória das interações dentro e fora da comunidade, é também uma memória de como, no processo de formação de uma coesão social, no caso de uma identidade do Bairro Navegantes ou da região do 4º Distrito, houveram deslocamentos de limites espaciais, mas também, de subjetividades nos espaços em questão.

Através de uma série de modificações - ocorridas pelo aterro na orla do Guaíba e conseqüente afastamento em relação aos seus limites com o bairro, o sistema de infraestrutura ferroviária e rodoviária, como os trilhos de trem, sobretudo seu cercamento de proteção, a ponte do Guaíba/Travessia Régis Bitencourt e a Avenida Castelo Branco com seu alto talude - o Bairro Navegantes acabou, por assim dizer, sendo dividido,

reduzido, além de perder sua vista para o Guaíba e Ilhas, mas também ficando um tanto escondido para parte da cidade. Sendo o Navegantes um bairro de menos prestígio social, como observado por Ruben Oliven (1980), seus bairros adjacentes ou próximos - São Geraldo, Floresta e São João - ficaram, por um período ou até hoje, mais valorizados.

Alguns antigos habitantes desta região, trabalhadores aposentados, freqüentadores, moradores ex e atuais, ainda possuem um forte vínculo com o lugar, seja através do fato de ainda morarem ali, ou de retornarem seguidamente visitando antigos vizinhos e amigos, assistindo à missa na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, ou interagindo com as sociabilidades promovidas no bairro como a Festa de Navegantes.

Alguns resistem em mudar-se dali, mesmo com a pressão da especulação imobiliária, com certa ambiência de abandono do bairro em muitos de seus lugares, e tendo boa parte de seus vizinhos, parentes e amigos gradualmente se mudado do bairro, dando lugar a empresas ou a áreas de latência imobiliária. Este aspecto é observado em parte desta vizinhança, que apresenta em suas trajetórias de experiência urbana reflexos das dinâmicas nas formas de habitar e trabalhar na cidade, como profissionais autônomos, que ali nasceram, e ali constituíram família e negócios. Lembrando-me que Seu Dante e Seu Mário mencionaram que o Navegantes era também conhecido por “bairro-cidade”, Seu Alberto, outro entrevistado, nos conta:

Todas as grandes organizações tinham filial aqui, tais como Casa Carvalho, Casa Masson, Americanas, Brasileiras, tudo tinha filial aqui. Principalmente aqui nesse trecho da Conde Porto Alegre, aqui. As grandes organizações tudo era filial aí. Então aqui as vitrines de noite, as gurias daqui, tinha muita moça naquele tempo, a Nina era guriuzinha pequena, mas as irmãs dela, que, tinha muita moça aqui nessa zona, né... Nessa zona aqui morava muito era... Hoje é quase que indústria, né. Antigamente era tudo residencial. Casa de família Era tudo família. Desde aqui até lá embaixo era família. (Alberto)

Dentre os antigos e até os mais recentes moradores – homens e mulheres, idosos e jovens, trabalhadores locais ou eventuais, ex-moradores ou freqüentadores – o que se destaca, por vezes em aparente oposição, são os pontos de vista em relação ao passado e ao futuro. Mesmo habitantes mais jovens relembram um tempo do bairro, um tempo que já passou, compartilhando de uma memória fabril dos mais velhos locais. Paralelo a

isso, parte da população também demonstra um anseio em relação ao futuro, da região e também de suas trajetórias, no lugar, e na cidade. Já para os habitantes mais antigos, um tempo idealizado, vivido anteriormente, pode apontar para o desejo, no tempo presente, para uma forma de se viver o futuro também numa continuidade. Para Cornelia Eckert (1993) em sua etnografia junto aos mineiros do carvão, os “tempos de crise” são momentos do vivido onde se atualiza o pertencimento, e em tais reordenamentos da memória importa reconhecer o rearranjo do tempo e dos espaços vividos.

Assim como no “tempo do progresso” do Bairro Navegantes, hoje se encontram moradores que vêm do interior do Estado, que apresentam os contornos de uma trajetória orientada para um projeto de ascensão social dado no itinerário de seus deslocamentos numa grande cidade, em busca de trabalho, dinheiro, e felicidade. Entretanto, a diferença dos antigos moradores com o atual contexto, de um mundo urbano globalizado, tais migrantes, que fazem do bairro seu primeiro lugar de moradia em Porto Alegre, não encontram hoje a efervescência econômica da época fabril-industrial, que caracterizou “a época de ouro” do Bairro Navegantes. Segundo relatos de antigos habitantes, o Bairro Navegantes sempre teria tido esta função de acolher homens e mulheres em processo de desenraizamento-enraizamento típico das migrações interior-capital, campo-cidade. No interior desta população encontram-se alguns grupos sociais e indivíduos, sujeitos desta pesquisa, como é o caso de alguns dos moradores do entorno das ruas Polônia e Cairú, mas, sobretudo, da Praça Navegantes e Rua Dona Margarida, onde alugam-se e subalugam-se peças para novos habitantes, migrantes recém chegados ou não.

Realizei a etnografia de rua praticamente em dois momentos e espaços que se entrecruzam através das redes de informantes, e estes espaços, delimitados em momentos em separado, são denominados genericamente de Núcleo 1 e Núcleo 2, devido à constituição das redes que se originaram para cada um deles.

Inicialmente percorri as ruas Polônia, São Paulo, Guido Mondin, e avenidas Presidente Roosevelt e Cairú. Aqui, pude observar um cotidiano que pensava ser diferente de outros lugares do bairro em geral. Chamei este local de um “interior”, delimitado principalmente pelas avenidas Farrapos e Voluntários da Pátria. Mais tarde, avançando na pesquisa de campo, durante incursões mais um pouco a norte deste lugar, percebi que, além das diferenças, algumas características se mantinham para este outro

lugar, entre as avenidas Sertório e Farrapos, mais especificamente nas imediações da Praça Navegantes e Rua Dona Margarida.

2.3. O Núcleo 1: Ruas Polônia e Cairú

Denominaremos de Núcleo 1 as imediações das ruas Polônia, Ernesto da Fontoura, Santos Dumont e São Paulo, especialmente no entorno das avenidas Presidente Roosevelt, Voluntários da Pátria e Cairú. Na Rua Polônia, num trajeto relativamente curto, da Voluntários da Pátria em direção à Presidente Roosevelt, ocupações muito diversas em um curto espaço constituem uma paisagem sonora com característica peculiar a este trecho, mas semelhantes a outros pontos dotados com a mesma dinâmica.

Este lugar abriga o vai-e-vem de caminhões, especialmente em certos momentos dos turnos manhã e tarde, fazendo lembrar o ruído da Avenida Brasil, que tem grande circulação destes veículos, ambos os lugares tendo a cobertura do calçamento de pedras. Já no horário do almoço as sonoridades o fluxo de veículos diminui, deixando emergir os sons das sociabilidades, boa parte masculina, em torno dos restaurantes, nas portas das empresas, e nas calçadas. Além disso, em ambos horários, é impossível não perceber o cantar dos muitos pássaros, vindos dos fios de luz, das árvores nas ruas e pátios das empresas, e dos telhados dos imensos prédios. Já na Avenida Presidente Roosevelt a dinâmica de pedestres, automóveis, motocicletas, carroças e ônibus é quase constante, pela quantidade e diversidade de comércio e serviços ali, podendo ser considerado como um pequeno centro dos bairros do entorno, São Geraldo, Navegantes e Vila Farrapos.

Muitas ruas paralelas entre as avenidas Voluntários da Pátria e Presidente Roosevelt possuem uma calma durante seus turnos, rompida com as sociabilidades de entrada e saída do trabalho, principalmente, no intervalo do meio-dia, quando os colegas podem conversar melhor. Ainda encontram-se casas de madeira antigas, tanto neste “interior” do quarteirão, como na Avenida Presidente Roosevelt. Seu Airton, que mora desde criança na região, possui uma oficina de serralheria nos fundos de sua casa de madeira na Rua Polônia. Parte dos moradores e trabalhadores dali, assim como Seu Airton, influenciados pelo futebol de divisões e de várzea, fazem das partidas entre times rivais, como Grêmio e Internacional, ou de empresas diferentes, o motivo das

grandes sociabilidades do intervalo do almoço. As altas risadas em decorrência das chacotas com os torcedores perdedores, também chamados sofredores, além do acréscimo das estações de rádio ligadas a alto volume nos programas esportivos do horário do meio-dia, são as sonoridades que tomam conta do local neste momento.

Aqui, uma forte sociabilidade concentra-se no horário do almoço; trabalhadores se encontram, não mais em refeitórios das fábricas, mas em torno de vários pequenos restaurantes que se concentram em alguns locais do lugar, na Avenida Presidente Roosevelt ou nas ruas adjacentes a ela. Grande parte da população de baixa renda da cidade que habita esta região utiliza-se dos serviços do restaurante Prato Popular, localizado quase no cruzamento das ruas São Paulo e Guido Mondin. O público do Prato Popular é, em sua maioria, trabalhadores informais e de reciclados – carrinheiros, papeleiros, carroceiros -, alguns poucos funcionários de empresas do entorno, além de desocupados e moradores de rua, afinal, o almoço custa apenas um real. O burburinho de conversas em tom mais calmo, quando ocorrem durante as refeições e o som das televisões no telejornal local, além dos garfos e facas nos pratos é o som predominante em um dado momento do intervalo do almoço. Em seguida, o ambiente é novamente tomado pelas sociabilidades de saída dos restaurantes, antes de retornar ao trabalho no turno da tarde, com sons de risos e rádio. Essa alternância de sonoridades acontece um tanto rapidamente e é bem delimitada. A visível maioria sai do turno da manhã para o intervalo do almoço praticamente do mesmo horário, entre as 12h30 e 12h, quando ocorre uma forte e entusiasmada sociabilidade muito rapidamente, e logo todos estão almoçando juntos, e depois, caminhando ou recostados nas paredes, muros, árvores, veículos estacionados e calçadas, aproveitando os minutos que ainda restam antes de terminar “o horário do meio-dia”. Alguns freqüentadores do restaurante Prato Popular, como Cristiano, não são moradores do local, tendo, por exemplo, que atravessar a Ponte do Guaíba, diariamente, às vezes mais de uma vez por dia, de carroça ou a pé.

Assim como Cristiano, alguns carroceiros e papeleiros deslocam-se pelo bairro, tomando principalmente as avenidas e ruas Presidente Roosevelt, São Paulo, Dr. Timóteo e Cairú, onde se concentram muitas empresas. Retiram inclusive nos finais de semana e/ou durante a noite, papel, plástico e papelão, das indústrias e principalmente das empresas de distribuição da região, além de outros pontos como supermercados e hotéis dos bairros São João e Floresta. Esta rotina de trabalho é diária no bairro, e

caracterizada pela velocidade de deslocamento, pois os carroceiros têm horários de retirada nas empresas.

Serão nossos conhecidos das etnografias nas ruas, entre outros habitantes, Cristiano, Seu Mário, Airton e Lair. Suas histórias correlacionam-se de forma peculiar com a cidade e o bairro, através do viver cotidiano, pelas sociabilidades e pelo trabalho, e por aderirem a fazeres e lugares, configurando práticas e trajetos que dizem respeito ao que o bairro evoca na cidade, em sua memória coletiva, atravessada pelas experiências individuais dos habitantes locais, que habitam também outros lugares da cidade.

2.4. O Núcleo 2: Rua Dona Margarida e Praça Navegantes

O que chamaremos de Núcleo 2 pode ser considerado simbolicamente um pedaço do bairro Navegantes, e situa-se entre a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, a passarela sobre os trilhos do trem metropolitano próximo ao Shopping DC, e a Avenida Sertório. No cruzamento das ruas Dona Margarida e Frederico Mentz, ao lado da passarela e atrás da igreja, encontram-se um barzinho um tanto discreto, e uma rede de vizinhos em torno deste lugar, e de Ângela, a proprietária.

A Rua Margarida, segundo relatos de informantes, até a década de 1980, era constituída de um comércio que atendia principalmente a população das empresas localizadas nas quadras e ruas adjacentes, bem como a população residente do entorno região. No caso das Indústrias Renner e Rio Guahyba, o expressivo número de funcionários, em suas rotinas de trabalho, fazia movimentar uma pequena economia local, um comércio formal e informal, de alimentos e serviços. Padarias, restaurantes, farmácias, vendedores ambulantes, gráficas, farmácias, babás – faziam a dinâmica cotidiana da rua e arredores, dando ao local a alegria de um tempo feliz, um “tempo do progresso”, segundo moradores mais antigos.

Localizado quase esquina das ruas Dona Margarida e Frederico Mentz está o Casarão, um cortiço que abriga uma população migrante predominantemente de travestis. Ainda há um albergue noturno nos fundos da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, que recebe trabalhadores de baixa renda em geral e moradores de rua.

A partir de alguns personagens da vizinhança pode-se ter uma idéia do contexto

sócio-cultural que consideraremos como parte de uma “cultura popular urbana”, segundo a antropóloga Cláudia Fonseca em seu trabalho sobre cultura popular e a vida dos habitantes na periferia (2000). Os moradores desta vizinhança, em geral, ou são habitantes antigos do bairro - trabalhadores formais e aposentados, das camadas médias inferiores, não necessariamente idosos -, ou fazem parte de uma população de baixa renda, “flutuante”, que sobrevivem do mercado informal - serviços gerais, prostituição e reciclados -; ou seja, uma população antiga, de migrantes e imigrantes, e seus descendentes, e uma população flutuante, de migrantes menos antigos no lugar ou mais recém-chegados.

Observam-se, ao longo das avenidas Voluntários da Pátria e Presidente Roosevelt, em seus quarteirões e suas ruas adjacentes: prédios de antigas residências, habitações operárias, peças para alugar em casas de famílias e unidades domésticas, prédios de antigas fábricas, de novas empresas e depósitos. Aqui o Bairro Navegantes foi “recortado” de seus espaços importantes, como as Indústrias Renner e Rio Guaíba, a orla, e das Vilas Farrapos e Humaitá, onde em fins do século XIX e meados do XX havia o Mato dos Antero. No cruzamento das ruas Frederico Mentz e Dona Margarida, os trilhos de trem metropolitano Trensurb cortaram a paisagem. Além dos trilhos, a Travessia Régis Bitencourt (ou Ponte Getúlio Vargas, ou ainda Ponte do Guaíba), com seus pilares, também transformaram gradualmente a paisagem, sobretudo na Praça Navegantes, junto à Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, e na orla do Guaíba. Com os planos diretores da cidade, verifica-se uma criação oficial de vários bairros da cidade de Porto Alegre, muitos deles em 1959, mesmo bairros antigos como o Navegantes, oficializaram-se neste ano pela Prefeitura Municipal. Desta forma, um bairro que seria uma grande área como o Navegantes, após a criação de muitos bairros dele desmembrados, tornou-se pequeno em relação ao seu tamanho espacial e simbólico anterior, sendo denominados alguns de seus bairros adjacentes genericamente como Navegantes, como ainda pertencentes a ele. Para simbolizar o grande Bairro Navegantes, ou região de Navegantes, que considero diferente do 4º Distrito, passei a utilizar em um dado momento a Rua Dona Margarida, para simbolizar o espaço maior a que pertence, como se fosse um fragmento o bairro. Além do mais, esta via pública, cuja dinâmica de habitantes dava-se através dos trabalhadores das indústrias e moradores daquele entorno, no “tempo do progresso” do bairro, também leva o nome da

doadora das terras da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes.

2.5. Principais personagens: protagonistas da interação etnográfica

2.5.1. Seu Mário, do armazém da Cairú

Meu primeiro informante eu conheci ainda na Iniciação Científica, enquanto realizava exercício etnográfico exploratório no Bairro Navegantes, durante etnografia de rua nas proximidades da Indústria Florestal, antiga Neugebauer. Caminhando neste entorno da Avenida Cairú, ao lado do prédio do antigo Cinema Navegantes, e junto a casas com paredes à beira da calçada, está um armazém, que quase me passou despercebido, não fosse eu olhar para uma porta aberta, com a atenção atraída pelo som dos motores dos *fryzers* e balcões, mas, sobretudo pela oração Ave-Maria a um volume considerável.

Em frente ao armazém não há qualquer referência de comércio, na fachada, nem sequer uma placa de calçada. Em seu interior, repleto de balcões e prateleiras antigos, muitos produtos dos mais variados, desde hortigranjeiros, carnes, e gêneros alimentícios industrializados, até produtos de limpeza, de beleza e remédios, além de uma antiga balança (daquelas que a Smic¹⁰ recomenda ser substituída por modelos digitais). A disposição das coisas todas é de um baratilho, antigo armazém que disponibilizava produtos dos mais variados tipos, a varejo e também a granel. O ambiente todo faz o armazém parecer estar noutra época, há uns cinquenta anos atrás. O rádio, ligado durante todo o dia na estação católica, com orações rezadas quase todo o tempo, aliado à televisão, que se integra ao ambiente no horário das 19h, com o noticiário local, faz do armazém um lugar especial. A partir desta surpresa e estranhamento inicial, comecei a conversar com “Seu Mário” e conhecê-lo - uma figura ímpar, cujas atitudes e pensamento crítico faz instigar e querer sempre retornar para continuar o assunto, ou começar outro. Ele me ajudou bastante, desde a fase inicial da pesquisa na região, e foi difícil reduzir a frequência de visitas a seu armazém, quando tive de ir buscar e acompanhar outros informantes, pois teria menos tempo para vê-lo.

¹⁰ Secretaria Municipal da Indústria e Comércio.

Seu Mário é imigrante, nasceu em Gênova, na Itália, e lembra-se da vinda de sua família para o Brasil, quando era criança. Ainda embarcado, já começou a se ambientar no Brasil, quando, do navio, atracado no porto de Santos, em São Paulo, avistou o primeiro negro e pensou que fosse um limpador de chaminés (!) – segundo Seu Mário, em italiano, *spazzacamino*. Seu pai era engenheiro agrônomo e enólogo do império, e veio para o Brasil quando ficou desempregado, com a mudança do governo italiano, quando Mussolini assumiu. No Rio Grande do Sul, assim que sua família chegou, na primeira noite pernoveram em um hotel no Centro. Depois, foram morar na região nordeste de Porto Alegre, pois o pai foi trabalhar em uma chácara da região do Passo d'Areia; dali foram para a zona sul; e finalmente, mudaram-se para a Serra Gaúcha, na assessoria a colonos lá instalados. Seu Mário optou por seguir outro estilo de vida e profissão, pois desde adolescente já não quis seguir com a família para a zona rural, ficando em Porto Alegre morando em pensões – uma delas na rua José Bonifácio, de propriedade de duas senhoras onde residia também um padre muito amigo seu, que lhe ajudou muito.

Seu Mário é muito católico e frequenta sistematicamente a igreja da Avenida Presidente Roosevelt, onde tem como grande amigo o pároco local. Também muito ligado em política, detendo-se cotidianamente em discussões sobre a atualidade e o passado, repensando a cidade e a sociedade e suas transformações.

Chegou a trabalhar na indústria Neugebauer, ainda na adolescência, por alguns anos, depois foi para as empresas Steigleder e Varig Viação Aérea Rio-Grandense. Na Neugebauer trabalhava sozinho em sua seção, e, devido à baixa remuneração, saiu para trabalhar na Steigleder. Segundo Seu Mário, sua produtividade era tal que, quando ele saiu a empresa teve de colocar vários funcionários em seu lugar, para dar conta do trabalho que realizava, e mesmo assim, sua seção acabou sendo fechada, pois se tornou inviável - na verdade, a empresa lucrava demais com ele.

O ambiente do armazém é completamente tomado pelo som das orações de terço, que fazem quase sumir da atenção o som dos motores, a não ser nas pausas e intervalos da programação. Também diariamente, pela televisão, escuta a alto volume as notícias da edição noturna do telejornal local. Além disso, o ruído dos veículos na avenida Cairú, que entram pela porta, e as conversas exaltadas ou o atendimento a clientes, instauram neste pequeno lugar uma polifonia de sons.

Com mais de oitenta anos, Mário é muito ativo, com espírito e corpo em muito boa forma, cuidando sozinho do armazém, sem deixar de fazer seus passeios nas casas de amigos e parentes que possui na região do Vale do Caí, ou sair de “caíco”¹¹ pelas águas do Guaíba e afluentes. Vindo da Itália quando criança, vez por outra conta alguma situação do bairro ou da cidade de seu tempo de moço.

Teve sua vida relacionada direta ou indiretamente à indústria, tendo sido operário e depois, como comerciante, atendendo a clientela de trabalhadores das indústrias do entorno. Seu armazém localiza-se próximo à Neugebauer, onde trabalhou, quando morava perto do Iapi; assim que pode, mudou-se e estabeleceu negócio no lugar. Já fazem 40 anos que mantém seu armazém, e ressenete-se das transformações do bairro, principalmente o afastamento dos habitantes para outros lugares da cidade, sentindo a solidão através da clientela cotidiana, ou da ausência de uma clientela como tinha antes.

Tendo morado também em alguns outros bairros, Seu Mário teve sua experiência de vida em Porto Alegre marcada por trajetos no urbano, mas seu ponto de referência quando fala da cidade é o bairro onde mora.

Para Seu Mário, a perda da visão do Guaíba, apesar de toda a estrutura e aterro, e o fim do movimento da navegação fluvial, acabou com uma rotina de interações entre moradores do bairro e comerciantes, com as tripulações das embarcações que chegavam carregadas de mantimentos. Aponta como consequência do descaso das políticas públicas em relação ao bairro, o abandono por seus moradores e empresas, que, a seu ver, cada vez mais foram deslocando-se para outros lugares da cidade e região metropolitana, até a atual situação. Em virtude disso, Seu Mário não se conforma com “esse estado” deserto do bairro, e em contrastante localiza no passado vivido “os bons tempos do lugar”, lamentando que o Bairro Navegantes não seja devidamente valorizado pela cidade de Porto Alegre” considerando a administração municipal não reconhece a vocação do bairro, como lugar de convergência do comércio regional – “é trem, é caminhão, é navio” -, afinal, segundo suas próprias palavras, “até hoje, o Rio Grande todo passa por aqui”.

¹¹ Caíco é uma denominação mais popular para caíque, pequena e rudimentar embarcação, semelhante a um barco de pequeníssimo calado, geralmente construído em madeira, e para poucos passageiros.

2.5.2. Seu Alberto – o pai da Mumu

Seu Alberto foi um dos primeiros senão o primeiro vendedor da Vontobel, atual Vonpar, uma antiga indústria alimentícia. Como vendedor teve oportunidade de percorrer várias cidades levando produtos para conhecimento e consumo do interior do Rio Grande do Sul, principalmente o doce de leite “Mu-mu”.

Ainda muito jovem Seu Alberto foi ajudar o dono da Vontobel, acompanhando-o, como ajudante e aprendiz, em uma viagem até a serra gaúcha, quando a indústria recém se instalava em Porto Alegre. A partir daí, com a permissão de seu pai, foi contratado pelo empresário e continuou trabalhando na mesma empresa durante sua vida toda. Apesar da pequena oficina de instalações hidráulicas que o pai possuía no bairro Azenha, Alberto preferiu trabalhar com as vendas, sendo vendedor e representante comercial, e com o êxito na carreira depois de alguns anos, assumiu o cargo de gerente de vendas da Vontobel.

Dotado de espírito empreendedor, teve idéias arrojadas para sua época, para o *marketing* e distribuição dos produtos Mu-mu no RS ele inventou uma logística constituída de dois caminhões, um com escritório-oficina, e o outro com alojamento, pra fazer com que o estado tivesse os produtos. Coordenou equipes e percorreu muitos municípios gaúchos colocando os produtos Mu-mu e as placas indicativas do produto: “Aqui tem Mu-mu”. Estas placas eram distribuídas em armazéns, baratilhos e mercadinhos de várias localidades e até hoje fazem parte da paisagem urbana de muitas localidades. Além disso, também apostou no patrocínio dos produtos Mu-mu em antigos programas infantis de televisão.

Garante que, mesmo com o cargo mais voltado para o escritório, não deixou de comparecer à inaugurações de supermercados no Rio Grande do Sul e noutros estados. Durante um bom tempo manteve a equipe com dois caminhões, para alojamento, escritório e oficina-almoxarifado.

Hoje, com 86 anos, mora com sua segunda esposa, e netos do primeiro casamento, o qual viuvou. Comprou sua casa através de seu patrão, que era também seu amigo e confidente, e que lhe emprestou o dinheiro sem dificuldades, com pagamento a suaves prestações. Seu Alberto possui um considerável acervo de homenagens da empresa, certificados, troféus, placas, que recebeu ao longo de seus serviços prestados.

É também gremista fanático e foi desportista em sua juventude, participando de corridas de bicicleta realizadas no bairro.

2.5.3. Dona Nina e Dona Neca

Dona Nina é a mais nova de duas irmãs que moram juntas no núcleo residencial entre as ruas Cairú e Polônia. Tem sessenta e oito, e sua irmã, Dona Neca, “oitenta e uns quebrados”. Entre cinco irmãos, três mulheres e dois homens, as duas moram ainda na casa em que sua família morava, na Rua Ernesto da Fontoura, desde quando eram crianças; antes de morarem ali, moraram por um tempinho apenas na Rua Rio Grande, até que o pai comprou a casa. Antes ainda, moraram na Ilha da Pintada, onde seus pais se conheceram.

O pai, húngaro, era vidreiro, trabalhava na empresa de vidro e de louça Otto Brutske, onde trabalhou toda vida. A mãe era natural dali mesmo. Dona Neca nasceu na Ilha, mas Dona Nina, já nasceu no bairro.

Ambas trabalharam na Tecelagem Fiateci, Dona Neca na produção e Dona Nina no escritório, onde trabalhou até se aposentar, alternando com os estudos à noite. Divertiam-se nos clubes Gondoleiros e a Ginástica, e suas outras irmãs no Duque de Caxias.

Para Dona Neca, sua vida foi sempre a mesma coisa, apenas trabalhou: “Essa vidinha pacata!”, sentença nossa interlocutora. Nas suas lembranças, a descontinuidade lembrada com mais força foi o evento da enchente em 1941, que considera algo diferente em sua vida - “Esta sim, um verdadeiro acontecimento!”.

Dona Neca se lembra de como a região onde moram era um grande banhado. Dona Nina menciona as reformas na casa, onde o terreno, estreito e comprido, permitiu que a casa antiga, localizada no meio do terreno, fosse ampliada para frente. Na frente da casa, do outro lado da rua - de chão batido, ou “areião” -, havia um armazém, e na redondeza, muitos bares e residências de famílias.

Elas acreditam que as empresas começaram a tomar conta da região recentemente, há cerca de uns vinte anos, pois muitos vizinhos foram embora dali a partir dessa época, vendendo os imóveis, ou os que moravam de aluguel, os

proprietários pediram os imóveis para vender. De sua vizinhança ficaram apenas quatro casas com moradores, em todas são os proprietários que moram.

Dona Nina lembra que não existiam imobiliárias “naquele tempo”, e que as negociações eram feitas diretamente entre os compradores com os donos dos terrenos, cujos lotes eram pequenos, para aumentar a rentabilidade, já que boa parte das áreas era alagadiça, e adquirida pela população que trabalhava na região. Hoje, este imóvel e os outros de seu entorno, ainda preservam as medidas de quando adquiridos, estreitos e relativamente compridos. Moram ali, além de Dona Nina e a irmã Dona Neca, uma sobrinha com o marido e a filha pequena, nos fundos.

Enquanto Dona Neca raramente sai de casa, Dona Nina é gremista engajada, envolvendo-se nas atividades do grupo de mulheres torcedoras, participando inclusive de programas de rádio. Elas conhecem Seu Alberto desde criança, através das sociabilidades da vizinhança. A redondeza era composta de muitas garotas, segundo Seu Alberto, e Nina e suas irmãs eram figuras populares e festeiras. Dona Nina relata que também as atividades religiosas eram motivo de sociabilidade da vizinhança.

2.5.4. Dante e esposa

Conheci o senhor Dante quando, em um dado momento da etnografia, tive dificuldades de conseguir conversar com antigos do lugar. Então Thais, uma colega de pesquisa do Biev, indicou seu avô, por ele ter morado no bairro há alguns anos atrás.

Tive a oportunidade de entrevistá-lo em sua casa quando ainda não tinha viuvado. Atualmente, com mais de 80 anos, Seu Dante é filho de imigrantes italianos e mudou-se do bairro Navegantes para Sapucaia do Sul já há muitos anos; porém, viveu momentos importantes de sua vida ali. Passou sua infância e juventude intensamente no bairro, conheceu sua esposa em uma Festa de Nossa Senhora de Navegantes, casou-se e batizou seus filhos na igreja local.

Quando entrevistei-o, sua esposa ainda não havia falecido. Natural de São Sebastião do Caí, ela veio para Porto Alegre quando ainda era criança, juntamente com as irmãs, e chegou a trabalhar mais tarde na empresa Rio Guahyba, permanecendo depois como dona-de-casa. Para ela a enchente de 1941 foi um acontecimento que lhe

custou a perda do irmão, morto por tifo, negando-se a comentar coisas relacionadas aquela catástrofe.

O avô de Seu Dante chegou a plantar na área onde depois se estabeleceu a indústria Renner; seu pai foi estofador na empresa Gerdau e posteriormente teve uma carpintaria na Avenida Sertório, que, durante a enchente de 1941 ficou debaixo d'água, tendo que a família ficar no segundo andar do prédio neste período, para evitarem saques à residência, prática comum durante este tipo de calamidade.

Seu Dante conta que muito freqüentou os cinemas, clubes e campos de futebol da região. Lembra que na época havia distinção étnica entre os sujeitos em alguns clubes, onde não era permitida a entrada de “brasileiros”, indivíduos que não tivessem ascendência estrangeira, especialmente alemã, os chamados “pêlo-duro”.

Para ir para a escola tomava bonde para fazer o itinerário até o Colégio Rosário e conclui que, para a época, a Rua Voluntários da Pátria possuía um movimento absurdo de veículos, que chegavam a congestionar. Estudou desenho técnico e trabalhou como escriturário, e com muita tristeza divide seu sentimento em relação às mudanças no bairro, porque, desde que saiu, somente depois de muito anos passou pela Rua Frederico Mentz, e ficou entristecido com o abandono que viu, afinal, mudou-se do bairro antes da construção da Ponte do Guaíba, em meio a efervescência industrial do bairro, que era sentida pela e visível para a cidade.

2.5.5. Dona Edith

Em uma das visitas a casa de Ângela, ocasião em que haviam alguns vizinhos de passagem por lá foi quando conheci Dona Edith. Ela anotou num papelzinho, a lápis, seu número de telefone. Telefonei algumas vezes, e sempre ficava com a impressão de que ela não quisesse me atender, sabe-se lá por qual motivo. Também bati, por vezes, à sua porta, e, geralmente, ou não estava, ou não podia me atender naquele momento. Desconfiava apenas, pois não sabia sobre sua atitude, apenas de sua rotina diferente, segundo Ângela e Luis. Já estava quase desistindo quando Luis me levou até a janela de sua casa, chamando por seu nome na janela da cozinha junto à calçada. A partir desta apresentação, em que Luís retirou-se em seguida, nos deixando sozinhas, é que então que passamos e conversar de fato. Desde então visitei-a, sempre bem recepcionada em

sua cozinha, eventualmente com a presença de um dos filhos, ou algum vizinho de visita rápida.

Descobri então a dimensão de que tinha ouvido falar sobre sua rotina, na verdade, sobre sua saúde. Dona Edith é um tanto depressiva, e que troca o dia pela noite, acordando-se ao final da manhã para fazer o almoço, e dormindo novamente até o final da tarde, quando segue acordada até praticamente a manhã do dia seguinte. Então, entendi o porquê da dificuldade inicial em lhe falar e encontrar. Ela me tranqüilizou com relação a minhas visitas anteriores confessando-me que prefere sentir-se bem para receber as pessoas. Se é isso o que acontece, fico realmente mais aliviada, pois, se ela está mais disposta ao conversar comigo, é muito bom lhe fazer visitas. Quer muito passear até o Shopping DC que ainda não conhece, e até o Centro, para ver “como está, se está muito mudado”.

Dona Edith mora na Praça Navegantes, em frente ao Albergue, fundos da Igreja dos Navegantes. Veio bem moça para Porto Alegre e trabalhou nas indústrias Neugebauer e Rio Guahyba, Natural de Encruzilhada do Sul, o pai mandou-a para Porto Alegre lá pelos seus 20 anos, para morar com a tia e trabalhar na cidade, já que a vida rural não era seu estilo. Sempre foi muito namoradeira, além de não gostar da lida na agricultura, razões para não ser muito bem vista na pequena comunidade em que sua família morava. A tia morava na Vila Farrapos, perto da Rua Simão Koppel, e foi lá que conheceu seu marido, entre olhares e conversas sob o parreiral de uvas. Mais tarde, quando depois de casada, seus pais vieram para Porto Alegre também, e moraram com ela e o marido onde hoje é sua casa. Além da casa velha de madeira não existir mais, depois das reformas que ela, o marido e os filhos fizeram, a vista do pátio para os fundos da lateral foi fechada. Ainda pior que os fundos, Dona Edith tem uma mágoa muito grande de perder a vista lateral da casa, onde foi erguido um paredão do vizinho – o mesmo que adquiriu vários terrenos na Praça Navegantes, inclusive os números 30 e 38, onde havia um cortiços chamado de “Beco do 30”.

Sempre comenta de sua casa, a partir dos lugares antigos e reformados, de cantinhos como no jardim e a sala, onde recebia amigos da vizinhança nas recepções dos leigos voluntários da igreja em sua casa. Lembra que, nesta época, há alguns anos atrás, estava envolvida nas atividades da igreja e tinha disposição para muitas coisas.

Em um dos dias que fui visitá-la, Dona Vanda, uma vizinha, esteve visitando Dona Edith, e comentou que ela começou a “se atirar” depois que sua mãe faleceu. Essa época também coincide com a saída e adoecimento de alguns moradores antigos do lugar. Lembrei-me que, durante os preparativos para a Festa de Navegantes na lancheria de Ângela, Dona Edith apareceu para visitá-los, pois além da família, também alguns vizinhos mais chegados ajudavam, e Dona Edith foi lá “ver como estava indo as coisas”. E foi a única vez que a vi, a não ser em sua casa. Mora com seus dois filhos solteiros, e um deles implica e briga muito com a mãe, quase constantemente, o que certamente piora o estado de Dona Edith.

O trabalho na empresa Neugebauer diz que era horrível, tendo que lidar com os produtos a altas temperaturas, e sofria muito com isso. Já na indústria Rio Guahyba teve melhores condições e inclusive outras possibilidades, pois morar ao lado do trabalho, do outro lado dos trilhos, permitia que houvesse tempo para ir até em casa no intervalo do meio-dia fazer almoço para a família, o que significa que não fosse tão tranqüilo assim, já que a correria era grande para dar conta de tudo o que precisava em uma hora de intervalo.

Dona Edith relembra com espanto o tempo em que ela e seu marido trabalhavam como ecônomos em um clube de bocha na Rua Comendador Tavares, hoje, abandonado. Lá, além do trabalho na fábrica e em casa, fazia comida para os freqüentadores, em sua maioria homens. Ao mesmo tempo em que reclama ter trabalhado muito, lembra de como era ágil e disposta, bem diferente de hoje.

A tia mora na Vila Farrapos, perto da rua Simão Koppel. E foi lá que conheceu seu marido, entre olhares e conversas. Seus pais vieram para Porto Alegre também, e moraram onde hoje é sua casa. Além da casa velha de madeira não ter mais, depois das reformas que ela e o marido, e também os filhos fizeram, a vista do pátio para os fundos da lateral foi fechada. Pior que os fundos, Dona Edith tem uma mágoa muito grande da lateral da casa, onde foi erguido um paredão do vizinho – o mesmo que comprou vários terrenos na Praça Navegantes, inclusive os números 30 e 38, onde haviam cortiços.

Uma coisa que me inquieta é a falta de lembranças de Dona Edith, que a quase tudo diz não se lembrar. Levei algumas fotos e edições da revistas da Neugebauer.

Olhando as imagens do bairro, Dona Edith lembra que era freqüentadora assídua dos cinemas, não só do bairro, mas Centro também e que circulava muito pela cidade.

2.5.6. Miguel

Após o encerramento da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, segui uma trilha de pessoas que cruzavam a rodovia se deslocando para as margens do Guaíba sob os pilares da Ponte. O burburinho das conversas, entre as pessoas dos grupos que desciam até a orla neste ponto, girava entre acontecimentos ruins passados e bons acontecimentos recentes, em relação à saúde e dinheiro. Segui os grupos me inserindo na trilha, e cheguei até a beira do Guaíba, onde um silêncio de respeito e concentração tomava conta das pessoas ali. Procurei manter esta postura, enquanto fiquei por algum tempo observando as pessoas deixarem suas oferendas nas águas do Guaíba. Só ao sair me dei conta que área fazia parte do pátio de uma empresa de extração de areia. Vi que algumas pessoas chegavam junto ao prédio para pegar água da torneira na rua ou pedir para usar o banheiro. Cheguei ali para conversar com o senhor que atendia as pessoas.

Natural de Bagé veio para Porto Alegre na década de 1970, para trabalhar na construção civil, especialmente em alturas consideráveis. Em Bagé, adquiriu experiência nesta especificidade da construção civil, depois de trabalhar na torre da Usina Termoelétrica de Candiota. Em Porto Alegre trabalhou em edifícios no centro, como pedreiro e pintor, e também na construção do Carrefour, no Bairro Partenon. Foi quando conheceu sua primeira namorada e companheira na cidade, ao procurar peças para alugar e morar, diretamente com o proprietário. Ainda em Bagé, Miguel não queria mais trabalhar na roça, e pediu para alguns contatos seus que indicassem trabalhos de servente de pedreiro, na intenção de aprender o ofício de pedreiro, e também de pintor predial, para sair da condição de servente. Em Porto Alegre ainda cultivava alguns saberes do meio rural, pois reserva parte do espaço do pátio da empresa para plantio de hortaliças e árvores frutíferas, como aipim, batata, limão e abóbora. É a favor da procissão fluvial de Nossa Senhora de Navegantes, pois acha que há “muito mais pessoas que ganham com isso”. Como ele próprio, que aproveita para disponibilizar o uso do banheiro ao público religioso, cobrando uma taxa pela manutenção no valor de

cinquenta centavos, além da água da torneira da rua, liberada gratuitamente para consumo. Segundo Miguel, durante a procissão fluvial aproveitava para vender ao público os produtos colhidos de sua horta.

Aposentado, Miguel trabalha como atendente no escritório da empresa durante do dia, e, à noite e finais de semana, como vigia, morando em uma parte do prédio da extração, tendo um papel de zelador do local. Devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, afastou-se das sociabilidades religiosas da paróquia afirmando que as lideranças “ali envolverem-se demais na política”. Frequentou os clubes, festas e bailes do Grupo de Terceira Idade da Sociedade Polônia, afastando-se por um tempo por desaprovar equívocos na organização, mas também por brigas entre mulheres com que se relacionou. Pelo fato das empresas de extração de areia serem orientadas a retirarem-se das margens do Guaíba, mudou-se juntamente com a empresa, e mora atualmente na Vila Farrapos, a duas quadras dos trilhos de trem metropolitano, mais próximo de sua sobrinha Fátima, na vizinhança da Rua Dona Margarida.

2.5.7. Ângela: a informante principal

Conheci Ângela na Festa de Navegantes do ano de 2006. Fui caminhar pelas quadras do entorno à festa e à Praça Navegantes. Segui até a Rua Frederico Mentz quando olhei em direção aos trilhos do Trensurb e DC Navegantes uma aglomeração de pessoas em mesinhas na rua, e consumindo lanches e bebidas. Como não estava acostumada com o tumulto de uma festa com tamanha proporção de multidão, achei um bom lugar para descansar, além da possibilidade de conhecer algum morador ou frequentador que se encontrava por ali. Junto à passarela sobre os trilhos que cortam esta rua, depois da esquina com a Rua Dona Margarida, uma casa à esquerda era o motivo do ajuntamento. Me senti meio constrangida de intentar quaisquer menção de conversa; mas, a princípio também procurava algo para comer. Havia pastéis fritos na hora, uma correria, muita cerveja, refrigerante e água saindo para os clientes, enlouquecidos de calor e euforia, muita gente se encontrando. E achei que toda família de Ângela estava ali ajudando. Não me contive e arrisquei comentar, quando fui pagar, sobre a pesquisa, e que gostaria de conversar num outro momento. Dias depois quando apareci, comecei a descobrir alguém com muito mais pra contar do que imaginei.

Natural de Porto Alegre, é filha adotiva de seus avós, migrantes do interior do Estado. Sempre morou na região, trabalhando e mantendo seus relacionamentos em geral ligados ao bairro, através do trabalho e sociabilidades. Foi adotada por seus avós paternos, pois sua mãe biológica, que morava no Belém Velho, era muito pobre quando a teve, e não podia cuidar sozinha de um bebê doente. Levou-a à sogra, avó biológica e mãe afetiva de Ângela, e pediu para que ajudasse a cuidar da criança, e esta aceitou na condição de que seria considerada desde ali, sua filha, sem possibilidades de tê-la de volta. Ângela nunca mais soube nada de sua mãe.

Aprendeu o saber de sua mãe adotiva, que além de cuidar de crianças, fazia doces e lanches, e juntamente com seu marido, trabalhava com reciclados, já na década de 1970. Morou com a família quando criança ao lado do Beco do 30, antigo cortiço localizado em um dos terrenos da Praça Navegantes.

Possui uma trajetória de vida instável, apesar de ter morado praticamente toda vida no bairro, ali no entorno da Praça Navegantes, apenas se afastando uma vez, quando foi, juntamente com um ex-marido, empreender negócio de bingo em São Paulo. Além disso trabalhou no comércio da região no contexto contemporâneo das relações de trabalho, globalizadas e viabilizadas legalmente através de contratos temporários.

Conheceu seu primeiro marido quando trabalhava na Padaria Caiçara, na esquina das ruas Dona Margarida e Santos Pedroso, onde começou a trabalhar com 11 anos. Com ele, aos 16 anos, teve sua filha Greice, hoje com 17 anos. Seu terceiro companheiro, Hélio, é muito amigo seu e de Grace. Conta que é assim mesmo que os casais se conhece, que os rapazes vão olhar a moças nas saídas das empresas, e, depois vão conversando. Recentemente separou-se de seu último marido, passando a morar somente ela e a filha, o que a sobrecarregou de contas e colocou em risco a manutenção da casa e da lancheria, justamente quando obteve o alvará. Vez em quando, abriga um parente, como o irmão por parte de mãe e seu sobrinho, mas isso não implica em quaisquer ajuda financeira em seu orçamento, pelo contrário, Ângela além de ajudar como pode, ainda insere-os na rede de trocas da vizinhança. Nos últimos meses Ângela mudou-se para Morungava, em Gravataí, para morar com a filha, juntamente com um companheiro, onde montou uma pequena lancheria.

Ângela tem trinta e três anos, dois anos mais jovem que eu, mas conta coisas, causos e histórias num tom de recordação de alguém bem mais velho que ela, cheia de recordações, além do que viveu, também de coisas que ouviu falar. Foi ela quem me ajudou a encontrar outras pessoas, seus amigos e conhecidos da vizinhança, para compor uma rede de relações sociais. Ao mesmo tempo, enquanto tem antigas e grandes amizades na vizinhança, é estigmatizada por outros vizinhos, principalmente aqueles relacionados ao imóvel que ocupa, o qual não tem condições de pagar o aluguel. Porém, seu atual companheiro é -neto do proprietário do imóvel que ocupava, onde subalugava vagas e peças. Não só por isso, é possível que seja “mal-falada” também por seu estilo de vida, menos conservador, aparentemente, aos olhos dos de fora, mas não para quem conhece as regras rígidas para freqüentar a casa, principalmente homens.

2.5.8. Luís

Conheci Luís na casa de Ângela, que lhe subalugou uma peça nos fundos de casa. Separado da esposa e dos filhos, ele deixou seu apartamento na zona sul de Porto Alegre para a família, para “se esconder, dar um tempo e ficar quietinho em um canto, para não ser encontrado”, a fim de repensar sua vida. A peça em que morava servia de quarto, sala, escritório e laboratório da fabricação artesanal de sabonetes. Chamando-me de Baixinha, sempre me puxava de lado para contar as novidades da sua vida, ou mostrar algum novo produto, apresentar uma grande idéia, uma saída para os problemas, uma alternativa emocional ou financeira, ou alguma conclusão dos desdobramentos de sua vida. Tem planos para “mudar de vida”, e melhorar não somente as condições de vida, mas sua “cabeça e coração”, principalmente deixar para trás as mágoas que tem com sua esposa, filhos, irmão e mãe.

Hoje com mais de cinquenta anos, conta que na juventude morou na Rua São Pedro, e que freqüentava a vida social da região dos bairros Navegantes, São Geraldo, Floresta e São João, em clubes e festas, especialmente a vida noturna dos bailes e discotecas. Naquela época, era amigo e parceiro de Wilson, filho do proprietário da Funerária Navegantes, e eles, mais seu irmão, formaram uma empresa de produção de festas e shows, chamada Robsom.

Luís não conta histórias de trabalho e sofrimento deste período, mas diversão, prazer e folia. Solteiro, namorou muitas garotas, mas ele faz questão de salientar que sempre tratou “da forma mais respeitosa, com todo o carinho, dignidade e sensibilidade as mulheres com quem saiu”, sempre lhes proporcionando “do bom e do melhor”. As noitadas de festa seguiam além dos clubes e iam para motéis, onde ele e seus companheiros de equipe de som e círculo de amizade muitas vezes ocupavam quase todos os quartos de um andar. A discotecagem começou de brincadeira no Clube Gondoleiros, quando seu grupo de amigos colocava as caixas de som despretensiosamente à beira da piscina, para “dar um clima, animar o lugar e agradar as gurias”. Certa vez quando chegaram no clube, uma empresa de som estava sonorizando o lugar. Furiosos, compraram uma aparelhagem para “derrubar com eles”, e depois acabaram empolgando-se com isso e seguiram fazendo festas, shows e bailes em clubes locais, inclusive de artistas famosos como Caubi Peixoto, Sidnei Magal, Frenéticas, entre outros.

Além das peças na casa de Ângela também morou nas peças dos fundos da lancheria do senhor Solismar, mais conhecido por Soli. Ali seu vizinho de lado é Graciliano, namorado de Grace, filha de Ângela. Ficou temporariamente permanecendo realmente por pouco tempo, dois a três meses, apenas enquanto organizava sua vida e arrumava suas malas e toda a infra-estrutura para ir trabalhar em Camboriú. Além de trabalhar fabricando e vendendo sabonetes e aromas, também está no ramo dos cd's e dvd's piratas.

Acompanhei desde o início seus planos e preparativos para sair de Porto Alegre e abrir um negócio de churrasquinho em um restaurante de um amigo, na cidade de Camboriú. Estive com ele na véspera de sua partida, quando estava entusiasmado, me mostrando seus cálculos e suas possibilidades de lucro. Para Luís, mais importante que conseguir melhorar sua condição de vida, é ir embora tranquilo, tendo reconstituído a relação com a mãe e o irmão, já que não conseguiu ficar de bem com a mulher e os filhos.

2.5.9. Cláudia

Natural de Cachoeira do Sul, Cláudia veio ainda adolescente para Porto Alegre, para estudar, e aqui se descobriu homossexual, não mais voltando para a casa de seus pais. Lá, segundo seu relato, era difícil o convívio e a compreensão de sua sexualidade, que se sentia feminina desde menino. Em Porto Alegre passou a juventude alternando a prostituição com o trabalho nas casas de senhoras sozinhas, viúvas, desquitadas e aposentadas, onde aprendeu os saberes de dona-de-casa. Muito tranqüila e educada no modo de tratar as pessoas, Cláudia administra sozinha o Casarão, imóvel onde mora e é zeladora. Sua renda é do trabalho como costureira, que faz predominantemente para a comunidade gay de sua rede de amigos. Segundo ela, é só eventualmente que faz algum programa. Nos últimos anos para cá prefere ficar mais reservada, “apegada com Deus”, em suas crenças religiosas, ou na companhia de seus amigos. Há alguns meses, quando tomei contato com ela, não poderia conversar comigo devido à sua cirurgia de mudança de sexo, pois ficaria alguns meses em recuperação. O processo de transformação de sua trajetória, na busca pela construção de sua identidade feminina, desde quando se assumiu homossexual, depois, travesti, e por último, transexual, está se concretizando, segundo Cláudia, que vê sua “missão cumprida” em relação a busca de se “sentir completa como pessoa”.

Conforme Marcos Benedetti (2005), na esteira da corrente que entende gênero como construção cultural e não determinado biologicamente, a transformação de corpo e gênero entre as travestis não é somente relacionada à atividade de prostituição, mas a uma identidade social. E os ambientes de prostituição e trabalho são também lugares de exercerem as sociabilidades entre as travestis, na construção de sua identidade. Além dos códigos gestuais é possível observar o uso de termos ênicos em linguagem *bat*, como babado, aquendar, e axanã (que significam, respectivamente, um acontecimento ou evento, fazer alguma coisa, e cigarro), como parte da comunicação entre homossexuais.

Pude observar que não somente, como afirma Benedetti (2005), os espaços de lazer e prostituição, pela visibilidade dos investimentos do feminino na travesti, são espaços de convívio, troca e aprendizagem, mas também o próprio casarão, com seus corredores e sacadas, além da calçada e portão em frente de casa, estão entre os lugares de sociabilidade e construção da identidade social travesti-transexual, e o aprendizado do feminino nos pequenos gestos do dia-a-dia.

2.5.10. Sr. Henrique

Conheci o senhor Henrique a partir do livro sobre Nossa Senhora de Navegantes em Porto Alegre. Fui conversar com o autor, e tomar conhecimento de sua ligação com a santa, a igreja e o bairro.

Médico e filho de imigrantes alemães, o pai era comerciante e tinha uma ferragem na rua Voluntários da Pátria. O avô construiu uma casa na Rua São José, demolida já faz alguns anos. Toda sua família morou na região do entorno da Igreja, e sua rede de amigos também é formada de famílias de origem alemã daquela região.

Se diz “do bairro por opção”, já que nasceu no centro, enquanto sua família aguardava a construção da casa nova, mas passou a infância e grande parte da sua vida no bairro ou ligada a ele pela Santa, igreja e atuação como médico.

Teve sua experiência no bairro entorno da igreja de Navegantes, convivendo com as famílias tradicionais, de origem alemã e italiana, mas também com crianças das famílias “mais pobres”, que moravam nas casas atrás da igreja. Contou que, uma vez, na época que alagava muito em frente a Igreja de Navegantes, foi feito um dreno através de um cano flexível, por baixo do talude dos trilhos do trem; porém, quando as águas do Guaíba subiam, vinham juntamente muitos peixes que ficavam na lagoa que se formava em frente à igreja. A “gurizada” ajudou a levar em baldes os peixes para a população pobre que havia atrás da igreja.

Engajado na luta pela procissão fluvial de Navegantes, o livro foi uma tentativa de mostrar a importância das águas para Nossa Senhora dos Navegantes. Sua família também sempre foi ligada diretamente à santa e à paróquia, desde seus pais e também ele próprio, e todos já foram festeiros da Festa de Nossa Senhora de Navegantes.

Depois de ter perdido a luta pela procissão fluvial, Sr. Henrique investiu no Clube de Remo, e, mesmo aos 87 anos, participa ativamente das melhorias no clube. Outra atuação foi na equipe de implantação do Parque Estadual do Delta do Guaíba, que foi indicado por ser amigo do governador da época, mas também porque, além de ser uma área que gostava e tinha excelente capacidade para atuar, seria uma pessoa para mediar a equipe, circulando entre o pessoal técnicos e o pessoal d governo.

Quando encontrei para conversar, sua fala pareceu-me muito semelhante à de um cronista, contando-me histórias presentes na literatura entrecruzadas com suas experiências pessoais. Também me tratou com excessiva formalidade, encaminhado em geral seus comentários de modo a encerrar o assunto, ou de já ter falado tudo o que tinha para dizer.

2.5.11. Outros personagens

Simone

O pai de Simone teve um baratilho perto da indústria Renner. Tiveram que sair dali devido às obras do trem. O estabelecimento passou para ferragem para evitar problemas com a fiscalização devido à variedade do baratilho complicar a fiscalização e os cuidados. Mora na região metropolitana e assegura não ter laços de amizade com a vizinhança, somente relações profissionais. Confessa que a festa dos navegantes não é de seu agrado-gosto particular e conta que “os moradores” não gostam da festa pela sujeira, “bagaceirada” e tumulto que a festa traz.

Sobre seus clientes, além das empresas, confessa que atende carroceiros e papeleiros que vêm à ferragem para levar cola ou solvente. Simone considera que “Isso faz parte”, que é “Um alívio para amenizar o sofrimento de certas pessoas”.

Ana

Foi quando frequentei a casa de Ângela que conheci Ana, moradora eventual do albergue noturno da Praça Navegantes. É separada do marido, os filhos ficaram com ele. Trabalha em uma padaria da zona lesta de Porto Alegre, em tarefa difícil, lidando com fuligem e altas temperaturas ao tirar as cinzas do forno. É frequentadora dos bares da região de Navegantes e da Festa da padroeira, pois procura divertir-se para esquecer a saudade de suas filhas. Tem medo de se relacionar amorosamente, porém era assediada insistentemente mas sutilmente por Luís, que aparentava ter intenção de manter um relacionamento sério com ela.

Ana muitas vezes trabalha em dois empregos, sempre procura manter em um deles a atividade de doméstica, pois pode assim ter garantia de um lugar para dormir, negociando, assim, a economia de seu salário com liberdade. Quando morou na casa de Ângela, não dormia todos os dias lá, e eventualmente desaparecia por alguns dias. Quando mudou-se, continuou visitando freqüentemente Ângela e os amigos que fez na vizinhança da Rua Margarida.

Cristiano

Da Ilha da Pintada, Cristiano recolhe papel percorrendo o bairro Navegantes em sua rotina de carroceiro e coletor de material para reciclagem. Desde sua saída a partir da Ilha, atravessando a ponte Getúlio Vargas, desloca-se pelo bairro tomando avenidas e ruas como Presidente Roosevelt, São Paulo, Dr. Timóteo e Cairú. Cristiano confessa que a retirada de materiais em indústrias de distribuição, como a Medex, de medicamentos e tele-entrega, lhe fornece muito trabalho, mas garantido, assim como hotéis da região do bairro São João e Floresta, e indústrias como a Florestal, antiga Neugebauer, que mantêm o funcionamento inclusive quase diariamente, inclusive nos finais de semana, feriados e à noite. Sua chegada diária no bairro é marcada pela velocidade de seu deslocamento, pois Cristiano tem horário marcado nas portas das empresas ou calçadas em frente a estas. Na volta para casa, um pouco mais tranqüilo, Cristiano tem outras paradas obrigatórias não relacionadas a reciclados, mas ao seu intervalo de almoço, no restaurante Prato Popular, localizado na Rua Polônia. Cristiano, quando o tempo permite, faz uma pausa para falar com algum amigo e tomar um cafezinho. Feito isso, segue normalmente veloz em direção mais alguns pontos antes de retornar para sua casa. O caminho percorrido de carroça pelo que se pode considerar como bairro Navegantes, Cristiano acaba percorrendo um percurso através das diferentes apropriações do bairro – a indústria, os serviços, as distribuidoras, as interações sociais entre os trabalhadores nos intervalos do almoço, e o agito do fim da tarde, além da calma nos finais de semana.

Neca e Lair

Durante etnografia de rua para exercício na Disciplina de Antropologia Visual e da Imagem, na esquina das ruas Ernesto da Fontoura e Santos Dumont, conheci Neca e Lair. Uma gravação em vídeo testemunha este momento etnográfico. Sentadas em cadeiras na calçada, o encontro aconteceu na esquina das ruas Ernesto da Fontoura e Santos Dumont

Nesta esquina localiza-se o restaurante que Neca é proprietária, atendente, administradora, e por vezes até cozinheira. Ela é filha de pais migrantes que foram morar na região metropolitana, trabalhou de empregada doméstica e nas indústrias Neugebauer.

Já Lair é dona de casa, e o pai de foi mineiro aposentado por invalidez em Minas do Leão. Quando criança morou na redondeza da Igreja dos Navegantes. Saía para tomar sorvete e comer doces nas padarias da Avenida Presidente Roosevelt. Morou em vários bairros de Porto Alegre e agora retornou para o bairro que morou quando criança.

Ambas se conheceram recentemente, a partir da amizade entre suas crianças, da neta de Lair e da filha de Neca, que freqüentavam o mesmo jardim de infância da Praça Pinheiro Machado, recentemente reativada em seu uso lúdico por moradores do bairro.

Airton

Futebolista com orgulho dos torneios de várzea, Seu Airton gosta de lembrar-se dos barcos carregados com frutas que atracavam na orla local, pois fazia movimentar, assim como o futebol antigamente, a circulação de cores e pessoas nas ruas transversais à Voluntários da Pátria.

Possui uma oficina de serralheria nos fundos de sua casa, na Rua Polônia, mas chegou trabalhar na indústria local, onde aprendeu o ofício de serralheiro há mais de 40 anos, atuando como autônomo.

É através do futebol que Seu Airton e o bairro ligam-se afetivamente. A relação das indústrias com o futebol remonta ao período fabril, quando grande parte das empresas locais possuíam times e campo. O time em que Seu Airton é técnico é o antigo Boca Junior Futebol e Regata, reinaugurado como 23 de Setembro na década de 1990. As tardes de sábado nos campos de futebol do bairro vizinho ao Norte, o Humaitá, são

aguardadas com expectativa, enquanto os jogos que passaram são motivos de comentários ao longo da semana, entre Seu Airton e seus colegas e amigos do time, boa parte moradores e freqüentadores do bairro Navegantes.

Quando criança, assim como vários moradores faziam, corria até as docas dos Navegantes para buscar mantimentos trazidos pela navegação fluvial. Seu pai tinha armazém na Avenida Presidente Roosevelt, e banca de frutas no Mercado Público. Seu pai e sua mãe são da Ilha das Flores e Ilha da Pintada. Seu Airton já andou muito de barco, quando ia com sua família veranejar na Ilha da Pintada, pois todos os parentes moravam lá. Seus filhos acabaram influenciados pelo futebol, tornando-se jogadores em times como o Grêmio e Internacional. Tanto quanto se orgulha do futebol, Seu Airton orgulha-se de ter morado a vida toda no bairro, desde menino.

Sr. Vilson

Seu Vilson é marceneiro e é dono da funerária localizada na Praça Navegantes. Depois que se aposentou deixou a loja da funerária para seus dois filhos, ficando somente com a marcenaria, pois gosta mesmo é de ficar envolvido nas lidas da oficina.

Ao se entrar na marcenaria da funerária, mergulha-se num ambiente todo marrom claro, do chão ao teto, em todo redor da peça, devido a cor da madeira mais usada, e ao pó resultante dos trabalhos de serrar, lixar, furar e martelar. Além da cor desse lugar, o som também o caracteriza como único, com o ruído dos motores das lixadeiras, serras elétricas e martelos. Seguindo como num labirinto de entradas e saídas de portas, de salas com caixões novos, chegamos a um corredor largo com uma porta ao fundo. Já era o terreno dos fundos da marcenaria, na rua de trás Frederico Mentz, prédio da loja da funerária. Nos fundos da loja o senhor Vilson me encaminha a uma sala onde os corpos dos defuntos são tecnicamente tratados antes irem para os caixões. Antes de ficarem, apresentáveis esteticamente há procedimentos de preparação do cadáver, através da tanatopraxia, técnica de conservação de cadáveres, desinfetados e conservados antes de serem sepultados, desde a maneira adequada de manusear o corpo, higienização, e até a aplicação de cosméticos para a “recuperação” do rosto. Procedimento de ponta, recentemente tornado obrigatório na Europa.

A primeira vez que fui visitá-lo, na marcenaria, Seu Wilson foi atencioso comigo, me mostrou a marcenaria e a funerária, inclusive me falou das técnicas de manuseio dos cadáveres. Porém, quando fui conversar com ele, noutra dia, marcando entrevista por telefone, ele já tava totalmente diferente, segundo alguns vizinhos como Dona Edith, ele pode ter me ignorado pela minha aproximação com Ângela. Como são os filhos e não ele, que administram o imóvel alugado para Ângela, os filhos, um deles especialmente, que já se dispôs comigo em uma situação anterior, podem ter aconselhado o pai a me evitar.

Tanto que, ao me apresentar a ele, mostrou-se eufórico em poder falar de seu trabalho, e do trabalho que a funerária exige, desde o fabrico dos caixões até o tratamento dos cadáveres. Contou-me de sua trajetória desde quando era artesão, quando esculpia portas de igreja, até os dias atuais. Segundo Seu Wilson, hoje, sente e se ressentido com a demanda por novos designs, mais modernos e retilíneos, pois além de ter lhe tirado parte da clientela, pois a tradição da funerária é o entalhe artesanal, esta nova estética lhe tirou também o prazer de esculpir.

CAPÍTULO 3

Memória e trabalho

3.1. O valor-trabalho

Desde as primeiras vezes que me encontrei com informantes que trabalharam em indústrias locais, idosos, que pertenceram a uma comunidade de trabalho fabril-industrial, percebi um orgulho no ato de narrarem o exercício de suas antigas atividades. Esse orgulho era como se trabalhar em uma indústria como a que eles trabalharam tivesse algo de heróico.

Tanto Seu Mário como Seu Alberto, Seu Miguel ou Dona Edith, contam episódios de seus cotidianos “daquela época” como fosse parte de uma saga que realizaram, e com êxito. O bairro que se industrializava abrigava-os em suas oportunidades diversas de trabalho, mas as condições de produção eram duras para estes protagonistas da proletarização da Porto Alegre que progredia. Como lembra, não sem certa dificuldade, Dona Edith:

De primeiro eu trabalhei na Neugebauer. E depois... Depois eu me aposentei da Neugebauer; eu saí, não me lembro se me aposentei ou se eu saí... A h eu saí porque tu sabe, lá era assim ó, aqueles ovo, sabe esses ovo de açúcar que tem grandão, aquilo tudo eu fazia lá. Aquilo parece de açúcar né, enfeitado, tem um buraco assim né, e depois eles botam coisa lá dentro. Então tu sabe, lá na Neugebauer, Deus que me perdoe, a gente tinha que entrar numa peça quente, quente. Tinha que ser, né. Eu com aqueles, era tipo de um funil com cabo, e tinha um negocinho com uma argolinha, que tu fichava aquele buraco e quando tu ia encher levantava enchia e daí tu fechava né. Cada ovo daqueles era enchido daquela maneira né. Daí, depois aquilo ia pra uma peça quente, daqueles que eles tinham lá, e aquilo lá endurecia. Daí depois vinha pra nós tirar, então nós tirava, quebrava aquela parte de cima, e aí a parte de dentro a gente limpava tudo né, direitinho; e daí depois eles enchiam com coisa sabe, pra vender. Eu trabalhei muitos anos lá, trabalhei não me lembro se foi três ou quatro anos lá. Depois eu saí de lá porque eu não agüentava mais trabalhar naquela porcaria lá. Aí ó, um amigo da Dona, da minha Tia (...) ele arrumou serviço pra mim ali, né, foi ele que arrumou serviço pra mim. Sim, ali eu era servideira, eu aprendi, porque eu entrei como ajudante de servideira e lá dentro tinha uma professora, que era a, como era o nome dela? Ai, agora não me lembro o nome da professora, mas era muito querida que ela era sabe, e ela me ensinou a servir. A minha chefe era a dona Neli, uma cobra, que aquilo não prestava, que

mulher ruim. Então, olha, eu trabalhei trinta, trinta e poucos anos ali.
(Edith)

As narrativas vão desde fatos curiosos, cômicos, ou tristes, percalços ou pequenas desventuras banais, até detalhes de como aprenderam seus ofícios, ou de como conseguiam se dar bem em momentos de risco empregatício, ou até de vida - como no caso de Dona Edith, que tinha de atravessar diariamente, quatro vezes por dia, os trilhos de trem para ir e voltar de casa ao trabalho no pequeno e perigoso trajeto da Praça Navegantes até a empresa Rio Guahyba, principalmente no intervalo do meio-dia, quando tinha de fazer o almoço para a família, e na eminência de perder o horário de entrada da tarde na firma.

Lembrando-me das falas de Dona Edith, Seu Mário e Seu Alberto, não digo que há um medo em ser demitido do emprego, mas uma evitação. Ser demitido pelo empregador é diferente do que pedir demissão, por questão de honra ao trabalho, a um valor, uma moral. Não agir de forma correta certamente leva o funcionário a, mais cedo ou mais tarde, ser demitido. Por outro lado, se o empregado cumpre corretamente com suas obrigações, ou ainda, se ele se enquadra na ideologia e lógica da empresa e patrão/direção, as possibilidades de ficar por mais tempo trabalhando no local aumentam. Assim, quando ele sai da empresa, sai por sua própria iniciativa, muitas vezes em ocasião de buscar e encontrar oportunidades com melhores condições, em relação não somente a salário, mas também às tarefas. Dona Edith trabalhava na Neugebauer, tendo que lidar com as altas temperaturas da calda dos ovos de açúcar, por isso, o salário lhe era indiferente; então, principalmente pelo tipo de tarefa, optou em ir para outra empresa, no caso a Rio Guahyba, por ser menos árduo o trabalho lá.

Já Seu Mário, mesmo que realizasse, a princípio, tarefas de funilaria, fazia também outras, as mais diversas possíveis; recebia tão pouco por hora que teve de sair da Neugebauer, indo trabalhar na Steigleder. No caso de Seu Mário, sua presença era tão viável a tal ponto que, após sua saída, manter a seção tornou-se inviável para a empresa, pois a redução dos lucros foi significativa. Em mais de uma ocasião Seu Mário contou sobre sua passagem pela empresa Neugebauer, onde foi admitido ainda adolescente, e dali saiu com quase 20 anos de idade. Dono de uma

análise criticamente pertinente, Seu Mário divide suas reflexões sobre a política e a legislação trabalhistas:

Olha aí, nem Getúlio Vargas foi bom para o pobre. Deu férias... Mas e o menor? Eu trabalhava de menor aqui, ó, e o salário de maior era dois réis e quinze centavos, e o menor tinha que trabalhar mais do que os marmanjos, a 40 centavos a hora. E aí, e aí!? Aí quando, como muitas vezes aconteceu, 50 réis de aumento, como muitas vezes aconteceu. “Tem que mostrar mais serviço!” Tanto que quando eu saí a seção foi vendida. Sabe quem foi que comprou a seção? O Renato esse que morreu agora esta semana aí, ele que comprou a seção que eu trabalhei aí. Por que? Porque depois que eu saí ninguém mais deu conta do recado, botaram mais um, mais um, e aí... Na minha época que trabalhei aí era só eu. Quando eu saí, aí botaram mais dois, não deu conta, botaram mais dois, quatro, e não deram conta. Eu, com 18 anos, me criei com 13 anos... (Mário)

Seu Alberto, por sua vez, constrói suas lembranças do trabalho pelo sucesso de um produto. Narra que não raro lhe perguntam sobre o fenômeno da marca Mu-mu. Este produto consiste em um doce de leite cuja publicidade teve muito êxito na região e no estado. Muitas das cidades do interior tinham em frente a seus armazéns e até na entrada de suas localidades a placa de propaganda do produto fazendo parte do imaginário dos gaúchos afeitos ao consumo deste doce. Conta com orgulho sua participação neste processo:

Queriam saber, vieram na minha presença, saber como é que nós conseguimos esse nome Mu-mu que calou em tudo. Só conheciam até então Brahma, todo mundo pedia... Pegou. Aí eu contei a história do Mu-mu, como é que era Mu-mu, porque é que pegou, como é que nasceu Mu-mu. Aí então eu contei a história, como é que começou. Eu digo, olha, eu escrevia pra tudo quanto era prefeito. E os prefeitos queriam, e eu não dava conta, botar “tal lugar tem Mu-mu”, “tal lugar tem Mu-mu”. Não lembra disso aí, as placa? “Aqui tem Mu-mu”. Eu escrevia pros prefeito... Então eu tinha dois Mercedes, tinha um grandão, um carro desses, Mercedes, só pra carregar placa, eu mandava fazer a placa “tem Mu-mu” e o nome da cidade fazia depois, na lista que eu fazia, fazia uma lista conforme as prefeituras, fazia uma lista. São Gabriel, Santa Maria, fazia lista. E aquela fazia na hora, então carregava tudo no caminhão e esses paus assim pra botar, um caminhão só com esses materiais e outro caminhão, Mercedes, com uma cozinha, cama, cozinha, tudo pra levar os três homens trabalhando. Então nós saía daqui, a viajar. Os caras tinham cozinha dentro de casa, cama, tinham tudo, trabalhando, e um caminhão só pra abastecer eles, levando o material pra eles. Bordemos o Rio Grande do Sul com as palavras “aqui tem...”. Então isso aí calou. Consagrou uma marca. Hoje ninguém pede doce-de-leite, hoje chega “me dá Mu-mu”. Pode dar qualquer outro, é Mu-mu, não é? (Alberto)

Conforme aponta Cornelia Eckert (1993) em seus estudos sobre cidades reunidas em torno da indústria de carvão, o “valor-trabalho” pode ser considerado como parte de um feixe de valores culturais, compartilhados entre os habitantes de um lugar na construção e manutenção de identidades e pertencimentos aos seus territórios de vida. Para Pierre Bourdieu (1996) o conceito de trajetória social é uma forma peculiar de percorrer o espaço social, onde o sentido do deslocamento implicará gradualmente em uma nova posição, e na exclusão de aspectos das posições anteriores, que são também substituíveis, tornando dinâmicas as possibilidades dos sujeitos. Assim, as várias etapas que os sujeitos atravessam no decorrer de suas vidas implicam em diferentes condutas assumidas.

O depoimento de Miguel, nos mostra que os trabalhadores que ali habitam, conhecem uma trajetória de trabalho que persegue a demanda. Esta pode estar, ora em Porto Alegre na zona industrial (zona norte), ora em cidades interioranas que crescem conforme ciclos econômicos diversos. Esta trajetória percorre as regiões carboníferas, a região metropolitana de Porto Alegre, aproximando-o do bairro dos trabalhadores na capital, onde pode permanecer.

Quando eu peguei experiência de pedreiro, carpinteiro, porque eu achava assim, trabalhar de servente... eu tinha um tio meu que era muito profissional de pedreiro, profissional mesmo assim, disse assim: olha aqui ó, trabalhar de servente é boa... Vocês que saem da roça aí para trabalhar de pedreiro, vocês tem que ser alguma coisa na vida. Mas a gente também tinha pouco estudo também, né... Um dia eu tava lá trabalhando, fazendo concreto, espia só, na chaminé de Candiota lá, fizeram a chaminé de Candiota, 60 metros de altura, e eu peguei desde o início, eu peguei pra trabalhar no concreto lá, eu pegava no concreto lá, né, botava o cimento, depois socava com um... Aí passaram a vir os vibrador, quando inventaram os vibrador, aí eu peguei ordem de vibrador, aí o mestre disse assim: óia, tu disse que quer ser uma coisa na vida, de servente tu não quer trabalhar mais, então, vamos fazer o seguinte, vou te botar na, na... tu pega a tua carteira, traz aí na firma, vou te botar como ajudante de pedreiro, isso aí seria meio-oficial de pedreiro, né. Aí eu fui... Peguei a trabalhar de servente de pedreiro, e com meu oficial, e em seguida passei a profissional, né, lá em Candiota. A chaminé está lá até hoje, tem mais de, parece que é mais de 60 metros, uma coisa assim... Então tinha gente que não tinha coragem de subir nos andaimes, né, nos jaús, para cima. Então era um baita de um guindaste que vinha de Canoas, e foi para lá para levantar os jaús para cima, conforme ia indo fazendo a altura do andaime, a chaminé ia levantando para cima. Tinha gente que tinha medo, e eu não tinha, eu fui um dos que não

tinha medo... Era eu, o Homero que era de Porto Alegre, mais outro que era daqui de Candiota... E nós fomos subindo para cima, até o último lá, nós terminamos. Aí, quando saí de lá, já saí como profissional. Aí a firma que eu trabalhava que era Melo Pedreira, a firma quebrou, a Melo Pedreira lá quebrou, ela quebrou e nós fizemos requisição de contrato, e pegou a Cipun que era dos italianos, para terminar de terminar a obra, que a obra não tava terminada ainda. Aí eu passei para essa Cipun e trabalhei mais um ano nessa firma. Foi quando eu saí de lá da Cipun, quando me botaram pra rua, quando terminou o contrato da obra, lá com a Cipun, me botaram pra rua, eu e uma turma grande lá. (Miguel)

A história de Seu Mário amplia este fluxo, nos remetendo a uma perspectiva mais ampla e internacional, consistindo no movimento migratório em escala nacional, regional, estadual. Seu Mário é imigrante, vindo de Gênova-Itália para o Brasil, onde fixou-se em Porto Alegre. A motivação dos pais é inicialmente a vida agrária nas fazendas e propriedades. Também na periferia de Porto Alegre, sua família dedicou-se ao trabalho rural em uma chácara da zona oeste. Quando seus pais mudaram-se para a serra onde o seu pai prestaria assessoria como engenheiro agrônomo aos agricultores da serra gaúcha, Seu Mário escolheu por ficar na capital, morando em pensões e trabalhando nas indústrias em serviços de funilaria e serralheria. Ou seja, ele é um imigrante chegado já no século XX, movido pela escolha da vida urbana citadina, e não se insere no modo de vida rural. Quando esteve trabalhando nas indústrias Neugebauer e Steigleder não morava no bairro, veio morar depois, quando investe como pequeno comerciante em um armazém quase em frente a fábrica Neugebauer. Sua opção de trabalho é pelo comércio local no bairro. Pela possibilidade do pequeno comércio Seu Mário consegue escapar do fluxo muitas vezes obrigatório em busca de outro trabalho em face do fechamento de uma fábrica ou das condições de trabalho em alguns destes locais. Na medida em que a região de Navegantes aos poucos vai sofrendo o esvaziamento, ele permanece com seu negócio, mais ou menos tal qual como era, durante muitos anos, sem muitas melhorias ou mudanças na estrutura. O que acontece é ele aproveitar o espaço deixado pelos filhos que saíram de casa em razão de constituírem suas famílias, para alugar a inquilinos, os quais, realiza trocas solidárias de cuidarem da casa para ele e a esposa irem viajar em visita a parentes do interior, no Vale do Caí.

Seu Mário justifica sua permanência no lugar quase exclusivamente pela razão afetiva. Com o passar dos anos, a relativa segurança que o pequeno comércio dá permite a opção por ficar morando no local, mesmo mediante alguma desvalorização e desprestígio do lugar e região. Seu Mário apontava inúmeras vantagens de morar ali, mesmo que as muitas razões para morar noutra local não fossem por ele levantadas, ou, caso fossem, tais razões não fariam com que o bairro deixasse de ser privilegiado para ele. Ou seja, a razão simbólica em permanecer na região é forte, porque ele continuou morando ali apesar das mudanças, do abandono e esvaziamento que o lugar teve, sendo o trabalho, através do comércio do armazém, seu fator de adesão.

Seu Dante conta que seu avô veio da Itália com o irmão dele e foram primeiramente atraídos para São Paulo. Ao contar-me pergunta se eu via a novela Terra Nostra, pois esta contaria toda a sua saga:

Os brasileiros contratavam estrangeiros pra trabalhar porque diziam que o pêlo-duro era vagabundo. Bom, o meu avô veio com o irmão dele pra trabalhar no negócio de plantação de café, colheita do café, sei lá. Então, eles começaram a concluir que estavam sendo explorados. Aí então... Mas lá, nos fazendeiros, em São Paulo, faziam trabalho escravo, então eles tinham que fugir. Um irmão dele fugiu, mas ele não ficou sabendo de nada mais que aconteceu com ele, acredito que ele tenha sido até devorado por feras. O meu avô conseguiu fugir e veio pro Sul, aqui pro Rio Grande do Sul, aí conheceu a minha avó que era italiana também, conheceram no Brasil e se casaram. E o **meu avô plantou**, ele era agricultor, **ali onde era a Fábrica Renner, depois ele plantou uma outra área mais pra lá**. Como deu, teve dois anos de insucesso com as enchentes, era um baixio muito grande, então ele resolveu ir pra Itália, mas já tava casado aqui, e tinha três filhos brasileiros, onde a minha mãe era brasileira, a minha mãe era a terceira; primeiro veio os filhos homens depois minha mãe. Aí foram pra Itália. Na Itália, eles ficaram oito anos, e como todo italiano que volta do Brasil pra Itália, eles não dizem do Brasil, volta da América, eles acham que veio rico, voltou rico né. Então ele, no começo, começou a ficar enjoado dos patrícios dele, achar que ele era rico, só viviam pedindo dinheiro emprestado, e ele se incomodou, voltou pro Brasil. Mas aí trouxe dois filhos italianos [risos]. Então, a minha mãe contava, quando ele chegou no porto, ele veio pra ir pra Argentina. Foi lá, de navio, foram pra Buenos Aires. Chegou lá, não gostou. Ele disse “quer saber de uma coisa, vou voltar pra Porto Alegre”. Ele levou três filhos brasileiros pra lá, voltou com três filhos brasileiros e dois filhos italianos. Depois seguiu os filhos brasileiros. Ele tinha doze filhos... É!!! Quando ele chegou em Porto Alegre, a minha mãe contava, quando ele desceu do navio, ele chegou, fez a mesma coisa que o papa aquele, João Paulo II: se ajoelhou, beijou o solo, e dizendo “Terra abençoada o Brasil!”. Aí ele continuou, trabalhando aí, criou a

filharada toda. E quando ele parou em Porto Alegre, ele parou lá nos Navegantes¹². (Dante) [grifos meus]

Estes depoimentos vão mostrando que a vida coletiva na cidade é possível pelo valor-trabalho. É este valor que integra as famílias a paisagem, que interage os sujeitos aos lugares de pertença compondo as províncias de significado a partir de itinerários descontínuos o que faz necessária uma abordagem da cidade numa perspectiva sempre interativa. Desta forma podemos sugerir que suas memórias vão configurando paisagens diversas (de passagem e de pertença) por estas referências a uma trajetória construída pelo sentido do trabalho.

São as trajetórias dos indivíduos pela busca de vínculos com o trabalho que os ligam as paisagens de pertença e que vão costurar sua adesão na cidade. E a paisagem adere este estado de espírito da trajetória dos trabalhadores.

Segundo Milton Santos (2004) a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento presente. Para este autor, no espaço, as formas de que se compõe a paisagem, preenchem, na época presente, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem às determinações da sociedade atual. Daí que o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais tivessem uma vida própria, não podendo explicar-se por si mesmos. Há uma materialidade que sobrevive aos modos de produção que lhe deram origem ou aos momentos desse modo de produção. Na concepção do autor, toda demanda de análise espacial é, então, necessariamente invertida – não se trata de partir de um espaço considerado como em si cujos fenômenos se estudam, mas de fenômenos que criam seus espaços. Espaço e paisagem distanciam-

¹² Hino de Porto Alegre (autoria de Breno Outeiral, instituído sob Decreto nº 8451 de 24/07/84):

Porto Alegre Valerosa
Com teu céu de puro azul
És a jóia mais preciosa
Do meu Rio Grande do Sul

Tuas mulheres são belas
Têm a doçura e a graça

Das águas, espelho delas,
Do Guaíba que te abraça

E quem viu teu sol poente
Não esquece tal visão
Quem viveu com tua gente
Deixa aqui o coração.

se um do outro, pois comunicam diferentes mensagens (Rafestin apud Santos, 2004:105). Através do trabalho, o homem transmite vida às coisas, e, desta forma, “numa perspectiva lógica, a paisagem é já o espaço humano em perspectiva” (Santos, 2004:105).

A paisagem narrada pelos habitantes no Bairro Navegantes é a da dinâmica do trabalho nas fábricas, nas indústrias, e no pequeno comércio. As mudanças ao longo do século passado foram firmando uma competência industrial, mas os trabalhos mais corriqueiros também se fazem presentes, embora muitos conheçam a crise destas transformações econômicas e, não acompanhando as lógicas de modernização, acabem por falir. Ruben Oliven (1980) aponta para as diferenças entre fábrica e indústria, e a que tempo e a que espaço cada um remete – enquanto o objetivo da fábrica é a fatura do artesanal, o da indústria é o mercado consumidor do século XX. Segundo este autor, o modo de produção capitalista, processo no bojo da formação da sociedade urbano-industrial, implica numa profunda reestruturação das relações sociais existentes - a produção deixa de ser individual ou familiar, tornando-se mais “coletiva”, e mais complexa.

Assim, encontramos no bairro antigos prédios onde estas atividades de fábrica tiveram seu tempo auge. Segundo o senhor Henrique, a fábrica de meias, por exemplo, era uma das que contratavam muitos funcionários, mas acabou vindo à falência, sobretudo após a introdução das meias da marca Lupo no mercado. Os proprietários, que moravam na Praça Navegantes, deixaram um patrimônio arquitetônico industrial considerável, pois o prédio da fábrica é até hoje um dos mais imponentes e antigos do bairro.

O Bairro Navegantes, segundo relatos dos moradores mais antigos, já teve sua organização mais orientada segundo o regime da produção das empresas. Mas apesar das novas tecnologias de produção, que reduziram maciçamente o número de empregados e da transferência de muitas fábricas para parques industriais da região metropolitana, as empresas que existem hoje no bairro, mesmo pequenas e/ou poucas, podem afetar as atividades de comércio, quando ocorre o fechamento de algumas, ou durante o período de férias. Hoje são empresas de distribuição que empregam muitos dos trabalhadores que circulam na região, o que aponta para uma característica do bairro

de especialização de produtos para atender as demandas de diversas empresas, setores e da cidade.

Simone lembra das atividades que configuram uma linhagem familiar no bairro:

Meu avô tinha assim, o que nós chamava em 1910, eu acho, ele tinha uma coisa que se chamava baratilho antigamente, era como se fosse, tinha os pequenos, tipo assim, os pequenos, como assim eu vou te dizer... Vendas, na época chamavam-se. Aí depois, tinha tipo atacado que vendia, e essas vendas mais ou menos. Aí vinha o povo e ele vendia essas pequenas vendas. Mais tarde ele se incomodou tanto com saúde e fiscalizações e tudo... Daí ele mudou para ferragem que foi a primeira ferragem do bairro, e o meu pai deu seguimento a atividade dele... (Simone)

Simone atualmente possui uma ferragem na Rua Sertório. Esta ferragem transferiu-se do antigo local, próximo ao Complexo Renner, quando o espaço recebeu as cercas de concreto que isolam os trilhos de trem metropolitano, isolando-o da maior parte do bairro, ao sul do local. Simone segue assim a vocação do avô de comércio dedicado ao baratilho¹³, mas devido a possibilidades de complicações com a fiscalização da saúde, a objetivar um segmento, o avô optou por transformá-lo em ferragem. A ferragem é hoje bem visitada e requisitada, tendo como o público desde as empresas da região, até os carroceiros das Ilhas do Bairro Arquipelago. Segundo Simone, a parcela do público referente a moradores cada vez mais se reduz, tendo permanecido no entorno uma população que, para ela, não acompanhou as mudanças da sociedade. Este itinerário de diferentes localizações da ferragem traz a negociação de seus habitantes com as transformações da cidade no local.

Segundo os mais velhos, o movimento no bairro na primeira década do século passado era intenso. Uma das atividades que trazia grande dinamismo ao local era a atracagem de embarcações menores, de navegação fluvial. Despachavam junto à orla no bairro vindo carregados de produtos e matéria-prima para o comércio. Daí para a distribuição nos depósitos e fábricas locais, o processo era facilitado pela proximidade. Haviam inclusive algumas indústrias como a Gerdau que possuíam docas próprias. Dona Edith lembra que na época havia muito pó ambientando paisagem, e que, o trem

¹³ O termo “baratilho” assemelha-se a “secos&molhados”, ou a “armazém”. É utilizado para denominar o estabelecimento comercial, por vezes também depósito, com os mais diversos produtos, inclusive com venda a granel, geralmente chamado assim por pessoas mais idosas, ou da zona rural e interior.

passando, apesar de ser uma marca do dinamismo industrial do bairro, não lhe agradava totalmente e poderia não ser tão moderno comparando com a atualidade. Os trilhos, hoje, não são mais os trilhos dos trens de antigamente, nem a poluição atmosférica é a mesma:

Agora é Trensurb né. Antes era a Maria fumaça né... Era uma chaminé desse tamanho em cima... E a casa da gente como ficava tudo? Tu sabe que passava os dedo nos móveis assim, ó, ficava preto, Deus que me perdoe... Ai, que sujeira. Graças a Deus que acabou a Maria Fumaça. Tu sabe, aqui não tinha esse muro então, dez minutos eu saía daqui correndo que eu vinha almoçar, e lavava a louça, as crianças ficavam na creche, e depois minutos eu atravessa por ali e tava na fábrica. Hoje em dia tem aquele muro que não dá pra... Na Guahyba, pois eu trabalhei muito, eu me aposentei ali na Guahyba com 32 anos de fábrica. Tu sabe lá o que é isso, trabalhar 32 anos numa firma!? E depois ali, e depois de aposentada eu ó, trabalhei ó, muito tempo depois de me aposentar. Eu deixava as crianças, nem me lembro com quem né, acho que eu tinha empregada, não me lembro, e eu ia trabalhar. Os guris já eram grande eu acho, ficavam sozinho em casa sabe, um cuidava o outro. Credo, quando eu me lembro assim, eu fecho os olhos, aquilo que era tempo. (Edith)

Os depoimentos dos antigos contrastam aquele tempo de dinamismo com um tempo de esvaziamento do bairro. Muitos partiram em busca de trabalho mediante o fechamento de fábricas e indústrias na região, outros se deslocaram geograficamente para outros bairros. A população que parte tanto pode ser composta de habitantes em “idade ativa” quanto da população mais idosa ou aposentada, e neste caso, em geral por ficarem sozinhos após o falecimento do companheiro ou dos pais, e/ou para aproximarem-se de parentes que moram noutros lugares da cidade ou noutro outro município.

Na vizinhança atual, alguns moradores e frequentadores trazem em suas vidas as transformações pelas quais a cidade passou. Em geral quem mora ali às vezes até não possui mais amigo ou parente próximo, na vizinhança, mas ainda possui um vínculo com o lugar, com o bairro, já que resistem em mudar-se dali, mesmo da pressão da especulação imobiliária, e da com a própria ambiência de abandono do bairro em muitos de seus lugares, pois são muitos os vizinhos que gradualmente têm saído do bairro, liberando, assim, imóveis que acabam dando lugar a empresas. Este aspecto é observado em parte desta vizinhança, que apresenta em suas trajetórias de experiência

urbana em Porto Alegre, os reflexos das dinâmicas nas formas de habitar e trabalhar na cidade.

Dona Evinha, antiga moradora, chegou a trabalhar em algumas empresas no bairro, acabou mudando-se para o município de Montenegro, RS, para morar junto com o filho. Mesmo agora ausente esta senhora deixou histórias de seu tempo de operária aos moradores mais jovens da vizinhança. Como o episódio do incêndio que Dona Evinha presenciou na fábrica de fogos de artifício onde também trabalhou, em que “foram vistas cabeças voando”, me disseram alguns dos moradores.

Mesmo com a atual e visível presença de uma população mais jovem, muito além de apenas percorrer as ruas do bairro, mas no convívio cotidiano pela vizinhança, é que a população mais velha passa a ser percebida. É sobre a fragilidade da predominância de uma população mais velha que Seu Alberto discorre em uma entrevista:

E o que morreu aqui, pra tu vê! Agora, por exemplo, de uns dois meses pra cá, morreu mais de quinze. Aqui morreu os dois irmãos, morreu um numa semana e outro na outra; ali morreu o marido numa semana e a mulher na outra... Ih, ali morreu dois ou três vizinhos, o que morreu de gente por essa zona, Deus me livre... E o pessoal, olha, não vem pra cá. (Alberto)

A crescente industrialização do país, em Porto Alegre, cada vez mais vai transformando o espaço, urbanizando-o, e alterando o estilo de vida de suas populações. A visibilidade da orla como constituinte da paisagem da região foi relativamente perdendo sua importância, na troca de paisagem mais relacionada com a natureza para uma paisagem do desenvolvimento, do progresso. Tanto que para se ter uma imagem do bairro não é mais necessário relacioná-la com a orla. Apesar de que a orla faz parte inclusive da própria trajetória da industrialização da região, e de que, segundo o senhor Henrique, o próprio nome do bairro tem seu significado a partir dos habitantes que tinham que utilizar barcos em seus deslocamentos, por morarem em região alagadiça.

Pois a beira do rio era bem do lado da Voluntários da Pátria. A beira do rio ia dali até a Ramiro Barcelos, a Rua Ramiro Barcelos – conhece a Ramiro Barcelos? -, depois ali formava um recanto e ia lá pro centro, pro centro de Porto Alegre. Mas o Gerdau, eles traziam balsas de madeira, que vinha e encostava na beira da Voluntários da Pátria. O Moinhos Rio-Grandense, era ali na beira da Voluntários da Pátria, encostava navios argentinos, pra descarregar trigo que vinha da

Argentina. (...) Era um complexo industrial que a meu ver, ali, às seis horas da tarde, aquilo ficava cheio de gente nas ruas, os operários que largavam né, operários e operárias, né, vários que trabalhavam lá em todas as indústrias. Então aquilo lá era de admirar. E fora disso aí tinha a Rio Guahyba, tinha a Neugebauer tinha a Varig, tinha os móveis Gerdau. (Dante)

Um bairro que nasce e se constitui com a vocação de ser lugar de convergência dos fluxos comerciais e industriais, ao longo do século XX, conhece, com o processo das mudanças advindas ao sistema industrial mais tradicional, o impacto das transformações. Estas se fazem evidentes por uma condição de crise pela ameaça da perda do status de bairro produtivo e concentrador de famílias de trabalhadores.

3.2. O tom do trabalho

Um dos conceitos classicamente utilizados em Ciência Sociais, no desvendamento dos mecanismos que engendram os processos de interação sociais, espaço social, é tratado por Pierre Bourdieu (1990) juntamente com outros conceitos relacionados pensando a sociedade na sua complexidade e transformação. No bairro Navegantes, a interação de grupos sociais, vindos de diferentes países e regiões, dá o tom da diversidade.

Para este autor os atores sociais espacialmente se inserem em certos campos sociais, dotados de características que os diferenciam e os situam em posições relativa e hierarquicamente determinadas. Tais características correspondem às qualidades adquiridas pelos atores sociais através da posse de capitais – cultural, social e econômico – que por sua vez relacionam-se às classes sociais, mas que para a interação social, na ocupação deste lugar social, os atores jogam as regras dos campos sociais em que se encontram.

Durante a etnografia em Navegantes pude observar relatos sobre dominação do lugar pelos teuto-brasileiros. Em algumas entrevistas aparecem a exclusão dos grupos que não eram “de origem” – alemã, neste caso -, ou a etnia na ocupação de espaços, em lugares de encontro social como cinemas e principalmente clubes como o São João-Navegantes. Apesar disso, alguns “brasileiros” freqüentavam lugares onde os “pelo-duro” em geral não entrariam. Simone, atual proprietária de uma antiga ferragem do

bairro, conta que seu avô, por se constituir profissionalmente na região, e ter acumulado capital, não somente financeiro, através da ferragem, e também por sua aproximação através do casamento com descendente, circulava pelos clubes e barbearias destinados a atenderem mais exclusivamente “alemães”.

Algumas pessoas não eram... Não tinham a... Não entravam na mesma sociedade tudo, até minha mãe quando começou a namorar meu pai, aí a minha avó chegou, até porque a minha avó é de descendência alemã e inglesa, Anita Smith de Andrade. Aí elas foram para minha mãe assim, de que família que tu és? ... Aí o pai assim, a mãe assim é dos Fagundes, porque? Os Fagundes não eram ninguém aqui, né. Aí ela, não, não, tudo bem. Eles eram, eles tinham essa... Os antigos eram assim, de que família tu é, quem tu és, que clã tu pertences. (Simone)

Simone acha que seu avô e seu pai eram respeitados principalmente em virtude do trabalho. Seu Dante, antigo morador de descendência italiana, que foi desenhista técnico de empresa estatal, explicita a segregação de um modo geral nos espaços sociais.

Na Avenida Eduardo, um pouquinho adiante, tinha o Esporte Clube São João-Navegantes. Não sei se até hoje conservam o nome, o clube está lá ainda. Mas eu não podia ir sabe por quê? Porque eu tinha sobrenome de “pelo duro”. O São João- Navegantes na época não deixavam entrar brasileiro, só de origem alemão, se tivesse sobrenome alemão, aí podia entrar, podia se associar até lá. (Dante)

Mapeando as relações extra-familiares, em depoimento anteriormente citado no capítulo 2, Seu Dante argumenta, sobre uma predominância local da origem italiana, que a identidade imigrante constituiu laços de pertencimento entre as famílias dos antigos habitantes¹⁴.

Além da etnia, as formas de acumulação de capital através do trabalho constituem fatores de diferenciação. Isso vale também para a população dos trabalhadores informais ou de outros setores além da indústria, através do capital

¹⁴ “Ali também nos Navegantes – é bom frisar isso aí também – fazia essas amizade porque tinha muito campo também, né. Então tinham famílias tradicionais que desbravaram os Navegantes, onde se inclui a minha família. Tinha a dos Brofato, dos Soster, dos Bernardes, do Di Giorgio, dos Calamato, dos Camaratta, que é a minha família; tinha a dos Palacini, que era lá perto onde pegava o campo do Renner e parte da Farrapos. Não me ocorre mais outras, mas tinha mais, várias, famílias, tudo de origem italiana. Quem desbravou os Navegantes e São João foram gente de origem italiana. Essas famílias então mantinham um vinculo de amizade, né, e eles tinham grandes áreas como os Brofato, tinha uma área muito grande que pegava da Dona Teodora lá. (Dante)

adquirido em suas experiências de trabalho e trajetórias sociais. Miguel, pedreiro aposentado, natural de Bagé, que chegou a morar na empresa como zelador, trabalhando de vigia e porteiro-recepcionista, descreve como teve a oportunidade de vir para Porto Alegre trabalhar – vide depoimento citado no sub-capítulo anterior -, quando opta pelos trabalhos de pedreiro ou pintor em vez de agricultor, em face de uma demanda de construção crescente.

O saber adquirido através do trabalho diferencia os habitantes do lugar, como Miguel, Dante, o avô de Simone, para além das questões profissionais especificamente. Para Bourdieu (1990), a diferenciação dos atores no campo social, se dá através do “habitus” - disposições internalizadas a partir do capital dos sujeitos -, que condiciona a posição e regras, e a própria diferenciação dos espaços ocupados no campo social. O espaço social então se constitui através das dinâmicas das relações de aproximação e afastamento, hierarquicamente desiguais, pois dotadas diferencialmente de capital, implicando relações de dominação entre classes.

Além dos antigos relatos de dominação das relações por grupos e indivíduos com capital acumulado – econômico e cultural -, hoje se observam situações emblemáticas de legitimação de lugares. Durante uma das saídas de campo, em um dia atípico, de gravação sobre o bairro por um programa de televisão local, a equipe de filmagem foi, após os trabalhos, recebida para um café na lancheria de uma informante, Ângela, que possui sua residência e lancheria próxima à passarela e ao muro que separa os trilhos de trem do Shopping DC. Pouco após a equipe se despedir, um dos proprietários da Funerária, membro da Associação do 4º Distrito (majoritariamente de empresários) veio informar aos presentes de seu descontentamento sobre os repórteres terem falado sobre o bairro sem terem chamado “as pessoas que mais podem falar da história do lugar”. Um dos proprietários também do imóvel que Ângela aluga, o morador começou a tirar satisfação dos presentes do porque de não terem lhe chamado ou de não terem chamado alguém de sua família para falar à televisão.

Vejo aqui esta diferenciação como constituinte do bairro e de algumas relações, remontando a legitimação de posições através de lugares já ocupados na estrutura local, de classes e grupos sociais. Como fundamento para noção de espaço, a idéia de classe se exprime para Pierre Bourdieu através da diferença, entendendo espaço como: “Conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em

relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre”. (Bourdieu, 1993:18).

Os espaços no bairro seguiram certamente o tom do trabalho, das transformações da cidade, que se acomodavam o valor família, as relações de parentesco e de vizinhança. O relato de Henrique Licht, em entrevista concedida, é ilustrativo:

É que a gente estava construindo a nossa casa. Meu avô Licht tinha uma casa que ele morava com os cinco filhos e, junto ele tinha uma outra casa, num terceiro terreno e, junto dali, tinha um galpão, que eu conheci só por fotografias. Lá morava um escravo que ajudou, não tinha família, ficou muito amigo de meu avô, ficou para ele morar, [pois] meu avô cedeu. Quando meus tios todos o conheceram, falavam muito o nome dele, mas agora eu não me lembro o nome dele, Egídio, parece. Quando meu pai casou, ou ia casar, morreu esse escravo, então ficou aquele terreno grande, bastante grande, com aquele galpão grande, então o meu pai resolveu fazer uma casa melhor, então nós tivemos que ir morar no centro, a minha mãe estava grávida... Eu nasci no centro, mas poucos meses depois, voltei para o Navegantes. Sou Navegantes por opção. De fato, mas não por direito. Interessante. Ali moravam os meus tios e, em frente, meu outro avô já tinha construído uma casa de dois pisos, ele morava com a família e em baixo ele tinha um armazém, mas a gente fazia muita importação, importava principalmente vinho, vinho do Porto, e alguma coisa da Itália. Não era um restaurante, mas pode chamar. O outro avô, meu avô era italiano, casou lá em Caxias. E ali nos fundos tinha um terreno grande, um taquaral, isso eu cheguei a conhecer, me lembro bem, tinha entrada para os carros, eu me lembro bem. Inclusive tem, aí no livro, dois anúncios do restaurante dele na Festa de Navegantes. Tem aí. Deve ser, se eu não me engano, 1895 ou 1896. Tem que procurar. (Henrique)

Neste sentido, espaço social, para Bourdieu (1990), é visto como estrutura das distribuições, espaço da dinâmica das relações e conformação de *habitus* e estilos de vida do grupo.

Assim, na interação e ocupação social, os interesses e visões de mundo relacionam-se num jogo entre permanência e mudança de posições, através do conflito entre os atores, na construção da realidade social. A classificação destas interações através de dicotomias pode ser um método prático para ajudar a evidenciar as posições dos atores. A diferença de capital e os valores são facilmente evidenciados através do gosto, como a diferenciação pela preferência entre vinho e uísque, pensando em quais

classes e grupos sociais as bebidas identificam-se, permitindo localizar também os atores no espaço social.

Vale lembrar ainda que, para Pierre Bourdieu (1996), as classes sociais existem somente entendidas virtualmente, dentro de um espaço de diferenças, e o que existe sim é um espaço social. A partir do historiador inglês Thompson, Bourdieu (1996) define classe social a partir da construção do conceito de espaço social, como uma estrutura, de diferentes posições, definidas pelos diferentes lugares que nela se encontram. Neste sentido, as classes, distribuídas diferente ou semelhantemente, seriam partes das unidades, de forma relativa, localizadas neste espaço.

Neste ponto, todo o espaço social é dotado de hierarquia, possuindo distâncias por aproximações e afastamentos entre os atores, porém, de forma naturalizada, inscrevem-se a conservação das realidades sociais na duração e manutenção de posições na estrutura. Então, sempre haverá as diferenças de ocupação destes espaços, bem como, o conflito, pois para Bourdieu, o sujeito social é dinâmico, em constante luta pela ocupação dos espaços dentro dos campos sociais, apesar da estrutura.

Bem pertinente para pensar este espaço social é a noção estilo de vida, que, para o autor, são “sistemas de diferenciação que são a re-tradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (Bourdieu, 1983:82). Conjunto de preferências que expressam princípio de unidade pela sua diferenciação, o estilo de vida – que pode ser evidenciado através do gosto, pela postura, linguagem e consumo – expressa, sobretudo, intenções de expressão, identidade e valores, pois semelhantes capitais e condições produzem diferentes estilos, a partir de diferentes *habitus*.

Além das formas mais tradicionais e formais de trabalho, historicamente relacionadas com o bairro, as formas de sociabilidade também fazem a distinção entre os sujeitos e grupos. Não somente para a segregação dos descendentes de alemães que a dominação, através de valores e estéticas, se exerce. Luis, antigo morador da região, foi discotecário em festas nas décadas de 1970 e 80, e após anos afastado do lugar, retorna separado da esposa e filhos, morando de aluguel em uma peça. Isso não seria tão relevante e inusitado se ele não fosse alguém relativamente respeitado na região, pela sua experiência de vida, anterior, e também atual, mas principalmente pelos grupos sociais da elite local com quem Luís circulava nos clubes e salões. Luiz além de

conseguir alugar uma parte do imóvel de Ângela – que não permite homens estranhos em sua casa - possui crédito para montar ali sua “micro-indústria” - um laboratório-empresa itinerante de fabricação de sabonetes. Menos pela questão econômica do que pelas formas de buscar legitimar-se no lugar é que Luis consegue estabelecer novos ou re-estabelecer antigos laços de amizade, já que sempre se mostra conhecedor das histórias e pessoas do lugar, dos velhos e novos “causos” e situações, buscando se atualizar e se mostrar atual, mesmo depois de afastado. E em um mesmo espaço onde aluga suas peças, disputam o domínio dos códigos do lugar a proprietária e outros moradores que frequentam a casa, vizinhos e amigos, alguns moradores do lugar, ex e atuais, recentes ou antigos, com pertencimento e a cumplicidade de códigos de camadas mais populares.

Para Bourdieu (1990) o espaço social é definido pela distinção, ou quase exclusão mútua, de posições que o constituem, eu diria, do jogo na interação da manutenção ou transformação de tais posições. As coisas apropriadas pelos sujeitos, e dotadas de valor simbólico, bem como os atores, distribuídos de forma diferenciada, são e estão, portanto, relativamente estáveis dentro da estrutura dos espaços sociais. O próprio Luís, neste seu contexto de habitação, procura distinguir-se dos mostrando naturalidade ao mostrar histórias e alguns objetos de forma que fiquem um pouco inacessíveis aos demais. E como Luis e Ângela possuem relações de troca com seus clientes, trabalho e sociabilidade acabam intercalando-se e misturando-se. Para Ângela, além dos saberes da culinária, também o bom atendimento aos clientes é requisito para um bom comerciante do ramo da alimentação.

CAPÍTULO 4

Formas de sociabilidade e cotidiano: rotinas e conflitos

Sentada, em uma mesa dentro dessa lancheria, vejo as pessoas irem e virem, subirem e descerem, a passarela do Trensurb junto ao Shopping DC. Na Rua Frederico Mentz, esquina Dona Margarida, localiza-se a casa de minha informante Ângela, onde também possui uma pequena lancheria, na parte da frente do imóvel, situado praticamente atrás da igreja Nossa Senhora dos Navegantes e da Avenida Sertório. No entorno deste lugar há uma vizinhança diversificada, entre moradores antigos, flutuantes, e trabalhadores das empresas próximas. Para alguns habitantes do lugar, uma parcela da vizinhança, na figura de Ângela, casa e lancheria, convergem referências das mais variadas – informações sobre algum conhecido, um favor, alguma notícia, uma opinião, um fiado, uma conversa, uma indicação de emprego. E estas condições propiciaram um espaço para me situar nesta pequena rede, justamente como pesquisadora, no papel de escuta desta mulher e dos que ali chegam. Contudo, não somente durante entrevistas formais, mas, sobretudo nas observações participantes e conversas informais, acabo por escutar suas memórias, entrelaçadas com as situações cotidianas, narrando-me suas vidas a partir do desdobramento dos dias, de fatos do presente que remontam o passado - seu, de sua família e amigos da vizinhança; de suas experiências e de lembranças compartilhadas. Na última vez que encontrei Ângela, tive de esperá-la, sendo avisada por um dos meninos que brincavam em frente à sua casa. A mim, num primeiro momento, me intrigava estes adolescentes, na rua, até altas horas da noite, e em frente à lancheria, fazendo baderna e talvez afastando possíveis clientes (...) enquanto esperava por ela, me dei conta que a lancheria estava sozinha, fechada, claro, mas com os garotos da vizinhança tomando conta do lugar de alguma forma. Quando Ângela voltou, nos cumprimentamos, e colocamos brevemente a semana em dia - os últimos acontecidos de nossas vidas. E sempre há um momento da conversa onde ela já assume seu lugar de informante, ou, de narradora, e me passa a relatar algumas situações que podem ser interessantes. (...) Desta vez, implicando na rede da vizinhança, Ângela me conta de rompimentos que teve de fazer a partir de dois pequenos furtos feitos por seu irmão e pela amiga da família que mora no Casarão, um cortiço localizado perto dali, na Rua Margarida, número 34. Após ouvir as implicações do início deste corte na intimidade e no vínculo entre ela e sua filha com Vanessa, esta menina que mora no Casarão, Ângela já traz engatilhadas alternativas de ultrapassar estas decepções, como a idéia de colocar no panfletinho que eu lhe havia sugerido da lancheria, em uma das duas versões que fiz, também a idéia de anunciar um inusitado e original serviço: o “tele-à-pé”. Anteriormente eu havia lhe sugerido para fazer, ao invés de somente um tipo de panfleto, dois tipos diferentes, para deixar em lugares onde sua clientela se encaixa - um para fazer lanche no local ou pedir uma entrega, e o outro para solicitar encomendas de doces, torta ou salgado. (trecho de diário de campo)

Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss nos ensinaram sobre as relações de trocas. Lévi-Strauss (2003) chegou a construir sua teoria do parentesco considerando três tipos básicos de relações: por consangüinidade, filiação e aliança. Também no território da

Rua Dona Margarida estes três tipos de relações se entrecruzam. Relações de parentesco, de vizinhança, de trocas e interações ordenam os tempos e espaços vividos no bairro. A Escola de Chicago muito nos ensinou sobre trocas de bens e favores entre parentes, filhos, vizinhos e também entre amigos e colegas de trabalho. George Simmel (1983) nos ensinou sobre formas de sociabilidade e conflito, Erving Goffman (1980) sobre estigmas e uma rica antropologia urbana no Brasil, nos ensinou sobre estas dinâmicas da vida na cidade. Quero neste capítulo trazer relatos e interações observadas no campo de pesquisa.

Edmund Leach (1996), ao trabalhar com parentesco, interessou-se em como, através dele, engendram-se valores, propriedade, hierarquia e status. Interessou-se pelas questões de conflito, concebendo os sistemas sociais dotados de equilíbrio aparente, propondo-se a realizar uma teoria dinâmica da Antropologia. A aproximação com o autor é, sobretudo por priorizar as construções sociais dos sujeitos em suas relações de afinidade e de parentesco. A partir da transmissão de patrimônio em Leach (1996), que implicam em diferentes formas de transmissão de herança, pode-se compreender a organização social, relacionado parentesco, conflito e valores – morais e econômicos.

No bairro Navegantes, e na comunidade pesquisada, a transmissão de patrimônio é diversa. E no contexto urbano de uma grande cidade, de sociedades complexas, não se pode considerar somente a consangüinidade relacionada às relações de afinidade e convívio, como determinantes na transmissão de valores e saberes, bem como nas trocas. Porém, para Fox Robin (1967), as relações de parentesco são ainda o cerne das relações sociais, mesmo no mundo contemporâneo, o que pode implicar na mobilidade e trajetória social constituídas sobretudo pelos princípios de lealdade e reciprocidade. Por tratar-se de classes trabalhadoras urbanas, e por vezes de profissões autônomas ou informais, considerarei os saberes também como patrimônio, visto que é uma das ferramentas de trabalho, segundo Luiz Fernando Dias Duarte (1986).

Nestes momentos, a partir das reflexões surgidas nas condições de entrevista e mais ainda nas conversas informais e observações participantes, deparei-me com a necessidade do “olhar” e do “ouvir”, mencionado por Roberto Cardoso de Oliveira (2000), pois, situando-me na condição de ouvinte, cada dia de campo é uma escuta que deve ser muito atenta. A atenção aos “pormenores” apontados por Aaron Cicourel (1990) é fundamental neste processo, pelo fato de tornar mais transparente e consciente

possível, as tensões que cruzam minhas inquietações, mas, sobretudo, as tensões e inquietações dos informantes-narradores.

4.1. Tensões entre formas de habitar o local

No processo das entrevistas com os interlocutores, estes narram formas da vida cotidiana construindo sentidos para sua regularidade e definindo as situações de conflitos vividos do bairro relacionados às transformações urbanas e problemas de relações de vizinhança. Estas pessoas vivem e se estruturam através de relações de habitação, de modo geral oriundas da necessidade de fixar-se perto da malha de trabalho, sejam elas diretas, buscando residir próximo as fábricas e empresas, ou indiretas, abrindo pequenos comércios ou atividades diversas de serviços.

A rede social assim organiza-se, no cruzamento de diferentes sujeitos que se relacionam por sua vez através de outras redes, a outros sujeitos, na trama complexa da sociedade. As memórias individuais, tal qual aponta Maurice Halbwachs (2004), podem ser encontradas nas recorrências das trajetórias sociais dos sujeitos de uma rede, na constituição de uma memória local.

Estas rotinas em suas continuidades ou suas tensões que apontam para descontinuidades são observadas no estudo do cotidiano revelando as formas de configurações das interações no sistema de rede na vizinhança. Trata-se de perceber, neste processo, as formas de sociabilidade e de trabalho no fluxo do tempo.

Estas formas eu pude observar nas dinâmicas do trabalho formal e informal, sejam nas indústrias e empresas locais, seja no comércio e nos serviços. Transações de compra de venda, de aluguel e sublocação são temas constantes na rotina do bairro, como podemos exemplificar:

Eu comprei ali onde é 539, ali foi meu. Aquilo ali era meu. Eu comprei dois chalés que tinha ali, na Dona Nara. Eu morava primeiro ali, ó, morava ali na Rio Grande quando eu casei, o primeiro casamento. Depois passei a morar junto com meu sogro, e dali do meu sogro eu comprei ali na São Paulo, ali onde era Formilândia. Eram dois chalés, um na frente e um nos fundos. Eu morava. Era um comandante da Varig que morava num chalezão na frente, um chalé bonito que tinha, e nos fundos, morava um cunhado meu. (...) Aí eu quis comprar essa casa aqui. E, o seu Klein, que era o dono aqui, vim falar com ele, saber se ele queria vender. “Pois é, seu Alberto, veio atrasado que eu já vendi”. Eu digo “Me interessava comprar, mas se o

senhor já vendeu, não tem”. Aí fui-me embora. Tavam jogando um jogo no campo do São José, fui lá, no domingo. Quando eu cheguei a mulher disse “Ó, o seu Nicolau teve aqui atrás de ti”, “O que ele quer?” “Quer falar contigo urgente”. Aí eu fui falar ali falar com o seu Nicolau: “Tu tem o dinheiro?” “Porque, o senhor já não vendeu?” “O cara lá quer me dar promissória e eu quero é dinheiro. Quero oitocentos na bucha. E quero o resto em prestações de vinte contos”. Aí comprei a casa. Antes de comprar, falei com o Seu Arno, era o meu consultor. Seu Arno veio aqui: “Alberto, tu gostou? Tu compra”. Vinte contos por mês, naquele tempo isso era... Eu tenho ali tudo grampeadinho, e ele, “Não, não te assusta, tu vai trabalhar e tu vai pagar”. Vinte contos por mês... Sabe quanto eu dei nessa casa? Mil e seiscentos cruzeiros! (Alberto)

As tensões observadas podem ser dimensionadas pelo clima de fofoca que justifica a lógica de evitação e distinção entre famílias que moram lá há mais tempo e grupos sociais que migraram mais recentemente. Estes em geral ocupam imóveis alugados ou subalugados. Essas formas de habitação, por vezes informais ou “ilegais”, ou pelo menos não oficiais, ocorrem no âmbito de redes de favor com uma ocupação próxima a cultura de família extensa. Uma unidade doméstica pode então abrigar membros de diferentes famílias, vinculadas por este sistema de favor.

São unidades domésticas que se estruturam sob outra complexidade, que se constituem, sobretudo, na sublocação de peças no âmbito de uma casa, ou peças que se estendem no terreno no formato de “puxados”, peças nos fundos, garagens transformadas, etc. Os laços estabelecidos entre estes membros de uma unidade doméstica, tanto podem consolidar um vínculo de estima e reciprocidade forte como constituir estranhamentos e evitações. Como ocorre no caso do “Casarão”, um cortiço predominantemente ocupado por travestis, localizado na Rua Margarida quase esquina com a Rua Frederico Mentz. Ali neste local habitam, entre tantos outros moradores, Vanessa, uma amiga de Greice, filha de Ângela, e boa parte da clientela de sua lancheria: Camile, Lia, Solange, Joice, Angélica, Jenifer, e Cláudia, a zeladora do lugar.

Ângela, com já referido, mora em uma casa onde também desenvolve as atividades de comércio de uma pequena lancheria. A casa de Ângela é alugada, e ele, por sua vez subloca vagas e quartos, morando também, além dela e da filha, mais recentemente Ana, Taís e Luís. É em relação a este inquilino que constato uma co-habitação mais tensa, regada de rumores e pequenas intrigas cotidianas. O proprietário

do imóvel é um vizinho e antigo morador do bairro, dono de uma pequena e tradicional empresa da vizinhança.

O Casarão trata-se de um sobrado antigo, constantemente reformado, e gradualmente transformado, possuindo hoje algo em torno de umas vinte peças. A proprietária do prédio é uma travesti que não conheci, mas é Claudia, também travesti e importante interlocutora nesta pesquisa que gerencia com pulso firme o local, alugando peças e “jk’s” deste sobrado, e por vezes inclusive administrando relações de vizinhança em seu interior. Pude perceber que a co-habitação é razoavelmente regulada também pelos próprios moradores, e as formas de troca e solidariedade são constantes entre muitos que ali residem.

No caso de Ângela e Luís, o conflito se dá em função das dificuldades financeiras de Ângela que atrasa seus pagamentos e é alvo de reclamações e ameaças do proprietário. Luís por sua vez reivindica para si certas comodidades e avanços como na geladeira, com ares de “dono do pedaço” e hostiliza Ângela por sua incapacidade de manter a regularidade do pagamento das contas do aluguel, água e energia elétrica. Luís também mantém uma antiga amizade, desde a adolescência, com o filho de um antigo vizinho, um dos proprietários do imóvel onde ele mora, e troca com ele fofocas sobre Ângela e os demais moradores.

A casa de Ângela é antiga, muito grande, com peças amplas e pé direito alto, e sua área construída ocupa quase todo o terreno, do limite da calçada até o limite dos fundos. Há dois quartos no meio da casa, em frente ao corredor entre a sala e a cozinha, imensas. Ainda na frente da casa há a peça que abriga a lancheria, e uma porta lateral, que dá acesso por um pequeno corredor, à sala da casa e a um pequeno pátio externo à janela da sala. Atrás, ao lado da cozinha, outro pátio externo, com uma peça e um banheiro separados da casa, na divisa dos fundos do terreno. As janelas dos quartos saem para estes pátios internos. Toda lateral direita do imóvel faz divisa com a cerca de concreto dos trilhos de trem metropolitano, e o ruído é constante não só durante o dia, mas inclusive à noite, em virtude da manutenção dos trilhos. A paisagem, a partir das janelas da sala e cozinha, constitui-se da cerca de proteção dos trilhos, dos fios de condução do trem, da passarela, da empresa Rio Guahyba - seu imenso muro, suas paredes e janelas, e dos pássaros que cantam pousados nos fios e nas árvores do quintal da empresa.

Luís, que gosta de sentar-se na sala da casa para assistir televisão, em frente à janela, já vislumbrou a paisagem do bairro por outros pontos de vista, a partir de sua vivência. Na adolescência era morador da região e relata que na época vivia rodeado por amigos dos bairros Navegantes, São Geraldo e Floresta.

Luís inicialmente teve de insistir para que Ângela lhe alugasse uma vaga, pois o fato de ser homem descartaria a possibilidade de morar com ela e a filha, sem vínculo amoroso ou de parentesco, já entre as regras de moradia na casa de Ângela é evitar a presença e circulação de homens estranhos. A solução encontrada para este impasse foi que Luís reformasse então a peça dos fundos, que é separada do corpo da casa. Ali montou seu “cafofo”, que, para ele, foi o local ideal, bem isolado, como ele necessitava. Luís faz sabonetes e tem seu escritório e laboratório nesta mesma peça onde tem seu quarto de dormir-sala de estar. Milimetricamente planejado, este pequeníssimo espaço foi refeito com paredes e prateleiras das sobras de madeira da marcenaria da funerária, e assim, comporta tudo o que Luís necessita – as roupas, calçados, mantimentos e televisão; equipamentos, eletrodomésticos, moldes e ingredientes para o preparo dos sabonetes. A região favorece a clientela de Luís, que vê muito mais do que na pessoa física, as empresas, seu público alvo, especialmente o ramo de serviços e comércio, como bares, boates e principalmente motéis. Em épocas como Dia das Mães, dos Pais, dos Namorados, Páscoa e Natal, Luís prepara cestos com sabonetes em vários formatos e arranjos temáticos para oferecer também à vizinhança e aos amigos e clientes da lancheria de Ângela.

Taís é a moradora mais temporária. Natural de Rosário do Sul, ela veio para Porto Alegre fugida do marido, traficante, que lhe batia, trazendo a filha bebê consigo, para procurar abrigo na casa do irmão. Porém, ao chegar aqui, seu irmão, por quem esperava ser acolhida, estava trabalhando na praia, devendo retornar só depois de meses. Garçom no restaurante do Shopping DC e conhecido na lancheria, o irmão de Tais pediu a Ângela então, por telefone, que acolhesse a irmã, até voltar para Porto Alegre, depois de terminado o contrato na praia, para morarem juntos na casa dele. Para acomodar espaço na casa de Ângela, o quarto de Greice, sua filha, foi emprestado a Tais, passando a dormirem mães e filhas nas camas de casal dos dois quartos da casa.

Já, Ana, foi a última a se instalar na casa. Ela mais freqüenta o local do que efetivamente mora, somente dormindo ali por alguns dias da semana, desaparecendo

nos demais. Separou-se do marido, e, na possibilidade de não conseguir manter-se após a separação, deixou as duas filhas com ele, que mora na zona norte de Porto Alegre, a mãe, avó das meninas. Ana conheceu Ângela das ocasiões em que vinha à lancheria comprar cigarro ou algum lanche nas entradas e saídas do Albergue Noturno, como é conhecido o Abrigo Beneficente Padre Monsenhor Felipe Diel. Assim que conseguiu um trabalho mais estável e melhor remunerado, com carteira assinada, numa padaria na zona leste de Porto Alegre, Ana perguntou a Ângela se sabia de peças para alugar. Com situação financeira bem comprometida, pelo fraco movimento da lancheria, e com as contas do imóvel atrasadas e acumuladas, Ângela teve a idéia de oferecer a Ana uma vaga para morar ali temporariamente, até ela encontrar outro lugar. Como o quarto de Greice já estava ocupado por Taís e a filha, Ana aceitou dividir uma vaga na cama de solteiro do quarto de Ângela, que dorme com sua filha Greice na cama de casal ao lado.

Estar dentro de uma unidade doméstica, que se organiza em torno do trabalho, para gerar renda justamente para manter esse espaço, acaba tornando obrigatória a participação nas tarefas das pessoas que ali convivem. Cada um, da melhor forma que pode, contribui, e a seu jeito, acaba colaborando para manter as contas em dia e a despesa básica garantidas. E aqui entram, além da família, os agregados, que são essas pessoas que acabam morando na casa. Com o trabalho da lancheria mais a contribuição dos agregados Luis, Ana e Tais, ou eventualmente algum amigo, parente ou namorado de Ângela ou Greice, paga-se as despesas da casa, inclusive as compras de gêneros alimentícios e produtos de limpeza. Mas todos que ali habitam se engajam de alguma forma para manter a casa em condições razoáveis de habitação, bem como se esforçam em manter um clima de bom humor no convívio, talvez para superar a tensão cotidiana das dificuldades financeiras e estranhamentos de afinidades.

Pode-se sugerir também que no cotidiano da vizinhança tanto se pode constatar a hostilidade entre núcleos familiares, mais antigos, que evitam se relacionar com essa população das unidades domésticas, mais recente, e com características de flutuantes, quanto existem famílias que tecem relações de respeito e amizade com este tipo de unidade de moradia. Como é o caso de Dona Maria, vizinha de frente do Casarão, por quem Cláudia possui grande estima e confiança. Já sobre o antigo e o atual cortiço da redondeza e das relações de vizinhança, Ângela relata:

É que ficou o Beco do 30. Que nem ali, ó: ali é o Beco do 34. Um cortiço é um beco, né, porque tu entra, é como se fosse uma rua cheia de casinha, cheia de janelinha, cheia de portinha, cheia de fraldinha. É a visão do inferno, né! Praça Navegantes... É a rua de trás. Praça Navegantes, número 30. Ai, ali no Beco do 30 morava tudo que é tipo de criatura... Aí eu já tinha oito anos, né, quando nós fomos morar ali. Que esse meu pai foi pra Rio Grande e nós ficamos ali, com meus pais adotivos. Ficamos ali, morando ali na casa... E ele também não durou muito lá; que ele arrumou outra confusão, né, foi trabalhar em boate, só dá confusão as... Foi quando a gente se mudou pra essa casa do Beco. Mas ali no Beco do 30 morava travesti, prostituta, dois maridos com uma mulher. Sabe aquelas coisas assim que hoje tu vê só em filme, em coisas assim? Uma coisa mais profana, né. Não, ali eu vivia isso. Só que eu era inocente, eu não sabia né! E não acontecia nada na rua. Até gente que vinha pro albergue, que é em frente né, o albergue, ali número 40 acho que é – não, 40 é número de cá –, não, 41, o Albergue é na mesma praça. Aí as pessoas conseguiam emprego, vinham pra cá pra tentar, não conseguiam, iam pro albergue; aí conseguiam um empreguinho, um bico, alguma coisa, alugavam uma peça no Beco do 30. Então era onde recebia todo mundo, entendeu. E só terminou quando o Saul Delazari comprou as duas casas que era 30 e 38. (Ângela)

É assim ó: o Navegantes até que não é tão falado, e eles ficam mais é na Farrapos, a avenida deles de ficar é na Farrapos. Eles moram aqui moram na São Pedro, moram nas ruazinha pra dentro ali em bequinhos, em lugares ali que alugam peças, nenhum tem uma casa, sozinho. Até aqui já teve várias incomodações. E olha vem gente de carrão, apaixonados, não sei como, mas é, a vida é assim, não adianta. Então nunca teve mistura. E a gente sempre conviveu bem. “Oi? Oi! Tudo bem? Tudo bem.” Sabe, e não é de ficar de papo na rua, encontrar. Uma porque eles mesmos se reservam. No início quando eu abri aqui e elas começaram a vir aqui... Eu trato de elas né, todos travestis eu trato de elas porque me acostumei a não ofender a pessoa. Então é a Lia, é a Cláudia, é a Solange... (Ângela)

Isto não é necessariamente o que observei para o caso do Casarão por ter, não raro, encontrado manifestações de resistência por parte de antigos moradores em aceitar esta população vista como desviante, pelo seu estilo de vida ou por não estabelecer “raízes tradicionais”, como vínculo de parentesco na vizinhança ou de trabalho fabril, mas, sobretudo, revelando não raro o estigma pelo fato de muitos moradores do “Casarão” serem travestis ou prostitutas. Cláudia, apesar da possibilidade de alguma hostilidade por parte da vizinhança devido a essas razões, subaluga peças também a moradores que não são travestis, para Vera, empregada doméstica que mora com seu filho, e para Vanessa, que mora com sua mãe, aposentada por invalidez.

No caso de Ângela, pelo fato de morar no lugar desde criança e seus pais serem antigos no lugar e hoje bem idosos, pude observar uma situação mais cômoda em relação a vizinhança, até porque Ângela, mesmo sendo separada, não é homossexual ou prostituta, o que também não significa que não hajam evitações da vizinhança com ela. Já Cláudia não possui parente algum em Porto Alegre, nem antigos amigos no entorno, e mesmo tendo sua conduta considerada desviante por ser travesti, consegue ser muito bem respeitada na vizinhança.

Dentre as famílias que se relacionam com moradores mais novos, está a da Dona Edith, que é viúva e mora com os dois filhos na Praça Navegantes, atrás da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Dona Edith é uma figura peculiar da vizinhança, devido especialmente a seu hábito de dormir durante o dia e ficar acordada durante a madrugada, não muito comum para pessoas idosas. Na maioria das vezes esconde-se das visitas dentro de sua casa, mas quando sai na vizinhança, é a casa de Ângela uma das poucas senão a única que ainda vai visitar. Sente-se bem na presença dela e da filha, além dos agregados que moram em sua casa como Luís, com quem fez amizade e que lhe estima muito. Ali, com eles, Dona Edith parece que muda radicalmente, aparentando grande disposição e muito bom humor, do contrário das demais vezes que lhe encontrei em sua casa, onde não raro, mostrou estar deprimida, salvo quando começávamos a conversar.

De seus filhos, um trabalha como representante comercial e o outro é eletricitista autônomo, trabalhando em casa. Dona Edith não possui boa relação com o filho mais novo, que não lhe ajuda muito a elevar sua auto-estima, pelo contrário, reclama da mãe agredindo-a verbalmente. Eu mesma presenciei uma situação constrangedora, com ela e este filho mais novo, de tal forma que fiquei sem saber o que fazer, além de tentar argumentar em favor da mãe, propondo-me levá-la para fazer uns passeios no bairro e no centro de Porto Alegre. O outro filho é mais pacífico, ao menos mais quieto.

Ao lado do terreno de Dona Edith localizam-se um imóvel de Saul Delazari, que adquiriu alguns terrenos na Praça Navegantes, dois dos quais onde se encontravam o “Beco do 30” - um imenso cortiço, já mencionado, onde moravam famílias de baixa renda e migrantes, e onde moraram alguns moradores antigos da vizinhança, como Dona Hilária, gerente da padaria Caiçara onde Ângela trabalhou quando adolescente, e também entre outros, segundo relatos de informantes, um bandido conhecido por Gato

Preto. Relatam Ângela e Dona Edith, respectivamente, sobre as antigas e atuais relações de vizinhança:

Não sei de onde saiu direito essa criatura, eu sei que ele comprou essas duas casas e manda na rua bem dizer assim. Faz e acontece... Faz terraplanagem. Foi ele, eu acredito que tenha sido, ele que ajudou a fazer essa bomba de água. É terraplanagem e saneamento. Eu trabalhei por um ano ali e a gente se estressou, ele não pode nem ouvir falar em mim. Se tu falar com ele, ele vai te falar “isso aqui era um horror, eu que arrumei essa rua”. Sabe aquelas pessoas bobas e prepotentes? “Que isso aqui só tinha prostituta, só tinha ladrão”. Morava realmente ladrão, o tal do Gato Preto, que parece que morreu ali na igreja, ele morou um tempo ali. Isso eu ouvi falar. (Ângela)

Aqui é assim ó, de gentalha, que tu não sabe da onde que vem, né. Essa rua, tu sabe que tem horas que não dá eu tenho fechar a janela! Vêm pedir água, vêm pedir pão, vêm pedir leite... As crianças vêm pedir café. Antigamente isso aqui era das freiras... [referindo-se ao albergue noturno] A irmã Ernestina, que eu acho ela morreu já, ela foi embora daqui. (Edith)

Na lateral do terreno de Dona Edith, junto à divisa com o terreno de Saul, havia um parreiral onde ela por vezes passava relembando o tempo em que conhecera seu falecido marido. Porém, com a construção do muro vizinho e a falta de sol, pela sombra que o muro passou a fazer, aos poucos a planta morreu. Além disso, também a compra de alguns imóveis de vizinhos mais antigos pelo empresário, deixa maior ainda a mágoa de Dona Edith com relação a Saul. Afinal, ela sentia-se sozinha e agora mais isolada ainda, pois não tem mais a vista de seu quintal para o entorno.

Durante etnografia de rua pelo Bairro Navegantes podem ser verificados aspectos importantes para analisar o estilo das ruas, do lugar, das pessoas, segundo Abraham Moles (1982), conforme sua apropriação, dispersão, encontro, identidade. Na vivência do urbano a cidade formal sempre se relacionou com a cidade informal, segundo Martín-Barbero (2002), coexistindo o fixo e o fluxo, a monotonia e a agitação, o planejado e o fugitivo, o trabalho e a sociabilidade - as descontinuidades, negociadas pelos sujeitos que transitam por estes dois regimes.

Busquei estar atenta a estes fluxos. Mas, sobretudo as evitações, estranhamentos, e distanciamentos surgidos por parte da vizinhança para comigo me fizeram sentir na pele pré-julgamentos, e com isso, sofrer recusa de certos moradores em conversar. Isso

pelo simples desconhecimento deles sobre meu interesse de pesquisa, ou pelo meu descuido quanto à correta comunicação a eles sobre minha atividade, ou até mesmo por estigma, já que eu era vista como pertencente a uma rede, pelo menos me relacionando com pessoas de certo grupo de afinidades.

A noção de sistemas de acusação para Gilberto Velho (1999) baseia-se na perspectiva da vida social como um processo complexo e contraditório, sem um compromisso com harmonia e estabilidade dos fenômenos. O conflito maior se dá em relação as territórios de prostituição a noite, quando os moradores sentem-se agredidos pela exposição dos travestis em suas batalhas.

Melhorou muito, a nossa zona, melhorou muito. Mas de dia, porque de noite, ali, só dá traveco. Menina, o que dá de traveco ali. Fizeram, tentaram fazer [ponto], mas nós... “Por favor, vamos respeitar a casa, aí, senão não vai dar”. Uma vez eles estavam fazendo ali, daí nós demos uns tiros e nunca mais. Eu acho que essas coisas não deveriam fazer assim, ao público. Essas coisas assim, eu vou te contar uma coisa, fazem na rua mesmo. Uma vez... Eu vendo peixe, daí eu ia pegar peixe no Mercado, de noite, na Semana Santa, eu fui na terça-feira pegar os peixes. Quando eu venho vindo, tinha um cara com o material de fora, mostrando pra mim. “Peraí, isso aí eu também tenho, não precisa me mostrar, ora bolas”. E depois não é... Vamos conversar agora como dois amigos: eu acho que o sexo, tem o lugar certo. O lugar certo, onde é que é? Porque se tu... Um homem e uma mulher, se tu ligar os dois, se encaixam. Como uma maçaneta, dá bem certinho. É ou não é? Mas sexo com um cara! Sai daí, o que é isso!? Tem até motel para isso... Mas é claro, tem todas as coisas, as seguranças. Ninguém precisa ficar sabendo o que acontece entre os dois. Não interessa. (Mário)

Sobretudo nas cidades brasileiras, pelos processos de transformação nas formas da vida social, as categorias de acusação possuem relevância na trama da vida social e na manutenção de seus vínculos. Dona Edith traz igualmente esta tensão constante em suas interações com a vizinhança, tanto na desaprovação de atitudes de antigos vizinhos como pronta para a aceitação do social, visível nos casos de amizade com os habitantes da casa de Ângela e do Casarão.

Ah ali, aquilo ali é tudo puto sabe, é só puto... Travécos, é. Mas eles são gente muito legal pra conversar com a gente. Mas olha, eu me dou demais com eles. O meu guri, aquele que tá em São Paulo, que eu te falei, o Luis né, o mais velho, tu precisava ver, eu queria que tu visse, uma vez ele não me trouxe todos eles aqui pra casa. Tu vê, guria, né, como é que eu vou desfazer as pessoas né. Eles com a coisa deles lá e

eu com a minha, não interessa. Tratei bem eles, mas vou te dizer, então ficaram meus amigos sabe. (Edith)

A realidade constitui-se através da negociação entre diferentes atores, e o conflito perde o caráter catastrófico. Interessa-nos esse aspecto para a atualização das relações de interação, contextualizadas nas sociedades moderno-contemporâneas, e nas novas formas que os arranjos entre as redes sociais e de reciprocidade fazem implicar nas relações de família e parentesco.

Então é um lugar assim de estirpe, né, só gente de classe A. Essa era a vida, né. Que quando criança a gente brincava nessa rua. Tinha muita criança, mais, perdi, não tem dedos da mão que conte. Tinha um pessoal, a família do policial que morava no apartamento da esquina, só eles tinham sete filhos, eles tinham até o pequenininho adotado, mas os outros tudo era já grandinho. (Ângela)

4.2. Futebol, ontem e hoje

Neste processo do fluxo da vida cotidiana, a sociabilidade esportiva ganha grande destaque. Este contexto das formas de sociabilidades através do esporte tem predomínio da rivalidade, observado nas conversas no horário de intervalo do expediente, nas lanchonetes e clubes da Avenida Presidente Roosevelt, ou nas quadras particulares, como na Avenida Sertório. Na lembrança dos mais idosos como seu Airton, seu Dante e seu Mário, o futebol que era jogado nos campos espalhados pelo bairro era motivo de encontro nos finais de semana. Eles relatam sobre a importância do time da empresa Renner, que teve grande destaque em campeonatos municipais e mesmo estadual. O futebol foi e ainda é tema, seja pela adesão a algum clube, seja por experiências em participar de times locais, de clubes, empresas, grupos de amigos, etc.

Seu Dante, hoje com mais de 80 anos, relata em suas lembranças este momento:

Mas, outra coisa muito bonita que tinha nos Navegantes era o campo do, o estádio do Renner, que foi campeão gaúcho em 1954. O campo do Renner e ia, mas sempre fui colorado [risos]. Então, lá, às vezes eu me via estreito porque, na maior parte, tava a torcida do Renner toda, e eu ia torcer pro Internacional. (Dante)

Hoje, dizem, o time não existe mais e não há mais time que represente o bairro. Os times atuais são diversos e pertencem a “n” divisões, em geral não mais vinculados a

uma identidade de trabalho, como de uma empresa tradicional como a Renner, a não ser, que sejam seus patrocinadores, ou time de várzea, composto, entre outros, por colegas de trabalho.

Após ler e ouvir relatos a respeito da densidade de times de futebol, suas vinculações com as empresas e funcionários, e jogos pelo bairro, o sentimento quando se caminha próximo a grandes terrenos, hoje ocupados por depósitos e empresas, onde antes haviam campos de futebol, é de uma nostalgia fantástica, talvez inevitável, ao compartilhar desta memória e imaginando as sociabilidades masculina e suas sonoridades - as palavras de ordem de torcedores e técnicos aos jogadores, os gritos de gol, as risadas de lances errados - sons estes fisicamente inaudíveis hoje no local, mas, quem sabe, perceptíveis pelo que pode reverberar uma poética da lembrança.

4.3. Caminhar na rua

Na rua os indivíduos são convocados a participar do social, sobretudo pelos microeventos, que se constituem em potencialidades de encontros e também de desencontros. Em sendo a rua um espaço semi-público, como extensão de um espaço privado, apesar dos sujeitos ali se encontrarem em virtude do trabalho - cujo espaço é privado e instaurado pela propriedade do patrão - é na rua que podemos observar uma forte sociabilidade de ir e vir dos habitantes do lugar.

Se nos ambientes internos das empresas há uma postura geral a ser seguida - em função de um fim que é a produção - sonoramente percebida em virtude da atitude dos sujeitos em suas práticas, na rua os sons dos mesmos sujeitos trazem outra atitude, pois ali é lugar das sociabilidades e microeventos, do inesperado-esperado. Em frente a botequins, restaurantes e armazéns grupos de homens comentam sobre o resultado do jogo de futebol do dia anterior, falam das notícias da rádio, comentam sobre a mulher que passa com um jeans apertado, cumprimentam um conhecido procurando emprego na região, acrescentam nuances às sonoridades das sociabilidades do intervalo de almoço dos trabalhadores do entorno. Mulheres também circulam, em menor número nos restaurantes, e, de modo geral, param para conversar com amigas e ex-colegas de trabalho, no comércio local de pequenos estabelecimentos como padarias, mercados, fruteiras, farmácias e lojas de artigos de bazar e de R\$1,99.

Tu entendeu, todo mundo chega numa padaria num barzinho que seja, a primeira coisa é contar da vida, e ao natural, não é que eu pergunto. Eu não perguntei se ele tomou banho ontem. Eu falei alguma coisa? Nada. Ela disse “como todo mundo enforcou o banho ontem em casa, nós vamos tomar banho hoje” [risos] Ah, o Rogério muitas vezes fala “Bah, ontem fiquei com uma guria assim-assim-assim, tava horas me olhando”, e assim por diante. Cada um tem um estilo de falar. Ela já fala da família, o Rogério já fala de mulher – aquele rapaz que tava sentado ali, motorista da Ouro e Prata, é o garanhão da rua, acha que pega todas, e eu me mato de rir. Ele mora tipo numa pensão, nessa rua mesmo, aluga um dos quartos que o velho aluga. (Ângela)

Correrias de levar os filhos na escola ou de buscá-los, de ir e vir do emprego também configuram os deslocamentos dos gêneros femininos e masculinos, mistura de gerações. Em um feriado, é mais fácil encontrar mulheres com suas cadeiras em frente às casas para uma roda de chimarrão, enquanto as crianças de vizinhança fazem suas brincadeiras sob os olhos atentos de mães, avós ou vizinhos.

Observam-se as duas funções de básicas na apropriação da rua, que é, ou 1) circular para chegar a algum lugar, como o caso de trabalhadores e moradores, ou 2) parar para estar, no encontro com outro habitantes. No caso dos trabalhadores informais como papeleiros e travestis, a rua pode ser um lugar de passagem mas é também um lugar de trabalhar.

4.4. Jogar o social

As opções de sair no bairro não são muitas. Não há *shoppings centers*, a não ser o Shopping DC Navegantes, onde os preços são elevados e são poucas as opções, restringindo o público às parcelas mais elevadas da população, não necessariamente moradores do entorno. A boemia também é restrita e sem muitas alternativas além dos locais facilmente encontrados, os bailões e casas de prostituição da região. Até praças importantes como são habitadas por traficantes e assaltantes durante o dia e noite. Antiga referência de sociabilidade para várias gerações, durante o dia e a noite, a Praça Pinheiro Machado, localizada entre as avenidas Presidente Roosevelt e Farrapos é evitada pela população em geral; recentemente, durante o dia, voltou a ser apropriada pela vizinhança, depois que foi instalado um jardim de infância municipal no local.

Tem importância especial a Festa dos Navegantes onde os antigos, sobretudo, falam de grandes emoções, de encontros, de inícios de namoros e casamentos. Hoje os locais preferenciais para os entrevistados mais jovens como Ângela são os bailões e barzinhos distribuídos pela Avenida Farrapos e entorno, onde podem se reunir para uma rodada de cerveja e cantorias. Em um relato sobre suas preferências musicais, Ângela fala da diversão noturna no bairro, de locais de dançar e cantar nas proximidades.

Ia na Fátima cantar no videokê, depois ia no barzinho dançante que tem lá adiante, lá no... Um muquifinho¹⁵ que tem lá só de véiarada¹⁶. (risos) na Farrapos passando a São Pedro. Passando a São Pedro do ladinho do Itaú. Era o antigo Moisés, que era da Farroupilha e agora mudou. Aí mudou o nome ali, agora é não sei o que dos amigos. Aí nós fomos no Pub Star, que tinha lá na Assis Brasil, que tinha o Adriano Domingues da Rádio Cidade. Dava na propaganda da rádio, eu ouvia, daí eu queria ir lá, daí eu fui... *Funk!* Dancei *funk* a noite toda, e eu detesto *funk!* Mas eu me divirto com o que eu não gosto. E isso é que é interessante, eu canso de dizer pra minha guria: Tu não gosta de isqueiro? Pois tu tem que saber da onde que ele saiu. Tu não gosta tem saber por que tu não gosta. Pra ti saber por que tu não gosta vai ter que descobrir do que ele é feito. (Ângela)

Ao pesquisar em um bairro de migrantes de um centro urbano, William Foote Whyte (2005) observou que as alianças entre os habitantes do lugar se davam, mais do que por consangüinidade, por laços de amizade, e sua manutenção através das lealdades, troca de favores e hierarquia de papéis nos grupos. Durante as observações desta etnografia, as relações que foram estabelecidas, se deram a partir das trocas, mesmo para quem, como eu, já foi um dia totalmente de fora daquele lugar e daquela rede de relações. Muitos dos que hoje são amigo de Ângela e parte de sua rede, já foi totalmente estranho, como Beto, garçom da Churrascaria do *shopping* DC Navegantes. No percurso entre seu trabalho e sua casa, Beto passou a freqüentar a lancheria de Ângela, e disto nasceu uma amizade gratuita. Um dia Beto teve que se ausentar, justamente num momento em que sua irmã tentava lhe localizar em Porto Alegre, necessitando de ajuda. Na churrascaria lhe recomendaram procurar por Ângela, que então acolheu a irmã em sua casa até seu retorno.

Na Rua Dona Margarida e recorrendo a Pierre Bourdieu (1990) observamos estes contínuos rearranjos dos indivíduos na reprodução da vida social. Gabriela, amiga

¹⁵ Lugar de diversão dançante, muito simples, pode ser bar ou danceteria.

¹⁶ Muitos idosos.

de Ângela desde a infância, é porto-alegrense; mudou-se dali para outra região da cidade, mas até hoje vem visitar os vizinhos e amigos. Sua mãe faleceu e talvez a família coloque o imóvel à venda. É Gabriela quem cuidava do filho de Dona Hilária, gerente da Padaria Caiçara, quando Ângela trabalhou na adolescência.

Apesar das forças externas à comunidade, pode-se perceber que as relações atuam em um esforço de manutenção solidária, dentro do sistema de trocas simbólicas entre a vizinhança, nem sempre com sucesso. O bairro, com as intervenções que passou, teve parte de sua população antiga, grande parte que trabalhavam nas empresas, esvaziada, e esse pode ser um fator que possibilita algumas redes, que ficaram então com poucos habitantes antigos, manterem-se ou renovar-se, através da manutenção de sentidos, identidade, e organizações morais que uma sociedade dinâmica demanda.

As notícias e fofocas da Rua Dona Margarida possuem camadas de significados, para mim, muitos ainda desconhecidos. Um comentário “maldoso” a respeito de algum vizinho pode ser indicativo de uma traição passada, e possível vínculo anterior do referido sujeito entre as redes de relações dos moradores. A mágoa da Dona Edith em relação a uma antiga amiga que descobriu ter feito comentários maldosos sobre ela, a deixou extremamente magoada. A fofoca aqui rompeu uma antiga relação de confiança no sistema de vizinhança e amizade:

Nossa, eu já passei tanta coisa nesse Porto Alegre aqui, eu não sei como é que, como é que eu ainda to assim, ativa. Porque eu já passei muito trabalho aqui sabe. Criei meus filhos, já passei por muita, como é que se diz, muita, como é que eu vou te dizer, muito desgosto. Muita maldade que falavam de mim sabe, porque eu sempre fui muita alegre com as pessoas, homens pra mim, mulheres pra mim, tudo eram igual, eu tratava tudo igual, então. Essa Neusinha que eu te falei, que foi embora daqui, mas aquilo tinha uma língua que nem uma vaca sabe, uma cobra. Aquilo não presta, Deus que me perdoe, ainda bem que Deus levou pra longe daqui, aquilo não valia nada, Deus que me perdoe. Aquilo pra botar nodula numa pessoa, ai vou te dizer. Para que ela é santa, era “a santa do Navegantes”, o resto tudo não prestava, ela que era boa sabe. E tu vê, eu era amiga dela, depois quando eu fui descobrir o que que ela falava, ela inventou... Eu não sabia, depois que me contaram, quando ela foi embora daqui. Mas porque, porque que não me contaram na época, que eu queria da-lhe, da-lhe, pegar ela e dar uma surra assim, que eu não gosto nem de pensar. Como eu era boba. Mas Deus o livre, sei lá, não sei como é que ela sabia... Mas graças a Deus que ela foi embora daqui. Aquilo ali agora, era um restaurante, agora não sei... (Edith)

Em relação a uma antiga amiga de infância que teve um flerte extraconjugal com seu marido, Ângela já fez observações ridicularizando suas características físicas, mesmo apesar de muitas vezes, por outro lado, demonstrar sincera afetividade em relação à amiga. Neste sentido vale lembrar as observações de Claudia Fonseca (2000) que contextualiza as atitudes de gozação e acusações, como constituinte das relações de gênero nas redes sociais. Muito destas formas de acusação e estigma se davam, segundo relata Ângela, em relação às pessoas que vinham para o bairro em busca de atividade (emprego, serviço) e que no processo de instabilidade de sua inserção recorriam a albergues, pensões e cortiços, altamente estigmatizados, como o albergue noturno da Praça Navegantes ou os cortiços, habitados ou freqüentados por moradores de rua, desempregados, desocupados, drogados e assaltantes, e também trabalhadores informais em geral de baixa renda como serventes, papeleiros, travestis e prostitutas.

No termos de Norbert Elias (1994), o “domínio de si” e o “saber viver”, como parte das modificações do processo civilizatório da Europa, já na Idade média para a Modernidade, formam uma série de usos sociais do corpo, ligados à vida coletiva, submetidos à normas e pressões sociais. É preciso moderação no comportamento e nas emoções, e neste sentido é que os costumes evoluíram juntamente com as mudanças na sociedade. Segundo relatos de Ana, que morou na casa de Ângela e eventualmente dormia no albergue, as relações ali são reguladas pela vigilância, e mesmo existindo a separação entre homens e mulheres, ocorrem relações sexuais e inclusive estupros, algumas vezes por parte dos funcionários. Para além da população dos cortiços e do albergue, Ângela também comenta aspectos de famílias da vizinhança, como de uma antiga vizinha:

Essa até é bem curiosa a situação dela, que ela foi casada com o Toni, tinha o Joãozinho, filho dela né, pequenininho, até a Gabriela cuidou o João pra ela trabalhar, e eu trabalhava na Padaria. Também namorei o irmão dela, mas era namorico... [risos] eu, com meu ver, era infantil, ele já era bem homem, bem formado só que ele tinha largado da noiva há pouco tempo. E ela nesse meio tempo tava separada do Toni, e namorava o Evandro, que trabalhava na Alcoa, e aí ela... [risos] ele trazia ela em casa e o marido lá em cima. E o marido dormia no quarto com o pai dela e ela dormia com o filho. O amante no caso não subia né. Mas ela dizia “ele é meu namorado, porque eu não tenho mais relação com ele, ele tá ali por uma comodidade, até por um custo que não tem como pagar e tá com o filho dele junto”, sabe. Mas na época era curioso ver, porque todo mundo dizia “olha lá, o marido dentro de casa e ela na rua namorando”! [risos]

Nesta situação, que a informante escolheu narrar, sob certa cautela e constrangimento, ela em alguns momentos ri timidamente, talvez como forma de acomodar os constrangimentos de um tipo de relação doméstica que não admitiria para si. As escolhas amorosas e também as soluções financeiras de Ângela demonstram o desejo e a busca por melhorar suas condições de vida, que por vezes faz questão de lembrar-se da condição de pais, migrantes, trabalhadores informais do ramo da reciclagem de papel, e que mesmo sob dificuldades conseguiram de alguma forma se estabelecer”. Mesmo quando traz os assuntos de seu passado, da época do Beco do 30, nossa informante demonstra certo distanciamento de grupos do lugar. Sobre alguns moradores do Casarão, relata que

A Solange é uma que usa botas, inverno e verão ela tá de botas. É uma figura né, parece que é meio louca da cabeça, às vezes faz necessidade na rua. “Ah, papapá, não sei quê”, faz uma gritaria, e pá, faz ali na rua mesmo, aqui no canto ela começou a fazer. Quando a gente abriu aqui ela deu uma amenizada. E essa outra que veio aqui eu não sei o nome, mas tem a Joice, a Angélica e a Jenifer que são gêmeas, e conseguiram namorados gêmeos (risos) Imagina o trauma da mãe, né, os dois serem travesti. Um, muitas vezes a mãe ainda releva, porque é um filho, agora dois já um choque um pouco maior né. De repente alguma coisa de transformação né, sei lá o que é, nunca pensei em entender isso. (Ângela)

Neste processo civilizador, para Norbert Elias (2000), cada vez mais a sexualidade e isolada da vida social, transferida para a família. No entanto, pode-se dizer que houve, a partir de outras grandes mudanças na sociedade - como o maior acesso da população em geral à informação e à educação, das mulheres em diversos setores, e, mais recentemente, a visibilidade da diversidade - certo rearranjo desta curva de civilidade. O modelo familiar, cada vez menos patriarcal, para muitas classes médias inferiores, é muito mais matrifocal, e, em geral, cada vez mais baseado na negociação.

4.5. Morar na Margarida: relatos de Ângela

Saul, natural da Serra, que possui empresa de terraplanagem no entorno, e possui imóvel vizinho ao de Dona Edith, segundo informantes, não é uma figura muito apreciada na região, por querer impor formas de regular as relações da vizinhança. Conforme já referido anteriormente, segundo Ângela, o morador considera que realizou

uma “limpeza” no lugar ao adquirir os terrenos onde encontrava-se o Beco do 30, extinguindo o cortiço. “Sabe aquelas pessoas bobas e prepotentes?”, pondera minha interlocutora, explicando que ao falar sobre a vizinhança, considera que o lugar “era um horror”, que “Isso aqui só tinha prostituta, só tinha ladrão”. Das relações de vizinhança de um passado não tão distante, dos tempos do cortiço, em que alguns moradores mais jovens não viveram, mas ouviram falar, e pensando as atuais, com o albergue, Ângela conclui, situando relações familiares e unidades domésticas:

Então é um lugar, assim, de estirpe, né, só gente de classe A! [risos] Essa era a vida, né. Que quando criança a gente brincava nessa rua. Tinha muita criança, mais, perdi, não tem dedos da mão que conte. Tinha um pessoal, a família do policial que morava no apartamento da esquina, só eles tinham sete filhos, eles tinham até o pequenininho adotado, mas os outros tudo era já grandinho.

Outra personagem mencionada por Ângela é Dona Hilária, ex-gerente da Padaria Caiçara, que mora na Rua Dona Margarida. Também morou no Beco do 30, conhece Ângela desde criança, e foi ela quem lhe ensinou muito do que sabe sobre administrar um comércio de lanches, em todas as suas etapas, das compras até a limpeza, passando pelo atendimento. Ângela me conta:

Com 11 anos eu fui trabalhar numa padaria, Caiçara, muito conhecida aqui, o pessoal da Guayba e da Renner que trabalhava passava ali, era um movimento muito bom. Eu pegava às cinco da manhã e soltava às dez da noite. Tinha duas horas de intervalo porque eles me davam e coisa e tal, era bom pra mim. Mas eu ficava uma horinha, comia em casa e voltava ligeiro, porque tinha o que fazer, porque eu era sozinha, nunca tinha feito, né. (...)

A Dona Hilária, ela era gerente da padaria Caiçara. Ela me viu com 3 anos, morou no Beco do 30. Me ensinou tudo, tudo-tudo de padaria, tudo, tudo que eu aprendi, não de fazer, me ensinou a limpeza, tratar com o pessoal, comprar bebida. Organizar! Ela era gerente. Em dois meses que eu tava na padaria ela foi ao Rio fazer uma viagem, coisa que ela não fazia nunca, ela não tirava férias nunca, e eu fiquei no lugar dela, com 11 anos. (...) Mas, meu Deus, tinha várias gurias tentando ali. Não ficaram. Porque não ficaram? Porque eu? Tá, ela me conhecia de pequena, mas viu que eu fazia exatamente – o que tento passar pra minha guria.

Misturando passado e presente, Ângela vai relatando pessoas, lugares e relações, de modo geral, tecendo redes e cumplicidades, onde se situam trabalho e sociabilidade. Também parte dos personagens que povoam suas lembranças é seu primeiro marido, com

quem teve sua filha Grace, o qual conheceu quando ambos trabalhavam na Rua Dona Margarida:

E aí eu conheci [] . Ele trabalhava na MotorYamah, que é esquina da Farrapos com a Dona Margarida, que é essa rua, perto da esquina, hoje ta enorme, 40 e poucos anos, 40 anos eu acho que eles fizeram em 2002. A gente morava em cima ali. 44 anos, 45 anos deve ter de empresa. Ali nessa quadra ali houve muita mudança. Tinha muita casa ali. Tinha um senhor, Seu Orlando, que arrumava bicicleta – bem coisa de guria, né. Aí tudo venderam. Hoje é terrenos, hoje é Valsul, que é uma empresa, na verdade eram duas empresas com dois sócios, e eles se dividiram; era o Fernando Roger e o Itacir, que eu não lembro o sobrenome; eu trabalhei lá também. E eles se separaram e ficou o Fernando hoje tem a empresa dele no mesmo lugar, com saída até o outro lado da rua, na quadra toda, de fundo. E a Valsul comprou a esquina, comprou agora esse terreno onde era a casa do Seu Orlando, e depois tem dois prédios que vivem fechados, não que não sei o que é que é; tem uma casa, tem um arquiteto; tinha uma fábrica de luvas de couro de coisas assim, um monte de mulher trabalhando, que era um “h”, todo mundo ficava olhando, aquela fissura pelos guris e tudo passando ali, na hora que elas saíam e chegavam. Agora assim é a Brasil Sul, né, eu acho que umas cento e poucas mulheres. Na esquina da Santos Pedroso com a Dona Margarida. Esses já não moram mais aqui, né – Ronaldo, Rogério, essa turma assim. Era tudo piazzada. E eu e o meu marido também né, que ele trabalhava ali do lado, e ele ficava ali babando. Mas naquela época nós não éramos casados, eu era uma guria, né. Ele era doze anos mais velho. E ele era casado... [risos] (Ângela)

Para Louis Wirth (1976), os moradores das grandes metrópoles constroem entre si redes de solidariedade, conforme os grupos de interesses semelhantes, para conseguirem obter uma vida satisfatória resistindo ao anonimato e a competição que caracteriza um grande centro urbano (Wirth, 1976). Vanessa, que mora com a mãe, natural de Caçapava, no Casarão, é amiga de Grace filha de Ângela, e que por vezes também ajuda nos afazeres da lancheria, recebendo um pagamento para essas tarefas. Como já ocorreram desentendimentos entre Vanessa, Ângela e Grace, sua ajuda na lancheria foi dispensada.

Marcos conhece Ângela há mais de dez anos. Trabalha na Funerária Navegantes, no prédio ao lado. É morador da Vila Farrapos. Com retalhos de madeira da marcenaria da funerária, fez a mesa de trabalho da lancheria, que fica na cozinha da casa, para preparo dos alimentos. Ele empresta dinheiro eventualmente para Ângela e demais amigos da vizinhança, nos momentos de maior sufoco financeiro, bem como também

opina, questiona ou apóia as algumas decisões que Ângela lhe pede orientação quando tem dúvidas em realizar uma escolha em determinadas situações, domésticas, amorosas, ou financeiras.

4.6. A lancheria de Ângela como laboratório de observação

Ao instalar sua lancheria e residência em uma antiga casa do lugar, Ângela tem como entorno moradores antigos e eventuais, além dos trabalhadores que passam por ali em seus trajetos, constituindo sua lancheria um lugar que possibilita a encontro da vizinhança. Se para Leach (1996) as linhagens organizam hierarquias, pode haver uma linhagem no lugar que não necessariamente relaciona-se com idade somente, mas com suas práticas e valores. Ângela, apesar de jovem, tem forte pertença ao lugar e à vizinhança, compartilhando memórias dos mais velhos, não somente porque nasceu e viveu sua vida praticamente ali, mas porque faz questão de participar da vida social local, nos gestos cotidianos mais banais, aparentemente. Como participar das festas juninas de escolas tradicionais do bairro, da procissão e festa de Nossa Senhora de Navegantes, e das sociabilidades de porta e de calçada entre os vizinhos mais chegados. Parte da vizinhança participa de uma rede de afinidades, sob diferentes papéis, tendo a figura de Ângela como mediadora de empregos, namoros, oportunidades, constituindo importante papel na solidariedade local. As trocas que se dão na Rua Dona Margarida pode ser desde um caderno emprestado para o colégio, uma indicação para um emprego em algum lugar por intermédio de um terceiro, informações sobre o paradeiro de alguém, ou as conversas informais e acaloradas, de assuntos mais diversos, permeadas de reflexão e crítica, mas também de muita jocosidade.

Os encontros e as interações na lancheria e casa de Ângela, além de possibilitados pela rede da vizinhança a circulação de pessoas pela passarela acaba criando uma situação de familiaridade nesta passagem das pessoas em seus vais-e-vens cotidianos. A respeito de décadas atrás, conta:

Sim, o pessoal muito comprava fruta e coisa, na padaria que eu te falei que eles iam lá muito. Hoje é um restaurante, parece que trocou, pra uma lancheria. Mas aqui era um pólo né. Era muita gente quando apitava. Eu quando ouvia... Aqui o pessoal não entende muito sabe, porque eu sou muito detalhista e guardo... Esses dias tava estragada a campanha da fábrica Guayba, que até hoje funciona, ainda funciona, poucas mas ainda funciona, tá mudando, né, não mudou por completo

ainda, que eu saiba, tão mudando aos poucos, tão fazendo negócio de água, saneamento coisas assim, e... Aí, tinha estragado a campainha e ficou uns dois meses sem, e num único dia, acho que vieram pra consertar e testar, e aquela campainha tocou assim ó uns quinze minutos direto, Sabe, tu gostar daquilo!?! Ai, que maravilha se voltasse a funcionar, porque toca vez que batia a campainha nós sabia que vinha aquela tropa, pra passar. Sabe o progresso? Coisa boa se tivesse toda aquela gente saindo de novo ainda mais que eu tenho o meu estabelecimento, e antes eu trabalhava nos outros mas, cuidava de mim né, fazia o melhor. Bah, muito bacana que era. Quando eu vi, não, só tavam consertando a campainha.

Saudosista de um período de sua adolescência, quando o bairro ainda possui uma população maior, Ângela ainda se beneficia da localização de sua lancheria. Junto à passarela de acesso ao Shopping DC, com algumas empresas no entorno, nas ruas Dona Margarida e Frederico Mentz, há duas quadras da Sertório, além da vizinhança antiga e dos diversos tipos de inquilinos de imóveis subalugados, este lugar ainda possui uma circulação de pessoas que atravessam a passarela, sobretudo para ir e vir para casa e trabalho, pois o bairro Humaitá localiza-se no outro lado dos trilhos do Trensurb.

Os códigos estabelecidos entre a vizinhança e freqüentadores da lancheria utilizam-se do cômico e da música para sua intermediação. Segundo Mikhail Bakhtin (1987) a cultura do riso e do cinismo nos exige uma compreensão atenta para tentarmos estudá-la, bem como dispensa ser entendida de forma sublime. Inclusive neste sentido Vladimir Propp (1992), coloca que através do riso pode-se brincar e até destruir uma falsa grandeza ou autoridade, pela sujeição ao escárnio. A condição de mulher separada lhe dá um estigma de desviante para alguns vizinhos, o que poderia lhe colocar em condição vulnerável nas interações de vizinhança e no atendimento à clientela da lancheria, em grande parte masculina, afinal, é alvo de fofocas e chacotas por parte de alguns vizinhos, sendo que muitos dos clientes da lancheria possuem relações de amizade ou de trabalho com moradores do entorno de sua lancheria/residência.

Apontadas por Zygmunt Bauman (1998), as transformações nas relações amorosas refletem-se nas negociações que nossa informante pode realizar com alguns dos homens da vizinhança e dos que freqüentam a lancheria. Apesar de um tanto homogeneizante e pessimista, Bauman argumenta que cada vez mais as relações entre os casais não implica em laços duradouros, tornando-se descartáveis, tal qual o consumo na era da globalização. Mas é justamente a partir desta reflexão sobre tais

efeitos nas relações afetivas entre homens e mulheres que podemos pensar que costumes e práticas, ligados a papéis sociais, possuem uma dinâmica, muito mais complexa a partir da pós-modernidade. Porém, não somente as escolhas promissoras, seja pela comodidade ou por afeto, estão em evidência, mas outro ideal de parceiro também.

Ao relatar que foram em turma a um vídeokê de uma amiga da família, na Avenida Farrapos, juntamente com sua filha e seus amigos, com quem costuma sair de vez em quando, nossa informante escolhe para cantar uma canção na primeira pessoa do masculino, e confessando um tipo de parceiro o qual não quer mais se sujeitar.

Amanheci sozinho, na cama um vazio
Meu coração que se foi, se dizer se voltava depois
Sentimento meu, não vou agüentar
Se a mulher que nasci para viver, não me quer mais (...)
Sempre depois das brigas nós nos amamos muito
Dia e noite a sós (...)
Sou menino e seu amor é que me faz crescer (Banda Roupas Nova)

Ângela contou-me sobre um homem que conheceu recentemente - natural de São Paulo, há trabalho na cidade, e circulando pelo Navegantes. Segundo ela, conversaram por muitas horas, e trocaram relatos de suas vidas, suas relações, família, trabalho, diversão. E durante um bom tempo em silêncio, sobre alguns problemas de roubo de coisas do bar por parte de familiares, e de sua situação financeira, confessa que não é “nem boazinha nem santa”. E também o que mais lhe deixou impressionada neste seu último encontro, foi a frase “Eu sou um homem de palavra”, durante a conversa com “o paulista”.

Pensando nos relacionamentos que teve, no modelo de família e nas práticas que Ângela exerceu em relação a lazer e trabalho, as observações de Ruben Oliven (2004) com relação às mudanças na sociedade brasileira através de temas em nossa música popular. Através de sua trajetória, a informante também apresenta a ambivalência que a figura da mulher representa para o homem, em diferentes momentos de sua vida. Sobre um período com um ex-marido, Ângela com que:

Aí ele foi pra lá, que um diretor lá do noroeste - que hoje tá até bem falado no público, ganhou um campeonato, ganhou umas partidas aí –

botou um bingo daqueles de campo de futebol, no auge dos bingos. Em noventa e poucos explodiu os bingos, lembra? Aí fizeram aqueles bingos de campo, ao vivo e coisa e tal, e nós fomos pra lá pra ver como é que era o bingo em Bauru, pra abrir a praça de Lençóis Paulista. Foi a época que eu mais ganhei dinheiro na minha vida Só que lá em São Paulo tem muita ilusão, tu ganha muito bem, só que tu gasta muito bem. Um aluguel lá não baixa, uma casinha lá meia dessa minha é oitocentos pila. Luz, água, tudo mais caro, tudo, comida, tudo é mais caro. (Ângela)

Na condição de parceira de seus ex-maridos, embarcou em empreitadas às quais sofre hoje implicações, mas cada vez mais distancia-se da figura de mulher do malandro brasileiro, conforme Oliven (2004), passiva e cheia de ternura para com o marido malandro. Alguns aspectos da vida de sua mãe assemelham-se aos seus, porém, os tempos mudam, e o papel de tutora de um marido que evoca a figura do malandro, já não lhe serve mais.

Moradora desde criança no bairro e no entorno da igreja Nossa Senhora dos Navegantes, Ângela idealizou, há mais de um ano, junto com o marido, uma oficina de motos. Uma casa abandonada, que estava para alugar, foi sua proposta como imóvel a ser alugado, como moradia da família e estabelecimento do negócio. Isso a partir de um pedido de “uma luz” para solucionar o problema, enquanto caminhava pelas ruas perto de sua casa, quando, ao levantar a cabeça, deparou-se com esta casa para alugar. Após estabelecida residência e oficina no local, os problemas de alcoolismo de seu marido possibilitaram que Ângela empreendesse, como alternativa à situação, um comércio de lancheria, um empreendimento que resolveu arriscar:

Aí, um amigo do meu marido disse “não, mas quem sabe tu põe aqui então, não tá enxergando aqui a lancheria?”. Comecei a bolar, bolar, bolar... Foi. (...) Isso aqui eu tenho um contrato de compra e venda com aluguel, então até sair o empréstimo da Caixa eu tenho, eu pago aluguel. No momento que sair empréstimo e pagarem aí eu... Eu também fui secretária numa empresa de plástico, bah, sei alguma coisinha. Eu sou muito variada, eu sou uma pessoa, não sou boa em tudo, mas tenho conhecimento de bastante coisa. Entende? Eu gosto disso aqui, isso aqui é minha vida. Adoro estar fabricando fazendo doce, uma torta, um quindim saindo perfeito, meu Deus, que orgulho!

Aliado a um histórico de alcoolismo também de seu pai biológico, sua mãe biológica, quando solteira, abandonada por seu pai, teve de deixá-la sob os cuidados dos

avós paternos, seus pais afetivos desde então. Juntamente com seus pais adotivos, Ângela influenciou-se pelos saberes da mãe, que

era dona de casa, ela fazia doce pra fora, bolo, cuidava de criança. Quando eles [os pais] trabalhavam lá no Justo, ele trabalhava de motorista de caminhão; trabalhou na Real Rodovias, também motorista de ônibus. Ela tinha uma janelinha, ela disse, e uma caixinha de sapato pra jogar o dinheiro dentro, que ela fazia sonho; na própria firma que eles trabalhavam, que o meu pai trabalhava, eles moravam nessa firma tipo um zelador, e ela vendia sonho, vendia batida no copo, então os catadores, os que vendiam papel velho, os de carrinho, ou os que escolhiam lá dentro, compravam dela, como se tivesse um barzinho dentro da firma, mas era assim improvisado, era num quarto.

Sobre sua mãe Ângela ainda conta:

É, a mãe foi muito guerreira. A foi tudo, bah. No caso meu pai adotivo ainda bebia né. Tenho dois casos fortes de bebida. O meu pai, que eu fui criada, e há pouco tempo meu marido, né. Esse eu consegui recuperara. Porque quando eu via meu pai bêbado, que a minha mãe ia nos Alcoólatras Anônimos, eu ia acompanhando ela, porque ela não podia dar um passo sozinha, que ele não deixava, até era no Sei, lá embaixo, na rua Farrapos, nós fomos em duas reuniões. Ele não ia, ele não se interessava, e aquilo me marcou muito, porque não tratar. E a primeira coisa que a mulher faz é largar o marido né – “ah, não presta, bêbado, eu vou largar” – e acaba com tudo, e eu não queria.

Recentemente separou-se de seu último marido, passando a morar somente ela e a filha, o que a sobrecarregou de contas e colocou em risco a manutenção da casa e da lancheria, justamente quando obteve o alvará. Vez em quando, abriga um parente, como o irmão por parte de mãe e seu sobrinho, mas isso não implica em quaisquer ajuda financeira em seu orçamento, pelo contrário, Ângela além de ajudar como pode, ainda insere-os na rede de trocas da vizinhança. Por isso encontrou na sublocação de vagas e peças do imóvel em que mora uma alternativa de ampliar sua renda.

Nesta busca por um novo lugar social, no contexto contemporâneo de “classe popular urbana”, de família matrifocal e de outro papel da mulher na sociedade, Ângela apresenta preocupações aspectos a respeito do namoro de sua filha, considera cedo demais para um comportamento de esposa para com seu namorado, não tanto em relação ao sexo, mas no seu papel de mulher nesta relação.

Durante situação de observação com minha informante Ângela, na parte da lancheria de sua residência, registrei o movimento do atendimento e as interações entre

os clientes, nas conversas informais. Alguns clientes já familiarizados sabem de minha presença, pois além de mim Ângela faz as devidas apresentações, conforme a relação destes clientes com ela ou sua rede de vizinhança.

Em alguns momentos refleti o quanto o deslocamento de um lugar cotidiano, como pessoa, enquanto pesquisadora, constrói um espaço de alteridade. Principalmente Clifford Geertz (1978), quando aponta para o encontro de diferentes “eus” de sujeitos, com noções e categorias de mundo, no caso de nossa sociedade contemporânea, na cidade, complexa, faz-nos pensar que, embora em algumas vezes nos identifiquemos com nossos informantes, justamente são os diferentes valores destes sujeitos com os do pesquisador, o que abre a reflexão sobre o processo do encontro etnográfico, e sobre as transformações do lugar e da cidade no mundo contemporâneo.

Em um dos dias que passei fazendo observações na lancheria, já era noite, ao diminuir o movimento após o final do expediente das empresas, quando Ângela pode falar algumas coisas que gostaria comigo, coisas que, a princípio, não necessariamente respondiam minhas perguntas sobre o trabalho na região, mas me fizeram repensar a respeito dos grupos sociais daquele lugar. Assim como Geertz (1978) deparou-se com a “vitalidade intelectual” dos javaneses, que refletiam questões do mundo e si mesmos, Ângela me faz refletir, com seu pensamento, como se constitui sujeito - como mulher. Enquanto combinávamos de gravar a conversa, pedi para que baixasse um pouco o volume da tv, geralmente alto na lancheria, mas que, em virtude do teor da conversa...

Ângela - Senão os guris me ouvem, eu falo muito alto. Tá bom, tá bom. TÁ BOM! TÁ BOM, MENINA!

Luciana - Vou aumentar um pouquinho então.

A - É no segundo, não, do outro lado. Aí, o segundo. Um pouquinho mais pra cima vai, com o banquinho, com o controle remoto. Deu tá bom, tá bom! Aí... Eu disse pra ele... Ele ia no parque à noite, porque eu fui só uma vez no parque à noite com minha guria, no parque de diversão, e... Brilhoso, tudo iluminado, uma maravilha, lindo de ver, parece que tu tá numa *Hollywood*, é um show à parte. E ele disse... Tudo assim ó "eu posso te convidar pra te levar" ontem ele pediu "eu posso te beijar?" e veio me beijando né, não esperou resposta! (risos) Estranho, né? Muito legal... "Eu posso te convidar pra ir no parque sábado que vem?" Eu disse "se for à noite, pode" (risos) que de dia eu trabalho e eu queria...

L - E mesmo que tu não trabalhasse, tu iria querer de noite...

A - Já vou despachar todo mundo de casa também, né! [risos]. A Greice vai ficar lá no namorado dela como sempre fica.

L - E o Samuel?

A - O meu sobrinho eu deixo na minha mãe. Sabe: "Vou sair, é aniversário de uma amiga". Deu. Não tem muita explicação. Mesmo casada eu sempre saía pra dançar - não sempre! -, uma vez a cada 2-3 meses eu saía com a turma essa pra dançar, o Hélio viajava e coisa e tal. ...Carlos, Vanessa, Daniel, Diego.

(conversa informal entre Ângela e Luciana)

Em um lugar da cidade relativamente abandonado, esvaziado de sua população antiga, Ângela vai resistindo, residindo e possuindo um negócio em um imóvel alugado, sublocando peças como alternativa de ampliar sua renda, fraca pelo pouco movimento do lugar, constituído por uma população de camadas populares, de classes trabalhadoras urbanas, muitos em situação vulnerável, como operários aposentados, trabalhadores informais e autônomos, desocupados, desempregados. Tal qual qualquer indivíduo independente de sua camada ou grupo social, Ângela tem planos, expectativas, sonhos. Separada por mais de uma vez e ansiosa por um novo parceiro, de fortes laços com a filha do primeiro casamento, deseja manter seus vínculos afetivos, entre as pessoas e o lugar de pertencimento.

A partir das observações, verifico, sobretudo, uma circularidade de trocas estabelecidas na vizinhança local, onde a lancheria, a casa, e a figura de Ângela são elementos referenciais de uma pequena rede de relações. Tais trocas vão desde informações sobre um vizinho ou um conhecido, algum objeto emprestado, um emprego, uma nova amizade ou namoro, uma escuta. Esta circularidade das trocas sociais se dá também no âmbito da relação pesquisador-informante, em que cabe ressaltar a importância da escuta como espaço de ação do pesquisador, inserindo-me, nesta circularidade, no papel de ouvinte e observadora. Afinal, as conversas fazem parte desta rede, onde a informante Ângela, interlocutora principal desta pesquisa, exerce, na maioria das vezes, maior escuta do que fala. Neste sentido, o lugar de ouvinte é fundamental, pois possibilita um espaço maior de fala à informante, ao mesmo tempo em que articula um lugar para minha participação durante o campo desta etnografia, como pesquisadora, dentro desta rede de trocas entre a vizinhança.

CAPÍTULO 5

A Festa do bairro

5.1. Nossa Senhora dos Navegantes: a mãe das águas

A Festa dos Navegantes certamente é o maior acontecimento religioso coletivo na vida do bairro. Um momento de grande efervescência que mobiliza moradores locais na organização da festa. Esta atividade, seja em sua perspectiva sagrada seja, na perspectiva profana, faz parte das lembranças dos entrevistados.

Dia dois de fevereiro¹⁷ é dia da Purificação de Nossa Senhora segundo o Catolicismo, e é quando acontece a festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A padroeira do município de Porto Alegre tem sua festa reservada anualmente na paróquia dos Navegantes e seu entorno, desde 1875, sendo a primeira realizada ainda em 1871, quando a imagem permanecia na capela do Menino Deus. Segundo relatos de informantes e documentação histórica, a festa já foi maior em número de dias, mas em participantes sempre acolheu multidões. Desde a primeira festa, quando a imagem chegou a Porto Alegre vinda de Portugal, a procissão de fiéis com traslado da Santa fora realizada via fluvial.

Porém, em 1989, ocorreu um acidente náutico de grande repercussão na imprensa. Este episódio suscitou uma grande discussão dos envolvidos e da imprensa local sobre a possibilidade da procissão ocorrer somente por via terrestre. As autoridades decidiram na ocasião extinguir a procissão via fluvial. Esta decisão conheceu muita resistência de parte dos fiéis, mas após muitas especulações e discussões, a procissão passou a ser somente por via terrestre.

Na realidade, a tragédia náutica ocorreu no Rio de Janeiro com a embarcação chamada do *Bateau Mouche*, durante o *Reveillon* na Praia de Copacabana, evento amplamente coberto pela imprensa no país. A repercussão deste acidente teve seu

¹⁷ Feriado municipal em Porto Alegre, estabelecido através da Lei nº4.453, de 18 de setembro de 1978 (D.O.E. 21.09.1978, p. 08), que altera a Lei 3.033 de 30 de junho de 1967, alterada pela Lei 3.550, de 26 de outubro de 1971. Fonte: Página eletrônica da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, seção Informações da Cidade/Eventos/Fevereiro.

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/infocidade/default.php?p_secao=103

impacto em Porto Alegre. Justamente é um carioca radicado em Porto Alegre, superintendente da Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul, que encaminha a proibição da procissão por água. Para Licht (2007) o argumento da suposta falta de segurança das embarcações gaúchas estava totalmente equivocado. Relatos de informantes e reportagens de jornais apontam que a procissão fluvial de Porto Alegre sempre tenha sido segura. Mesmo assim, foi suspensa, e permanece interdita em sua qualidade de evento oficial, até hoje.

Há outra procissão que resgata esta antiga tradição. Organizada pelos fiéis e paróquias das Ilhas do Bairro Arquipélago, esta procissão fluvial ainda possui poucos frequentadores, mas a cada ano vem ganhando repercussão, pela boa organização e beleza do evento. Paralela a procissão terrestre oficial, esta procissão é também realizada por ativistas da procissão fluvial oficial. Nesta procissão fluvial são conduzidas duas imagens de santas saindo da Ilhas do Guaíba até a orla do Guaíba, em horário que coincide com da procissão oficial, acompanhando-a à distância, porém, celebrada com uma missa bem singela.

A procissão oficial, terrestre, é uma das maiores celebrações religiosas do estado e certamente a maior de Porto Alegre, pela tradição e pelo número de participantes, segundo a Brigada Militar, entre cinquenta e cem mil pessoas nos últimos anos.

A Festa dos Navegantes conheceu outras transformações. Hoje é organizada para receber uma massa de devotos e sua organização exige procedimentos empresariais. No passado a festa era concentrada na organização dos festeiros, como relato Seu Henrique:

Naquele tempo, estamos falando da década de vinte, trinta, a festa era centrada no festeiro. Apesar de ter uma devoção, de ter um procurador, um provedor, [o festeiro] era quem dirigia a festa. Os festeiros eram dois casais: o homem de um casal e a esposa do outro. Era uma tradição. Um casal mesmo festeiro, os dois, era muito pouco. Quando nós fomos, fomos por muito tempo. Hoje, são cinco casais. [*Vocês chegaram a ser festeiros?*] Minha mãe foi duas vezes, meu pai foi uma vez. Interessante que o festeiro tinha atividade externa, tinha que pedir dinheiro, no livro de ouro, o festeiro contratava os fogueteiros, fazia procissão, com auxiliares, iluminação da praça, decoração, parque de diversões, claro que muito modesto, mas tinha um parque de diversões, com carrossel, umas tendas, tudo. Tudo o que era externo era controlado. A parte interna, mais litúrgica, os tríduos, novenas, convidar os pregadores, entregar presentes aos pregadores (aos padres que faziam a pregação), depois o coro, o coral: recuperar mais gente, contratar um reforço, um violinista, sei lá, decoração dos altares, tudo isso era tarefa da senhora festeira. Era um externo, outro,

interno. Eram bem definidas, as tarefas. Depois foi evoluindo, dois casais, três... Agora, há muito tempo, uns vinte anos, mais ou menos, são cinco casais. Desses cinco casais, pelo menos dois deveriam ser do bairro. Teve um ano, nos primeiros anos, que não havia praticamente ninguém no bairro. [*Eram pessoas ilustres na cidade...*] Muito mais desses movimentos de EMAÛs, movimentos das comunidades cristãs, não eram os carismáticos, mas esses casais que se reúnem, então são escolhidos como festeiros. Antes, havia sorteio. Três nomes masculinos e três femininos. Houve coincidência que nunca houve o sorteio de um casal, que, às vezes, entravam no sorteio. O sorteio era feito na frente da imagem, no dia da festa. O dia da festa era uma solenidade; antes a missa era dentro da igreja, que era menos, não tinha essas naves laterais. A igreja foi queimada, era uma capela, em 1910; três anos depois, foi inaugurada, com a chegada da imagem, a capela já estava pronta; ali era a capela dos Navegantes, mas era só a nave central, mas depois foi ampliada. Em 1935, foi ampliada dos dois lados, as duas naves, construída a casa paroquial, que era muito pequena, ampliaram. (Henrique)

O local que centraliza os festejos nas proximidades da igreja católica é a Praça Navegantes. Esta praça conheceu várias intervenções, ora por questões funcionais, ora para melhorias para a realização do evento. Uma das intervenções interessantes, segundo Henrique Licht (2007), no planejamento da reforma da Praça Navegantes ocorreu em 1969, a partir de orientação de engenheiros encarregados. Houve a demolição do Chapéu do Sol, um coreto localizado no centro do largo, em decisão aprovada sem discussão em assembléia geral extraordinária. A alegação dos engenheiros era de que a ausência do coreto aumentaria o embelezamento do local, o que foi condicionado somente pela troca por um busto do Monsenhor Felipe Diel em seu lugar. O busto até o momento não foi colocado, e a comunidade evidenciou mais tarde que a demolição do coreto fora desnecessária. No ano seguinte, com o apoio da Prefeitura Municipal na administração de Telmo Thompson Flores, ocorreu uma remodelação da Praça Navegantes, com asfaltamento do largo da igreja.

A Prefeitura Municipal, cooperando com a Festa dos Navegantes, providenciou na remodelação da praça fronteira à Igreja, onde serão montadas barracas de diversões, cercada pelos trevos de acesso à travessia Getúlio Vargas, a Igreja dos Navegantes, símbolo maior da própria festa que lhe granjeou a fama, luta contra os avanços do progresso, não tentando impedir a sua marcha, porém buscando encontrar para si e a religiosidade, que representa um lugar na Porto Alegre de hoje. (LICHT, 2007:216)

A Praça Navegantes, a Festa e a Igreja, são então referências fundamentais na vida coletiva da população do bairro. Foi durante as diversões nos jogos e bancas da festa e na apreciação dos espetáculos musicais no coreto, que seu Dante e Dona Sara se conheceram. Ângela também conta que nesse contexto de sociabilidade várias pessoas se conheceram, constituíram laços de amizade, e que iniciaram relacionamentos amorosos. Dante e Sara casaram-se na igreja e ali também batizaram seus filhos. Dona Edith e seu marido, apesar de não terem se conhecido na Festa, muito se divertiram um em companhia do outro, entre familiares e amigos, durante os bailes da festa, realizados no encontro da igreja, e também se casaram ali, com os raios de sol entrando pela porta da frente, devido ao horário da missa, ao pôr-do-sol do Guaíba.

Na véspera, ao lado de fora da igreja, no largo da praça, equipes de eletricitistas preparavam a infra-estrutura, da energia elétrica, luzes, e da banca de lembranças da santa; equipes de montagem de palco preparavam os últimos detalhes e ajustes da estrutura, iluminação e som. Junto aos pilares da ponte, na Avenida Sertório, algumas bancas de alimentação também preparavam a montagem de suas estruturas. Notei que havia uma diversidade de tipos de banca: de *cheeseburger*, de milho verde, de cocadas, sorvete, churros, salgados e bebidas. Conversei com Ronaldo, da banca de lanches, que me falou que também está com banca na praia, e dali, da Festa de Navegantes, iria para o Rodeio Internacional de Vacaria. Sua irmã, Lisete, também tem banca de milho verde, trabalhando juntamente com o marido e duas ajudantes. Há duas bancas de cocada, uma de Ronaldo e outra de Cláudio. Mais conhecido como Baiano, Cláudio viajava pelo Brasil de feira em feira com a banca, e confessa que isso foi antes de conhecer a gaúcha Ilse e casarem-se. Comenta todo orgulhoso que encontrou a parceria perfeita para namorar e trabalhar - juntos, percorrem festas pelo Rio Grande do Sul com a banca de cocada.

O parque de diversão é montado com antecedência. Neste período, moradores do entorno, inclusive das Ilhas, por seus trajetos diários, eventualmente vêm com filhos, esposa e família, para passear no parque de diversão, e andar gratuitamente nos brinquedos, dependendo do funcionário responsável pelo equipamento, enquanto a festa não é aberta oficialmente. Muitas crianças do entorno também acabam aproximando-se dos brinquedos, para tentar trabalhar no parque, na ocasião da festa ou até integrando sua equipe na próxima parada, em outra cidade. Foi assim com Valmir, que, hoje com

vinte anos, há dois anos que está trabalhando e viajando com o parque. Cleber, morador da Vila Farrapos, está a uma semana “na volta”, junto a Valmir, rondando os carros elétricos, ambicionando trabalhar no parque, mas teme não poder ir por ser menor de idade.

Há uma banca externa de lembranças de Nossa Senhora dos Navegantes que é fixa, ao lado da casa paroquial. Para a festa, outra banca é montada também externamente, em um contêiner, para dar conta da demanda por lembranças da santa.

Em fins de janeiro de 2006, em minhas visitas à igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, acompanhei os preparativos na paróquia e entorno da igreja, alguns dias antes da festa. Descobri certa tradição na participação na festa, como o senhor Vilmar, que há muitos anos é o responsável pela decoração do interior da igreja na época da Festa. Decorador profissional, Vilmar é empresário antigo do ramo de floricultura, e tem clientes de renome na cidade e região metropolitana, como a Sogipa, Sociedade Ginástica de Porto Alegre, que lhe demanda grande quantidade e qualidade de serviços. Conversei com ele nas ocasiões que decorava o interior da igreja para os dias de novena, e descobri que além da relação profissional, Vilmar possui estima por Nossa Senhora dos Navegantes, sendo devoto a muitos anos, em razão de algumas graças que já lhe foram alcançadas pela santa, para ele, e também para parentes, amigos e conhecidos seus.

Algumas vezes em que visitei a igreja conversei com Rodrigo, secretário geral da igreja. Apesar de ser evangélico pentecostal, diz gostar muito de suas atividades ali - abrir e fechar a igreja, decorar e preparar o altar diariamente, acender velas, organizar os preparativos para as missas, antes e depois, cuidar para manter a tranquilidade, silêncio e respeito no interior da igreja, acionar o segurança da paróquia se for preciso, ficar e atender na lojinha de *souvenirs* do interior da igreja e atender telefones. Morador de Eldorado do Sul conseguiu este trabalho por sua tia, que trabalhava de faxineira na casa paroquial. Tem sua folga alternada em um dos dias da semana, de segunda à sexta-feira, nunca nos finais de semana, quando o padre Remi e a Paróquia mais necessitam dele, e mesmo assim, admite que adora o que faz, que não troca por nada, que “só sairá dali se for demitido”.

No feriado em homenagem à padroeira, acompanhei a missa do lado de fora da igreja do Rosário, onde a santa havia sido transladada via pequena procissão terrestre. Eram sete horas, já havia muita gente do lado de fora, e fazia muito calor. Famílias inteiras, e pais ou mães com filhos, casais de namorados, noivos aguardavam a saída da procissão, acompanhando a missa do lado de fora da igreja. Crianças vestidas de anjinho, pessoas com objetos pessoais, cartazes, cartas, bilhetinhos, objetos os mais diversos para benzer ou colocar no andor da santa. Na saída da santa algumas pessoas se agilizavam tirando sapatos, tênis e sandálias, para percorrer a procissão com pés descalços. No meio da procissão durante o trajeto pude observar vendedores ambulantes de lanches e churrasquinho, de água e refrigerante, na margem da via e no meio dos fiéis. Apesar da multidão que rezava e dos anúncios dos ambulantes, os alto-falantes tomavam conta da ambiência da procissão na maior parte de seu percurso, entoando em alto volume as orações e os cânticos de forma estridente.

O trajeto da procissão terrestre inicia no centro de Porto Alegre e segue pela Avenida Castelo Branco até seu entroncamento com a Rua Sertório junto aos pilares da Ponte Getúlio Vargas. O andor da santa em toda caminhada é o foco central da procissão acompanhada por milhares de fiéis em suas mais diferentes expressões de fé. A chegada na praça é acompanhada de foguetórios e lenços brancos sacudidos pela multidão; risos e lágrimas de emoção nos fiéis presentes.

Após a chegada a imagem fica exposta ao longo do dia no largo junto à Igreja dos Navegantes, onde os fiéis formam filas para tomar contato diretamente com a santa, fazer seus pedidos, depositar flores, bilhetes e objetos, e receber a benção com água benta dos padres e leigos.

A festa é assim este lugar coletivo por excelência que acomoda igualmente as lembranças dos moradores do bairro para falarem de sua pertença:

A festa dos Navegante era coisa mais bonita que podia existir pro pessoal ali daquela região, Navegantes, São João, Passo da Areia. Reunião mais ou menos de 30 a 40 mil pessoas no dia da Festa lá. Naquele tinha as barracas, não tinha ponte ali, aquilo tudo era praça dos Navegantes. A festa, oscilava, era conforme o Carnaval, o padre não deixava se misturar com o Carnaval, que o Carnaval tem anos que é mais cedo, outros anos é mais tarde. Então... Ah, pois foi aí que eu conheci a dona, todo mundo conhe... (risos) Era um encontro, o pessoal daqueles bairro ao redor esperava aquela festa ansiosamente, tinha novena, então tinha foguetório, tinha, como é que é, eles

chamavam... Eles faziam com pólvora, bonecos com taquara. Eles faziam bonecos, faziam tipo moinho, roda, que a pólvora impulsionava a rodar, era muito bonito aquilo, viu. Tinha um, desmancharam aquilo, eu achei uma pena, aquela parte dos músicos, tinha uma parte de concreto armado, tinha um chapéu assim por cima. Aonde tinha banda de música, todas as noite tinha banda de música. A festa durava duas semanas, às vezes até mais um pouquinho. Tinha a novena, então depois da novena a gente, todo mundo ia ali pra praça e já tinha uns outros que tava lá nas barraca. Agora a festa dos Navegantes era, era... A festa tinha muito preto, negro. E eu quando era guri fazia cada molecagem lá que só vendo, eu e os outros. Num dia da festa sabe o que eu fiz? Levei uma joaninha, e tava todo mundo apertado e duas nega eu juntei o vestido de uma noutra e... (risos) Rasgaram! É banditismo de guri, né, como todo guri é sem-vergonha, né! Essas barraca era comida, milho verde vendiam em quantidade, melancia também, tinha barraca só de melancia. Depois eles faziam também os sorteios viu. (Dante)

O processo ritual católico inicia na realidade no dia 21 de janeiro. A imagem da santa é levada em procissão da igreja dos Navegantes para a Igreja do Rosário, no bairro Centro, permanecendo lá até o dia de seu retorno, na Procissão, no dia 2 de fevereiro. O dia é feriado e todos podem então acompanhar o grande evento do calendário católico em Porto Alegre. O andor é conduzido por antigos remadores dos clubes náuticos de Porto Alegre ao longo da procissão terrestre, e de membros da diretoria da Paróquia. O evento é também de alto valor político para as autoridades locais que acompanham os devotos deslocando-se juntamente com as autoridades religiosas. Sendo o cortejo realizado a pé, muitos devotos realizam penitências e promessas com manifestações diversas como andar descalços ou de joelhos, num trajeto de aproximadamente 5km, que percorre principalmente a avenida Mauá e a Castelo Branco.

Durante a procissão, ao meu redor, centenas de pessoas se amontoavam para ficar mais perto da imagem possível. Fui ficando mais cansada e queria saber como estava o interior da procissão, mais para trás; então, diminui o passo para deixar a procissão passar por mim. De fato, mais para frente há uma preocupação em ficar próximo à santa, o barulho é intenso com os cantos no alto falante. Distanciando-se do andor, o cortejo segue no seu murmurinho com rezas e ladainha, mas mesmo assim as rezas dos fiéis seguem atropeladas pelo forte som do alto-falante.

Ao final da procissão, dispersei-me, juntamente com a massa de fiéis, que possivelmente muitos acabaram não ficando na festa, visivelmente tomando direções

opostas à igreja logo após a procissão. Percebi uma trilha de pessoas que seguiam subindo o talude da rodovia para atravessá-la; fui até lá e constatei que estavam indo em direção à orla, pois muitos inclusive voltavam de lá. O acesso era através do pátio de uma empresa de extração de areia, onde o funcionário abriu o portão para permitir a passagem das pessoas até o cais. Muitas pessoas iam e vinham, algumas com barquinhos azuis, outras com flores. Largavam oferendas para Iemanjá nas águas do Guaíba. Um clima muito intimista e respeitoso havia na margem, de modo que não tomei iniciativa para conversar com alguma das pessoas ali. Fui até o prédio da extração de areia e conversei com o senhor Miguel, responsável pela empresa, um tipo de zelador, já que ele é porteiro, vigilante e mora no local de trabalho, nas peças dos fundos. Seu Miguel libera a água da torneira para uso de quem precisar, para beber, ou se refrescar, já que o calor é grande. Ele também cobra uma taxa para utilização do banheiro. Conversamos sobre a movimentação de pessoas e ele já manifestou seu descontentamento com a falta da procissão fluvial, ocasião em que o movimento na orla era bem maior, e que possibilitava maiores ganhos com o aluguel do banheiro, além das frutas e verduras que ele mesmo produz no local, e que na época da procissão fluvial, vendia aos fiéis.

Na volta da orla para a festa, ao atravessar a ponte debaixo de seus pilares de sustentação, presenciei uma reunião familiar peculiar: um churrasco improvisado entre os pilares, no gramado sob a sombra da ponte. Boa parte da família estava ali, avô, avó, filhos, noras, genros e netos. Os carros estacionados eram modelos populares: uma Belina, um Corcel II, e uma Rural. O avô, o senhor Chico, é militar aposentado, e todos os anos eles procuram realizar este almoço no dia de Nossa Senhora dos Navegantes. Convidada por todos, que insistiram enfaticamente, acabei aceitando almoçar com eles, já que a fome batia e o churrasco cheirava bem. Durante o almoço e conversas familiares, Seu Chico contou que é caçador e pescador nas horas de lazer, e me apontou a importância da santa como proteção nas pescarias, principalmente nos locais onde há perigos com outros animais ou assombrações, como já mencionava Rafael Devos (2002) em sua etnografia na Ilha Grande dos Marinheiros.

Interessada em acompanhar da festa, pois desconhecia totalmente seus momentos posteriores à missa e procissão, após o almoço me despedi e segui rumo à Praça Navegantes. No caminho haviam vários grupos nas calçadas e junto aos pilares

sob a ponte. Parentes, amigos, velhos conhecidos. Pessoas vendendo flores e fitinhas de lembrança da festa e da santa, ambulantes com caixas de isopor, no ombro ou em carrinhos, vendendo bebidas, ou “refri, cerveja e água!!!” - o anúncio gritado pelos vendedores para as pessoas localizarem à distância onde eles estão. Um grupo de moradores de rua assistem de camarote um espetáculo feito com exclusividade para eles – um gaiteiro vestindo um terno peculiarmente xadrez executava suas canções de pé, enquanto a platéia escutava sentada ou dançando, cantando e aplaudindo.

Durante o dia da festa, na lateral externa à igreja, há um espaço para os fiéis acenderem suas velas em agradecimento às graças recebidas pela santa. O espaço é pequeno, e as pessoas se apertam para chegar sua vez. As velas grandes, de um metro ou mais de altura, são encostadas na parede, e, juntamente com a maioria, acesa no chão, deixa marcas escuras da chama na pintura. No interior da igreja, sacerdotes benzem os fiéis e seus eventuais objetos pessoais.

No largo em frente à igreja uma multidão se acumulava para acompanhar os *shows* no palco. Comecei a ficar tonta e enjoada, e até tentei permanecer na esperança de que ficasse bem. Porém, não agüentei e tive que procurar um banheiro para vomitar, pois certamente melhoraria em seguida. Saindo do banheiro foi que percebi uma pequena multidão sob a sombra, de baixo das árvores ao lado do banheiro, um pouco para trás do palco. Resolvi me acomodar por ali, sentar e tentar melhorar do meu estado debilitado.

Nesta área entre os banheiros e a loja de lembranças da paróquia, o chão tinha um gramado esparso como cobertura, que não escondia a terra nua. As pessoas ali se sentavam como podiam, em pedras de calçamento soltas, papelões e sacolas plásticas; os mais bem preparados tinham esteira, colchinha ou algo semelhante. Fiquei muito confortável sentada sobre minha mochila. Estavam ali famílias e grupo de amigos, a maioria eram mulheres com filhos, e/ou com amigas, e estas, com filhos também. Aliás, o lugar era visivelmente tomado pela presença feminina, que chamava a atenção dos homens e rapazes que entravam e saíam do banheiro público. O calor estava intenso. Saí então da festa e fui caminhar no entorno, quando descobri vários pontos de sociabilidades, com rodas de pagode e encontro de amigos e familiares ao redor de mesas com comida e bebida. Foi quando descobri também a “lancheira da passarela”, na casa da então futura informante desta pesquisa, Ângela. Comprei um lanche e uma

bebida e retornei a festa novamente. Entre idas e vindas entre o parque, as bancas, e a igreja, já era tardinha quando a multidão começou a esvaziar o evento. À noite, como encerramento da Festa, um caminhão de som da escola de samba Império da Zona Norte desfilou carregando parte da multidão, da Praça Navegantes até sua sede na avenida Sertório.

Um dos informantes, o senhor Henrique, é membro Pró-Retorno da Procissão Fluvial pelo Guaíba. Envolvido desde criança com a paróquia e a procissão, seus pais e ele e a esposa foram algumas vezes festeiros da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Morador por opção do bairro Navegantes, já que não nasceu no bairro pois seus pais moravam no centro enquanto construía sua casa próximo do entorno da igreja dos Navegantes. Construída a casa, a família retornou para o bairro, quando Henrique viveu sua infância e adolescência rodeado pelos amigos, crianças da vizinhança, filhos e netos de imigrantes, como ele. Segundo alguns de seus relatos as obras no entorno da igreja dos Navegantes são constantes desde muito tempo. No caso do largo em frente à igreja dos Navegantes, como o terreno sempre foi alagadiço, mais ainda nos meses chuvosos, houve algumas tentativas de implantação de praça e de obras de drenagem, isso além de uma estação de trem, os trilhos, e a ponte próximos. Conta o Sr. Henrique que certa vez, após o aterro frustrado de cascas de arroz em frente à igreja, os taludes para construção da estrada ligando Porto Alegre ao Estado ilharam o local, empoçando muita água. A solução foi colocar um cano por baixo do talude para drenar a água acumulada. Porém, choveu, e o nível do Guaíba subiu, trazendo mais água e peixes para o lago que se formou em frente à igreja. Os garotos da vizinhança buscaram baldes para pegar os peixes e levar para a “população pobre” que morava naquela época atrás da igreja.

Com o objetivo de reunir argumentos históricos sobre a festa, a procissão, a santa, a paróquia para constituir um documento a ser encaminhado as autoridades competentes para reivindicar a volta da procissão via fluvial seu Henrique fez um livro com o histórico da paróquia, procissão e festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Confessa que o documento produzido não surtiu o efeito desejado e aos poucos os moradores envolvidos com esta luta estavam cansando deste dessa luta.

Dona Edith é uma das pessoas que, por estar desanimada pelo falecimento da mãe, argumenta cansaço em relação a esta reivindicação. Seu desencanto a levou

igualmente a não frequentar mais a Igreja e também não acompanha a procissão oficial. Estes aspectos demonstram as situações de conflito na continuidade desta sociabilidade sagrada e coletiva de forte identidade de pertencimento ao bairro e a cidade.

Mesmo que existam hoje alguns barcos que levam a imagem da cosmologia afro-brasileira, os entrevistados relatam não ter a mesma efervescência que no passado. Ângela comenta a há confusões nestas práticas, desentendimentos em face de interdições.

Tinha, e tem, né. Pode ver, hoje eles botam, acho que até tem uma plaquinha que é proibido queimar velas e coisas ali fora, porque elas... A cor é a mesma da Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, elas ao a mesma santa. Aí vem as duas religião, pra Católica, e aí como ela ta na água vai uma procissão pela água, a outra pela terra, tu não entende nada, elas se misturam tudo, né. E aqui em Itapuã também tem outra Nossa Senhora dos Navegantes num dia diferente que aqui. Eles festejam, na prainha. O pessoal da MotorYamaha tem uma casa lá, pequenininha mas ele guarda a lancha dele, o dono né, e ele liberou a lancha num carnaval pra nós ir pra lá. E tinha, nesse feriado de Carnaval tava tendo a procissão. (Ângela)

Mas não há dúvidas de manter-se ainda no presente a festa de maior expressão da vida coletiva no bairro. Da festa participa, sobretudo uma população pertencente a camadas populares que se misturam aos representantes do poder público e religioso.

O ritual religioso é seguido de um ambiente de festa popular onde os participantes podem assistir a shows musicais e consumir nas múltiplas barracas que oferecem os produtos.

Para Peter Burke (1989), o termo cultura popular se faz necessário, somente pelo fato de haver estratificação social. A partir de Robert Redfield (1941), o que faz existir a divisão entre as classes, sobretudo são duas tradições culturais: a pequena e a grande tradição. Não somente na Europa, mas em muitos lugares, encontram-se este modelo de estratificação social e cultural, que contempla uma maioria inculta e uma minoria letrada. E mesmo ambas afastando-se cada vez mais uma da outra, extraindo-se o que pertence à tradição clássica, permanece um certo residual da cultura popular, da pequena tradição. Porém, Burke chama a atenção para a definição de pequena tradição, de Redfield, que reduz a amplitude das interações, pois antes da separação entre nobres

e povo, as festas populares como Carnaval e festejos sazonais e religiosos eram comemorados por todos juntamente.

5.2. Um ano depois: preparativos, expectativas

Retornei a Festa de Nossa Senhora de Navegantes, um ano depois de minha estréia como etnógrafa, mas também como público participante - na procissão e na festa. Eu estava desta vez envolvida na organização da infra-estrutura da lancheria de Ângela no preparo de lanches, nas atividades de compra de alimentos e bebidas e no preparo do espaço físico e da logística. Ângela se preparava para um momento muito esperado: ampliar o costumeiro e escasso público de sua lancheria, recebendo os possíveis clientes, visitantes da Festa de Navegantes.

Passado quase um ano desde que a conheci num momento em que toda sua família trabalhava na lancheria, o marido de Ângela agora, ex, não ajudaria nas atividades da lancheria, apesar de ainda amigos; ele mora noutra local e eles se vêem só eventualmente. Também desta vez seu genro e um amigo não colocariam churrasquinho como no ano anterior. Ou seja, quem ajudou na organização e atendimento, tal qual foi no ano passado, neste ano não estaria presente, e também por isso ficariam reduzidas as opções de lanches a serem oferecidos. O atendimento então ficaria por conta de Ângela e sua filha Grace, além da ajuda dos amigos mais chegados, como Marcos, e também de quem atualmente mora junto com ela e sua filha na casa - Ana, Luís e Taís.

Todos participam dos preparativos e organização para o dia da Festa de Navegantes. Então, toda casa gira em função da festa, desde as especulações sobre o público, até os tipos de lanches e formas de organização da lancheria; desde a ajuda nos fazeres até o empréstimo de dinheiro.

Semanas antes, na vizinhança da Rua Dona Margarida, já havia um alvoroço entre os moradores que lucram com as vendas para o público da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O senhor Solismar, proprietário de uma outra lancheria ao lado da esquina com o ginásio de esportes atrás da igreja, todos os anos também se prepara com muita cerveja e disposição para receber a população festiva que, ao som do ritmo de samba feito ao vivo, fazem a festa do pagode pelas lancherias e bares e esquinas do

entorno das festa de Navegantes. Aliás, a esquina do “Seu Solis”, como é conhecido, é disputadíssima pelo público festivo, por ser próximo da festa.

Já a localização da casa de Ângela, e de sua pequena lancheria, é desfavorecida por ficar em um canto escondido, junto à cerca de concreto do Trensurb. Mesmo assim, devido ao sucesso do ano passado - afinal, eu mesma fui até ali inclusive para encontrar lanches mais baratos e outros burburinhos da festa – a expectativa é grande. Este ano, Ângela não conta com o apoio de Dênis, ex-marido que, há um ano atrás ainda fazia parte da unidade doméstica. Porém, as novas presenças na casa, de Luiz, Ana e Taís, aumentam as possibilidades de parceria na esperança de Ângela, que considera quase certa a ajuda de todos no empenho da organização e vendas da lancheria durante a festa.

Neste ano decidi observar mais de longe as atividades relacionadas à Nossa Senhora dos Navegantes: igreja, missa, novena, procissão e festa. Senti a necessidade de estar mais próxima dos informantes da rede de relações de Ângela, a partir da sua unidade doméstica, mas também de aspectos do trabalho que aparece ali, já observado na festa do ano anterior.

Mesmo assim, durante minhas idas e vindas de casa para a vizinhança da Rua Dona Margarida, visitava a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes e acompanhava um pouco as atividades de decoração da igreja, ambientada para receber a novena, cada dia, de forma diferenciada. O responsável, há mais de vinte anos, é o Sr. Vilmar, que conheci acompanhando os preparativos da igreja no ano anterior. Cada dia da novena recebe uma atenção especial e diferenciada do outro. São muitos os tipos de flores, e confesso que não sou boa em memorizar o nome à forma das flores. O dia em que fotografei Vilmar e seus ajudantes decorando, a flor principal era a gérbera, além de algumas folhagens para complementar. Nos outros dias de novena foram outras flores como cravos, margaridas, petúnias, crisântemos, entre outros. Natural da serra gaúcha, Valmor tem verdadeira adoração e devoção à santa padroeira da cidade, e a forma de lhe prestar agradecimento pelos seus pedidos atendidos é reservar uma parte de seu trabalho e seu lucro, todos os anos, decorando a festa, com tempo dedicado exclusivamente para isso.

Faltando três dias para a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, Ângela ainda não sabia se poderia ou não colocar lanches para vender no dia da festa. Isso era terça-

feira. Na quarta-feira, porém, telefonei para saber como havia ficado, se afinal, eu poderia ajudar porque teria o que trabalhar. Fiquei surpresa com a euforia de Ângela, contando que conseguira as bebidas por consignação e os pães de cachorro-quente fiado. Fui até lá para ajudar a fazer as compras no macro atacado. Cheguei à tardinha. Mesmo muito mal da coluna, Ângela teria que ir de ônibus, pois não tinha dinheiro. Eu não poderia pagar, porque também estava com apenas uns trocados no bolso. Até o analgésico fazer efeito e passar a dor, quando fomos pegar o ônibus já era noite. Fomos caminhando até o ponto ao lado da estação Farrapos do Trensurb. Em frente à parada, uma movimentada e musical barulhentemente divertida lanchonete, e do outro lado da rua uma movimentada escola de cursos profissionalizantes. No ônibus o sacolejo devido ao paralelepípedo fazia doer a coluna de Ângela, que a essas alturas já estava achando engraçado, e ria da situação. Compramos apenas o necessário para a ocasião: creme de leite, leite condensado, farinha e açúcar para os sonhos, massa de pastel em rolo, carne moída, tomate, cebola, tempero verde, molho pronto, maionese, mostarda, *catchup*, batata palha. Resolvemos tomar um táxi, pois Luís havia antecipado o pagamento do aluguel, e sobrou mais dinheiro das compras do que o esperado.

5.3. Foguetório de madrugada.

Trabalhamos toda a noite para os preparativos da festa. De fato varamos a madrugada trabalhando. Eu fui dormir as seis e nós acordamos as dez porque a procissão já tinha chegado e as pessoas estavam pedindo coisas: sucos e lanches. Os participantes da procissão se tornam clientes em massa. Dormir na casa de Ângela me permitiu perceber todas esta ambiência. Não há ninguém no bairro que poderá ficar indiferente. A manhã começa com badalar de sinos e manifestações absurdamente estrondosas que são os foguetórios, às seis da manhã, e o toque das chaminés e sirenes de algumas empresas. Não há como dormir, tampouco ficar alheio ao que está para acontecer, que é a missa, a procissão e a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

O agito na casa era grande. Acordei zozona de sono mas a gritaria do pessoal na casa era sinal de que não teria nenhuma chance de me manter repousando. Ângela chamava para ajudar, sobretudo para na frente da lancheria chamar a atenção das pessoas para o consumo. O desespero de tentar chamar a freguesia que não enxergava a

lancheira nem com os cartazes que fizemos, era grande. Confeccionei alguns panfletos e afixei nas árvores e postes da rua, na quadra até a esquina com a festa, buscando chamar a atenção com flechas e avisos para a presença da lancheira. O dia foi intenso, era impossível parar, apenas atendíamos e corríamos neste empreendimento solidário onde todos ajudavam.

À noite, aproximadamente entre 21 e 22 horas, fomos quase todos até o parque de diversões instalado no largo da Praça Navegantes, para aproveitar o restinho da Festa, exceto Tais, que ficou com seu nenê. O público presente ainda estava eufórico, mesmo já bem esparso e escasso. Alguns brinquedos como os carrinhos para crianças pequenas já haviam fechado, permanecendo funcionando até esta hora somente aqueles mais voltados para adolescentes e adultos, como o auto-choque, rotor, roda-gigante, além dos jogos de argola e roleta.

Por consenso, decidimos entrar no *twister*¹⁸, localizado no largo da lateral direita da igreja. Rapidamente compramos os ingressos, já que o parque fecharia logo. Formamos pares e entramos, Grace e Graciliano, Ângela e Ana, e Luís e eu. Inicialmente parecia “moleza”, como disse depois Luís, mas aos poucos o brinquedo começou nos assustar, pois fazia manobras perigosas, parecendo que seríamos jogados para fora, e nos estatelariamos no chão, no meio da festa, ou na parede da igreja. Enquanto gritávamos, porque era inevitável, devido ao medo e a adrenalina, lembrava-me das vezes em que freqüentei os brinquedos das festas de São Sebastião, padroeiro de minha cidade, São Sebastião do Caí. Já nem sabia mais se o som que ouvia era nosso, da festa, e de minhas lembranças. Ao meu lado, Luís reclamava estar meio enjoado, e tentei acalmá-lo mostrando-lhe que o brinquedo já estava reduzindo a inclinação e velocidade. Ao descer tinha piorado de estado, chegou a ter de sentar-se na pequena escadaria ao lado da igreja, e vomitar.

Luís teve “uma conversa muito séria com Deus e Nossa Senhora”: pediu ajuda para “sinceramente deixar as mágoas de lado com o irmão e o pai”, para “deixar seu coração menos amargurado” e ficar mais tranqüilo com os familiares. Acordou de madrugada para ajudar a conduzir a santa, da igreja do Rosário até a dos Navegantes.

¹⁸ Brinquedo mecânico com acentos cobertos por uma espécie de sombrinha. O equipamento funciona girando os acentos em um eixo, inicialmente na horizontal, e gradualmente o plano vai se inclinando, até mais ou menos em um ângulo de 50°.

Luís de fato estava mais solidário e mais calmo em relação a Ângela. Aos poucos me parecia que esta unidade doméstica recebia também as bênçãos da Santa, no cotidiano que eu observava agora mais harmonioso, talvez como um final feliz para o meu exercício etnográfico.

5.4. Festa da igreja? Da prefeitura? Do povo?

A respeito da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, uma vez perguntei a Ângela como as pessoas divertiam-se, como se encontravam, como ela observava isso na época que mais freqüentava a festa. Ela me contou que:

Era nos jogos, caminhada, ou nos brinquedos mesmo, que convidavam comigo, era muito bom. E embaixo da ponte que sempre tinha pagode. Aí era mais da raça forte né (risos). Então tocava o pagodão. Isso era do dia até a noite, depois eles iam com o bloco pra lá, e outros ficavam a amanhecer, amanhecer, era a festa da melancia. Esse ano só eu tive melancia, diz que foi proibida a melancia, só espero que não me processem por isso (risos) Só eu tive melancia aqui, foram correndo buscar melancia até lá embaixo, tiveram que voltar porque viram as fatias dentro do balcão. Diz que é por causa da sujeira, mas isso era conhecida a festa da melancia, todo mundo vinha pra comer melancia. Um senhor que veio aqui voltou e disse “bah, mas todo ano eu vinha, vinha por causa da santa acompanhar a procissão, mas tinha que comer melancia”. É tipo um ritual. Se é por causa da sujeira, meu Deus, bota os latão nas esquina! Não tá tão organizado agora? Eles correram com as pessoas. Eu não sei o que eles fizeram, em algum ponto eles erraram que correram com todo mundo. Aí tem aquela multidão que vem na procissão, passa pela igreja, acompanham a missa e vai embora. Antes ficavam. Antes todos os bares praticamente vendiam frango com maionese, um arroz, uma salada verde, tu via as pessoas comendo, até feito bicho vamos dizer assim, mas era um dia, que elas se propunham a ficar o dia todo aqui, então tinha que comer. Era bacana de ver aquele monte de gente. E dava muita cachaçada, muita briga também. Não sei se por isso resolveram selecionar, mas morreu muito, mas, morreu demais. Esse ano o que era? Nove horas da noite quando eu fechei aqui, eu fui dar uma caminhada já não tinha mais nada, tavam desligando as luzes.

A festa ontem e hoje na visão de Ângela porta mudanças de organização e de restrição a participação popular. A civilidade por trás da organização das normas da Festa pela Secretaria de Indústria e Comércio – SMIC da Prefeitura Municipal demonstra certa reserva das diversões. No passado, a relação da festa com a fruta da melancia onde o consumo era enorme, passou a ser controlado devido ao impacto ambiental pela presença de cascas consumida jogadas ao léu. Antes os festejos davam-

se por quase uma semana, dividiam-se as atenções entre dias e atrações; hoje, com somente um dia de festa, os festejos religiosos ganham maior atenção: a procissão, a missa, e a santa, depois a festa, brinquedos, música e alimentação. A queixa de Ângela, como comerciante, é grande em relação a esta restrição.

Antes não tinha isso, antes todo mundo ganhava dinheiro, a igreja ganhava dinheiro, o povo ganhava dinheiro, porque onde há concorrência, há público, há gente, compra lá compra cá - “Não, mas o cara me fez dois por 50 centavos. Então tá então eu te faço três”. Tu entendeu? Então todo mundo vende todo mundo faz [?]. Porque botar 1 real a fitinha, uma única, é muita coisa. Entendeu? Aqui eu ganho muito cliente principalmente por causa disso. Porque eu vendo refri a um real, um e vinte e cinco, eu tenho esse bolinho, tenho salgadinho de um real. E no dia-dia eu vendo isso aqui a um real. Esse salgadinho não sou que faço, é a senhora que passou e me buzinou ali da rua, esse eu tenho que vender a um e oitenta, porque não é meu, mas eu to lutando pra conseguir um forno daqueles emprestado que a gente compra... Mas eu vou, de cantinho eu vou fazendo.

Em relação ao atual contexto do entorno da Igreja e do Albergue, Ângela nos conta que

em frente à creche, aqui na Sertório, que tem a Creche Nossa Senhora dos Navegantes, né, do colégio, que vem a ser da congregação, que era pra ser da Igreja, e da igreja com as irmãs, botaram a Prefeitura no Albergue, né, dividiram as coisas, por isso que foi um acabando. Eles mesmos tão se acabando, eles tão se separando. E eles mesmos tão se desmanchando. A Prefeitura tá intervindo na Igreja. Que o Albergue hoje é comandado por um funcionário da Prefeitura. (Ângela)

A partir de questões que se colocavam sobre a ambiência da festa hoje e em outras épocas, recorri a pesquisa do acervo imagético do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Cotejando imagens observei as diferenças em Porto Alegre, em relação à participação nas festas religiosas, como de Navegantes. A festa sempre foi tipicamente popular, mas atualmente é a festa maior do município, contempla uma maior participação das camadas médias, é coberta pela mídia, participam as autoridades. É assim uma festa oficial. A popularidade da festa não diminuiu, mudaram-se regras e sua visualidade para a cidade como um todo.

Os habitantes que participavam ontem continuam lá, tanto quanto possível. Dona Edith resgata em suas lembranças os inícios de namoro e alegrias de brincar. Acabou admitindo que aproveitou bastante a juventude:

Eu ia pra lá era pra namorar. É... Mas! Eu tinha o meu marido, naquele tempo a gente era namorado, mas eu gostava de namorar os outros também, longe dele, uhhh!!! Mas eu era sem vergonha! Eu ia pro salão, como é que eu ia, a minha desculpa é que eu ajudava né, a servir mesas né, só pra namorar; coisa boa, guria do céu, aquilo que era tempo bom. [risos] Quando eu me lembro eu fico assim, eu fecho os olhos a pensar, porque que passa né? A gente envelhece né, parece que tudo cai, sei lá. Por isso eu digo, a gente quando é nova deve de aproveitar porque quando passa a vida, eu vou te dizer, é muito triste. (Edith)

A festa da mãe das águas continua assim a ritmar a vida no bairro. Coloca o bairro, uma vez ao ano, no centro das atenções da imprensa, do acesso maciço dos porto alegrensenses no bairro. Depois a rotina recomeça, outros eventos também os mobilizam, carnaval, São João, bailões, foram citados. Mas só a festa dos Navegantes, é a festa do bairro, quando este bairro, engloba todos os demais, pois é dele que emana a força simbólica da santa das águas.

CAPÍTULO 6

Construção de coleções etnográficas: um aprendizado no Biev

Neste capítulo apresento a produção etnográfica produzida no âmbito do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais. A construção de coleções etnográficas segue a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, coordenadora do projeto “Coleções etnográficas, estética urbana e patrimônio etnológico na era das textualidades eletrônicas”.

6.1. Metodologias para acervo etnográfico

No interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, onde se opta por uma linhagem de pesquisa sobre Memória e Imaginário, os pesquisadores são orientados a seguir uma metodologia específica para o tratamento dos dados oriundos de suas pesquisas e exercícios etnográficos. Esta metodologia constitui-se de métodos específicos para diferentes etapas do processo de acervo e dos diferentes suportes dos dados e seus respectivos grupos de pesquisa – texto, fotografia, vídeo e som.

Além de métodos específicos para a obtenção dos dados em campo desenvolvidos no projeto Biev, o objetivo é inserir a produção no banco dados em diversos suportes. Os dados são gerados a partir de etnografias. Os resultados de cada exercício etnográfico são orientados para serem classificados e interpretados na forma de Coleções. Trata-se de agrupamento de dados, extraídos de sua base e seu reagrupamento em núcleos de sentido, orientados por conceitos antropológicos.

Existem orientações para os diferentes suportes, detendo a maior qualidade etnográfica possível. Isto porque as fontes podem não ser etnografias, e os autores também não serem antropólogos. Nesta instância o pesquisador do Biev estará pesquisando os acervos diversos.

No que tange o acervo etnográfico este tanto se constitui de material gerado pelo próprio pesquisador - a partir de gravações de entrevistas, diários, croqui, mapas, áudios e vídeos capturados durante observações em campo - como também de outras fontes e

autores. Neste caso podem ser fotografias produzidas por fotógrafos profissionais ou amadores, fotografias de família, mapas e plantas, imagens de esculturas e de pinturas e desenhos, de textos extraídos de anúncios e reportagens jornalísticas, de crônicas, novelas, contos, poemas, poesias e canções, de sons extraídos de jingles publicitários, pronunciamentos e depoimentos, ou sons gerados por sonoplastia ou por captação direta em sua fonte.

Um aspecto válido para todo o tipo de dado é sua capacidade de evocar, não somente através de seu conteúdo, mas da ampliação de seu significado, para além das entrelinhas, no caso de um texto, ou para além de seu enquadramento, no caso de uma fotografia ou de um vídeo. Já para o som não há o fora de campo, mas sim nuances e sutilezas nas diferentes sonoridades do espaço sonoro podem possibilitar que o imaginário se intensifique de informação além daquelas condicionadas à fonte geradora. Gaston Bachelard (2003) já mostrava a capacidade de alguns textos literários em ampliar as imagens, a partir das textuais, para visuais e até sonoras.

6.2. Exercício em CD: Acesso à Coleção Navegantes e Etnografia Sonora

6.3. Aventuras bievianas

Enquanto pesquisadora associada, junto aos demais pesquisadores, foi que pude conhecer e experimentar as metodologias no interior do Projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Biev. Orientada pelo projeto “Estudo Antropológico da memória coletiva, formas de sociabilidade e itinerários urbanos no mundo contemporâneo”, especialmente em universos de territórios no município de Porto Alegre, o projeto do Museu Virtual ao qual me vinculei inseriu-me nas metodologias básicas do Sistema Biev. O processo de aprendizagem consistiu em conceber a obtenção, o tratamento, a inserção e o cadastro dos documentos em seus diferentes suportes constituintes de seu banco de dados – fotografia, som, vídeo e texto. Inicialmente tive contato com as imagens fotográficas, do próprio banco de dados do Sistema Biev (*biev-data*), mas também de outras fontes, oriundas inclusive de minhas buscas e coletas deste material, tanto noutros acervos quanto obtidas a partir das incursões de campo durante meus exercícios e pesquisa etnográficos.

Particpei da rotina do Biev, das reuniões semanais, de grupo (som, texto), e das reuniões gerais. Em cada atividade se processam as reflexões, discussões e decisões sobre a inserção e cadastro de dados no Sistema Biev. Em todos estudos sobre classificação, catalogação e relações entre suportes, nos concentrávamos na predominância da imagem fotográfica, sendo a pesquisa com fotografia o documento de entrada no Banco de Imagens.

No grupo de texto coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha, a didática consistia em analisar textos literários, históricos e jornalísticos, mas é sobretudo a partir dos diários de campo que a relação com a produção imagética é articulada. Trata-se de acentuar a potência evocativa de imagens visuais e sonoras que certas passagens textuais podem possuir, bem como sua qualidade etnográfica, mesmo em muitos casos não tenham sido escritos por etnógrafos, antropólogos.

Dada a relação entre todos os grupos e o processo de aprendizagem múltiplo, sob a coordenação de Rafael Devos, tive a oportunidade de produzir narrativas videográficas, a partir de material de acervo de uma das pesquisas produzidas por um colega, gerando dados de vídeo para serem inseridos no banco de dados e no museu virtual. Na medida em que começava a amadurecer a pesquisa com o som na etnografia,

minha participação se tornou mais específica no grupo do som, grupo coordenado por Viviane Vedana.

Inicialmente, o acervo de documentos sonoros era limitado em quantidade de dados e qualidade; havia alguns trechos de áudios de um mesmo depoimento, alguns jingles e reclames publicitários da “era de ouro” do rádio, trecho de algumas canções, e sons com elementos isolados, com problemas de recorte e representatividade conceitual, segundo conceitos que orientam a classificação de dados para sua entrada no banco de dados – palavras-chave, categorias, e descritores. O primeiro desafio do grupo foi repensar todo o acervo, e determinar quais dados teriam qualidade etnográfica e técnica para permanecerem, e quais deveriam ser eliminados ou refeitos, por não se adequarem aos critérios de qualidade, do ponto de vista antropológico. O grupo compôs uma espécie de trilha sonora a partir dos dados do acervo de som, mas buscando a maior utilização possível. Pude contribuir na concepção, edição e montagem da narrativa, que foi apresentada em estande do Projeto Biev, durante a Feira de Iniciação Científica em 2004.

Na medida em que os exercícios exploratórios do grupo do som e também que minhas pesquisas, exploratórias e etnográficas, foram sendo realizadas, tanto o grupo como eu geramos materiais sonoros brutos para serem avaliados, classificados, editados, inseridos, e cadastrados, bem como servirem para a construção de narrativas. Tanto a pesquisa na Escadaria da Rua 24 de Maio, como especialmente a pesquisa em Navegantes, acumularam uma série de dados sonoros, e também fotográficos.

Situados dentro do tema das transformações, estes dados em geral estavam relacionados ao trabalho, condições de vida, formas de sociabilidade, etnia, migração, identidade, consumo, visões de mundo, crenças, entre outros. No intuito de atentar, sobretudo, para as sonoridades dos gestos de trabalho e das formas de sociabilidade, busquei encontrar meios diretos e indiretos para acessar tais sonoridades, sejam elas obtidas através de dados sonoros, ou pela evocação por imagens textuais e visuais, através de acervos diversos, ou da própria pesquisa. As sonoridades das formas, gestos, práticas e dinâmicas cotidianas do viver urbano e suas representações e pertencimentos, podem ser encontradas diretamente, nos dados sonoros, dotados de qualidade etnográfica e potência evocativa das imagens, ou “indiretamente”, também em dados imagéticos ou textuais.

O processo de aprendizagem se encerra com a consolidação do grupo do som. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Viviane Vedana produziram, neste ínterim, diversos papers e artigo onde definem a Etnografia Sonora (Rocha&Vedana 2007:3) como “a investigação de métodos e procedimentos onde as imagens sonoras da vida social possam tomar corpo e dessa forma serem também expressivas da cultura de uma comunidade - intervenção metodológica e científica inspirada na abordagem de uma antropologia das formas sensíveis, de observações dos sons do minúsculo, do banal e do ordinário das nossas vidas nas grandes metrópoles” . Para estas autoras, o desafio da pesquisa está em, acima de tudo, conciliar a prática etnográfica de uma Antropologia Urbana, com formas poéticas de acessar significados e lugares da cidade ao conhecimento.

Como já observava José Ramos Tinhorão (1976), não somente os sons organizados culturalmente, como a música, mas as sonoridades cotidianas da sociedade em suas mais variadas formas são dignas de interesse, pelo que conseguem evocar e dizer, e cuja complexidade sonora é cada vez mais intensa no mundo contemporâneo.

Especificamente para a captação sonora os cuidados que garantem uma maior qualidade etnográfica ao som vão desde a atitude corporal do pesquisador em campo com o equipamento, até o tipo de equipamento utilizado. Porém, podem-se obter bons dados sonoros mesmo com equipamentos de qualidade inferior, se observada a atenção à situação etnográfica por parte do pesquisador, no sentido do olhar e do ouvir, trazidos por Roberto Cardoso de Oliveira (2000).

Uma vez obtidos os dados sonoros, parte-se para a decupagem, a fim de permitir a observação dos possíveis significados e interpretações para os diferentes trechos, delimitando-os dentro de um fechamento de sentido. Após a escuta do conjunto de arquivos de áudio, obtidos a partir de acervo ou captura durante o campo, e sua classificação em diferentes trechos, parte-se primeiramente para a transcrição do material sonoro para o formato textual, e depois, para a edição de áudio delimitada por seus trechos delimitados.

Outra metodologia concebida mais recentemente, sob a orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha, é o Método das Coleções Etnográficas. Este método segue a proposta de doutorado desta professora, tendo por base os estudos acerca do imaginário

Gilbert Durand (1997). O método constitui-se na capacidade dos dados, uma vez reunidos em núcleos de sentido, formando constelações de imagens, a partir da convergência de imagens, situadas em diferentes regimes.

A Coleção Etnográfica – com dados sonoros, mas também imagéticos e textuais - da pesquisa em Navegantes resultou na constituição de uma árvore classificatória, com os dados agrupados em conceitos e temas comuns. Pode-se conhecer o universo e a pesquisa realizada através das escolhas de entrada e respectivos resultados.

Quanto ao acervo das coleções etnográficas, são reunidos os dados cujas imagens aproximam-se de um mesmo sentido, geralmente em torno de conceitos. Dados estes que, uma vez extraídos de sua base, são de diferentes suportes. A linha de trabalho pode ser tipificada desta forma: captação, nos suportes: áudio e fotografia / seleção de dados / digitalização e tratamento / edição e montagem / inclusão no banco de dados (biev-data) / no museu virtual (biev-site) / coleções etnográficas: do grupo e da pesquisa / estrutura das coleções: com os conceitos da pesquisa e as categorias e palavras-chave.

Sendo um projeto baseado em uma produção coletiva pela atividade sistemática de uma equipe em formação, tive oportunidade de conhecer as pesquisas de demais colegas e através destas pesquisas, compartilhar o desenvolvimento do estudo antropológico na cidade de Porto Alegre sobre outros universos e territórios, o que considero importante e fundamental para pensar minha própria pesquisa no Navegantes como parte de um estudo sobre a memória coletiva em Porto Alegre. As pesquisas e universo entrecruzam-se e aspectos observados também noutras pesquisas, como crença, transformações, consumo e identidade, interagem em uma espécie de campo semântico.

6.4. Paisagem sonora

Para o leitor iniciante nesta aventura bieviana, esclareço que cada grupo de especialização - foto, vídeo, texto e som - segue um manual organizado por seus coordenadores e pesquisadores. No caso do som, o pesquisador interessado pode acessá-lo na sede do Biev. Os principais autores foram referidas no capítulo 1 e em especial no sub capítulo “Por uma Antropologia Imagética”. Neste manual encontram-se vários

elementos que me ajudaram a sintetizar algumas idéias sobre paisagem e ambiência sonora levantadas nas discussões do grupo.

O que mais se destaca em uma paisagem sonora são os diferentes planos e a distinção das diferentes sonoridades que compõem um som: dos detalhes escutados mais ao longe até os elementos que mais se destacam - a incidência de sonoridades mais em primeiro plano, como a modulação das vozes e os elementos

Para George Simmel (1996) a paisagem jamais é observada ingenuamente, e sempre será feito, pelo olhar reflexivo do homem, de forma a selecionar um espaço de seu todo. A paisagem constitui-se então de todas as sonoridades mencionadas: dos elementos em diferentes planos de volume, desde aqueles cujas fontes emissoras são objetos até a voz humana.

Quando os elementos encontram-se em um volume mais homogêneo, quando, ao invés de se destacar algum ou alguns, as sonoridades se distribuem mais proporcionalmente em menores volumes, isso caracteriza uma ambiência. Então a diferença entre uma ambiência e uma paisagem sonora é que nesta há uma maior complexidade do espaço sonoro de em relação, não somente à fontes emissoras mas a níveis de emissão dos sons que a compõem.

Para dar destaque a um aspecto desta paisagem, uma vez inserido em um dos lugares que a constitui, é necessário privilegiar a atenção a uma situação. No caso etnográfico, durante uma observação participante, o que deve ser enquadrado na captação sonora é o cerne da ação que está se passando. Se esta for um gesto de trabalho o enquadramento pode ser os sons produzidos pelo manuseio das ferramentas, ou, se houver, a cantiga de trabalho. Então, o som resultante terá dois ou três níveis básicos de planos sonoros, o que se destaca na ação e o que está nos demais planos. Por exemplo, uma pessoa martelando sobre uma placa de metal, onde se destaca, a princípio, o som da percussão do martelo sobre esta placa, pode ter, em seus demais planos do espaço sonoro, outros elementos, sonoridades de outras ações e situações de um espaço sonoro maior que aquele pertencente ao elemento em destaque.

Constatei que paisagens sonoras constituintes dos diferentes lugares do Navegantes, evidenciam as dinâmicas cotidianas ali. Alguns espaços apresentam uma maior movimentação de pessoas, veículos, e diferentes atividades; outros, um vazio

causado pela falta significativa de habitantes e empresas em funcionamento, com presença majoritária de imóveis desocupados, indústrias, depósitos, comércio e residências.

Há lugares, como entre as ruas Polônias e Cairú, que tanto pode constituir-se por paisagens com uma maior quantidade de elementos ao mesmo tempo – alguém trabalha com uma furadeira por perto, dois transeuntes passam conversando, os pássaros cantando -, como da presença eventual de sonoridades que se destacam sobre uma base de sonoridades de volume homogêneo em um nível – ao longe, em baixo volume, homogeneamente muitos pássaros cantando e máquinas e equipamentos sendo operados; muito eventualmente algum veículo ou transeunte passando (salvo nos horários de entrada e saída do expediente de trabalho, a chamada “hora do *rush*”). Para lugares como a Rua Dona Margarida e Frederico Mentz, a dinâmica cotidiana é mais intensa, incluindo ônibus, maior quantidade de pessoas, gestos e ações, veículos, aviões, uma presença maior de densidade de formas sociais.

Na constituição da coleção etnográfica sonora desta pesquisa no Navegantes, foram realizados alguns ensaios da estrutura de classificação dos arquivos que apresentei no CD. Neste processo investi em uma outra experiência que consiste na montagem de uma narrativa sonora utilizando diferentes tipos de sons: reclames, jingles, discursos de políticos, ambiências sonoras externas e internas e trechos de entrevista com informantes.

A partir da memória fabril vinculada a Navegantes, pesquisei imagens sonoras a partir do site BibVirt, da USP, contidas tanto nos reclames de produtos dos mais diversos, fabricados no parque industrial brasileiro, em formação e desenvolvimento entre as primeiras décadas do século XX, como nas falas e discursos de políticos brasileiros. Juntamente com alguns áudios deste acervo, e de outros obtidos pela captação durante o campo da pesquisa em Navegantes, concebi e realizei uma narrativa cuja montagem contemplou características de cada tipo de dado, em certos momentos. Como um trecho da fala do Presidente Getúlio Vargas, durante discurso de 1º de Maio, inserido após o canto ensaiado ritmicamente de uma academia de ginástica, mas que evocava o cântico de exercícios físicos de manobras militares. Também sons que inicialmente o grupo considerou de “fraca” qualidade etnográfica, ou narrativa, com destaque para elementos “isolados”, como uma furadeira, pode ser utilizada

conjuntamente com as sonoridades captadas em trechos dos bairros Navegantes e São Geraldo, cuja atmosfera sonora é de um grande vazio, em virtude do horário no meio do turno da tarde, aliado à especificidades locais, como neste caso, das quadras com grandes prédios de extintas indústrias e raras residências. Também foram utilizados áudios de ambientes como restaurantes, interior de empresas, casas e ambiências de rua.

Aderindo as conclusões das coordenadoras do projeto Etnografias Sonoras, esta faz parte de uma etnografia das formas sensíveis da vida social, onde o som representa uma importante fonte de informações sensíveis das formas e arranjos da vida coletiva no teatro da vida urbana das grandes cidades contemporâneas (Rocha e Vedana, 2007). Logo, uma antropologia sonora está associada aos estudos e pesquisas acerca do imaginário, jogando a favor da imaginação criadora humana, aquela que retira o mundo cósmico e social de toda indiferença, atribuindo sentido a existência humana e interrompendo sua indistinção do mundo das coisas. Para Rocha e Vedana (2007), uma antropologia sonora retoma a cidade no que ela configura como partilha do sensível.

CONCLUSÕES

O bairro, e esses lugares, a Rua Polônia, a Rua Dona Margarida, são à sua maneira, a cidade de Porto Alegre. Mas se são a cidade, também estão de alguma maneira descolados de certas dinâmicas da cidade contemporânea. Zona industrial efervescente ao longo da primeira década do século passado, conhece um retrocesso em suas indústrias e empresas tradicionais do século XX. Existem formas no cotidiano hoje que configuram esta crise que afeta o bairro em sua vocação de abrigar o trabalho operário e comercial próspero. As formas atuais aparecem quando se participa de um cotidiano. Ainda é um espaço que acolhe os migrantes em busca de se fixarem em Porto Alegre. Ainda acomoda em suas casas, peças, pensionatos, apartamento, os trabalhadores de toda ordem. Mas não é só um bairro de passagem como aparenta ser a primeira vista. Inserindo-se na rede, as pessoas estão lá enraizadas, com suas trajetórias, histórias e lembranças.

Isso retoma ao projeto do Biev, mostrando que cidade é essa, que bairro é esse, a relação desse bairro com a cidade, e vice-versa. Na perspectiva dos estudos de sociedades complexas, eu diria que são plurais, que não é somente um bairro, são mais de um bairro Navegantes dentro deste imenso contexto, soterrado por uma memória oficial, mas que emerge outros significados pela memória coletiva de sujeitos que ali habitam. Uma antropologia no bairro, através da etnografia de rua, por exemplo, ou da observação participante, se contextualiza numa antropologia, e etnografia, na cidade e da cidade. Aqui, novamente retomamos as questões de itinerários urbanos e formas de sociabilidade do projeto Biev, que vão perfazendo as negociações com as transformações do tempo, que é do espaço também, cuja memória coletiva vai amarrando e se constituindo nessas atualizações urbanas. É a cidade moderno-contemporânea e sua complexidade que a antropologia urbana e o antropólogo em sua lida urbana quer dimensionar a partir da experiência dos sujeitos, dos habitantes, personagens desta etnografia. O sujeito-pesquisador, aqui, sob inspiração do antropólogo na figura do narrador (Eckert&Rocha, 2005), também se constrói na experiência etnográfica. Esta foi para mim uma experiência de transformação enquanto sujeito, revisitando agora no papel de uma antropóloga, de forma reflexiva, o meu grupo

social de origem, de cidade do interior, num contexto de classes trabalhadoras urbanas e unidades domésticas, com experiência citadina no trabalho fabril e comercial, formal e informal. A etnografia me aproxima para me fazer desprender - na relação entre estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho, através do outro, e no jogo de si -, enquanto sujeito do mundo, como geógrafa, artista amadora, etnógrafa, antropóloga, pertencente a uma memória coletiva, numa narrativa dos sujeitos e de si, do mundo contemporâneo.

Após reavaliar dados de campo, de diferentes momentos e contextos espaciais e temporais, meus e do universo, refleti a respeito de certos procedimentos frente à metodologia, para reconhecer uma prática de pesquisa que pode estar lá onde a vida pulsa, nas formas de interação, nos micro eventos, na vida de Ângela, Mario, Henrique, Dona Edith, Luís, Seu Miguel, de Claudia e tantos outros que aqui falaram.

Se geograficamente estes habitantes estão no bairro Navegantes, a trajetória de cada um extrapola fronteiras e limites. São camadas de tempos lembrados que estetizam espaços sociais, afetos e conflitos, medos e esperanças, erros e acertos em seus projetos de vida, investimentos econômico, afetivos e simbólicos.

Foi no projeto do Banco de Imagens e Efeitos Visuais que este projeto fez sentido, que escutei comentários e discussões por parte da orientação e dos colegas. Neste lugar que pude instaurar um espaço de reflexão. Percebi como um olhar de geógrafa neste lugar me remeteria a não localizar os “porquês” de cada história singular me deixando na cegueira e na surdez frente às peculiaridades que aquele universo traz, em seu âmbito específico para a cidade, e inclusive para o tema das transformações, que tanto me é caro hoje, como antropóloga – ao menos na intenção, independente das medidas equivocadas ou não.

Neste final penso ter seguido o texto das “Premissas” (1998) de Eckert e Rocha como uma espécie de luz no fim do túnel pela lucidez encontrada para a interpretação das sociedades complexas, justamente apontando os desconfortos epistemológicos neste túnel da formação nos tantos giros interpretativos como forma de outra perspectiva metodológica para os antropólogos.

Sobretudo, no meu caso, somente a entrega às narrativas dos nativos é que pode deixar o espaço ser moldado pelo tempo, e não o contrário. Pois é outra espacialização

que é proposta aqui, aquela forjada pelo ato de tornar viva a memória, na manutenção dos sentidos, das identidades, das interações, das redes, dos territórios, dos vínculos, dos dramas humanos no espaço vivido da experiência urbana.

São os meandros das conversas, em observação e entrevistas não-diretivas, em vaís e vens nas interlocuções que se encontram vibrando os tempos bons e ruins, pois estes são justificados pelos primeiros. Para o caso de Ângela, a trajetória dramática de sua mãe e de sua própria é o que confere um sentido ainda maior para os sucessos e percalços de sua vida familiar hoje. Para Seu Mário, também a permanência denotará um certo significado de “sucesso” em relação à tendência de uma trajetória errante. Possíveis tentativas de manter vibrando um tempo feliz, como costumam referir-se Eckert e Rocha citando o mestre Gaston Bachelard (Eckert e Rocha, 1998).

São observações da vida cotidiana que fazemos. São imagens de continuidades e discontinuidades. Analisando fotografias obtidas durante a etnografia, constatei um percurso de descoberta – no sentido de abrir um presente surpresa, com várias caixas, uma contida noutra – através das imagens. Além das entrevistas, foi a observação participante e situações que falavam não de outro bairro, mas de outros bairros, além daquele dos grande prédios e das indústrias. Claro que, através do trabalho – nas indústrias, a vida social vai se constituir, e se complexificar mais, tomando outras diversas formas. Interessante observar que, justamente, uma imagem de um prédio imponente ou uma tomada aérea não colaboram no desvendamento do micro mundo no bairro, pois são escalas diferentes daquelas que a vida social necessita para ser vista. De um vasto material fotográfico sobre o bairro Navegantes, são poucas as imagens do cotidiano, dos operários, habitantes, a imensa maioria são das indústrias muito especificamente.

Então, como trazer as imagens deste outro bairro, difícil de ser acessado em fotografias antigas? Podemos pensar em Charles Deemer (1994), a partir do hipertexto, e da idéias de espaço fantástico da memória. As relações que o imaginário acessa, não linear, pode ser um caminho para inspiração, fornecendo pistas para construir narrativas que também joguem mais com estas diferentes imagens, não somente com relação a diferentes suportes, mas no que estas imagens possibilitam que relacionemos em nossa interpretação autoral, nosso percurso mental.

As relações dos sons com as diferentes apropriações do espaço e às práticas sociais, bem como da memória dos grupos locais, reconstituindo e transformando a paisagem local, sensibilizaram a mim e as colegas para estes aspectos deste universo de pesquisa, o qual foi constatado, em campo, ser dotado de uma complexidade maior do que a memória social lhe confere. Isto significa que, em termos de uma etnografia sonora, a complexidade local do bairro Navegantes pode ser percebida através de suas sonoridades que representam diferentes temporalidades, através de diferentes apropriações por seus habitantes. Compartilhando minhas inquietações, percalços e descobertas, a montagem narrativa que realizei, mesmo que devesse respeitar o tempo da escuta, em relação à seqüência e complexidade de elementos, buscou dar conta do que minha memória como pesquisadora do local experimentou. As práticas e suas diferentes temporalidades e territorialidades no bairro puderam ser interpretadas à luz, sobretudo, de Bachelard e De Certeau, bem como através da idéia de memória como espaço fantástico (Eckert e Rocha, 1998).

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila. "Writing Against Culture". In: FOX, R. J. (ed). *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research, 1991.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Arghos, 1981.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.

BAGUET, Alexandre. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOSI, Ecléa. "Cultura e desenraizamento". In: _____. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

_____. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. *La distinción : criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 1988.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Difel, 1990.

_____. *Razões práticas*. Rio de Janeiro: Papyrus, 1993.

_____. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BURKE, Peter. “Em busca de uma cultura popular”. In: _____. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. “Fronteiras do cômico nos primórdios da Idade Média”. In: BREMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMÕES, Luis Vaz de. *Poesia Completa*. [s.l.]: Nova Aguilar, 1988.

CASSIRER, Ernst. *O que é o homem?: Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Parte 1).

CAVEDON, Neusa Rolita. *Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS-IFCH/UFRGS, 1992.

CHIARINI, João. “Folclore do som de coisas”. *Jornal de Piracicaba*. Piracicaba, 12 nov. 1967. Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/dezembro97>> Acesso em: 15 nov. 2007.

CHION, Michel. *Le son*. Paris: Nathan, 1998.

CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996.

DAMATTA, Roberto. “Ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

_____. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Profissões industriais na vida brasileira: ontem, hoje e amanhã*. Brasília: Ed. UnB, 2003.

DAWSEY, John Cowart. “O teatro em Aparecida: a santa e o lobisomem”. *Revista Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 135-150, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132006000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 07 maio 2007.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEEMER, Charles. “¿Qué es el hipertexto?”. *Revista Especulo*, 1994. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/hipertul>> Acesso em: 15 jul. 2007.

DENIS, Michel. “L’étude de l’image: Histoire et Méthode e Le statut cognitif de l’image”. In: _____. *Les images mentales*. Paris: PUF, 1979.

DEVOS, Rafael Victorino. *Uma Ilha assombrada na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano, memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS-IFCH/UFRGS, 2002.

DUARTE, Luis Fernando Dias. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. “Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas”. In: LOPES, Jose Sergio (org.). *Cultura Operária*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECKERT, Cornelia. *Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS*. 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS-IFCH/UFRGS, 1985.

_____. “Os homens da mina”. *Revista Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 41, p. 36-42, 1988.

_____. “Memória e Identidade: ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)”. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, v. 11, p. 1-84, 1993.

_____. “Do corpo dilapidado à memória re-encantada”. In: LEAL, Ondina (org.). *Corpo e Significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995.

_____. “A saudade em festa e a ética da lembrança”. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1. p. 182-192, 1997.

_____. “A vila deserdada e a re-territorialização dos sentidos na temporalidade construída (La Grand-Combe, França)”. *Iluminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 64, 2004.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Os jogos da memória”. *Revista A Ilha*, Florianópolis, v. 3, p. 70-84, 2000.

_____. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade”. *Revista Margem* (PUC/SP), São Paulo, n. 8, p. 243-260, 1998.

_____. “A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 107-135, 1998.

_____. “Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo”. *Illuminuras: série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 8, 2000.

_____. “A memória como espaço fantástico”. *Revista Electrónica Diverso: Revista de Antropologia Social y Cultural del Uruguay*, Montevideu, Uruguai, v. 2, 2000.

_____. “A cidade, o tempo e a experiência de um museu virtual: pesquisa antropocronotopológica nas novas tecnologias”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 6, 2000.

_____. “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração”. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org). *Imagem e Memória: ensaios em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

_____. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 44, 2001.

_____. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2005.

_____. “Escrituras hipermidiáticas e metamorfoses da escrita etnográfica na era das ‘textualidades’ eletrônicas”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 84, 2006.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FOOTE-WHYTE, William. “Treinando a observação participante”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FORTES, Alexandre. “Industrialização, paternalismo e política: As empresas teuto-brasileiras em Porto Alegre”. In: *XIX Latin American Labor History Conference*, Durham, 2002.

_____. *Nós do Quarto Distrito: A Classe Trabalhadora Porto-Alegrense e a Era Vargas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOX, Robin. *Parentesco e Casamento: uma perspectiva antropológica*. Lisboa: Vega, 1967.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

_____. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

- _____. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- _____. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. “Estar lá, a antropologia e o cenário da escrita”. In: _____. *Vidas e obras, o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *La transformación de la Intimidad: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.
- GRIMSHAW, Anna. *The ethnographer's eye: ways of seeing in anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- GUTERRES, Liliane Stanisçuaski. *La gente de ansina: performance, tradição e modernidade no carnaval da Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonia de Ansina em Montevideo, Uruguay*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS-IFCH/ UFRGS, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- JEUDY, Henry-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LAGEMANN, Eugênio. “Imigração e industrialização”. In: LANDO, Aldair Marli et al (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LANGDON, Esther Jean. “A Fixação da Narrativa: do mito para a poética de literatura oral”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 12, p. 45-68, 1999.
- LE GOFF, Jacques. “O riso na Idade Média”. In: BREMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade Operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
- LICHT, Henrique. *Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre – 1871-2006*. Santa Maria: Pallotti, 2007.
- MACDOUGALL, David. *Transcultural Cinema*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- _____. “Novos princípios da antropologia visual”. *Cadernos de Antropologia e*

Imagem (NAI/UERJ), Rio de Janeiro, v. 21, 2005.

MACEDO, Francisco Riopardense. *Porto Alegre: origem e crescimento*. Porto Alegre: Sulina, 1969.

_____. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (org.). “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Fapesp, 1996.

MAGNI, Claudia Turra. “O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes de rua”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 2, p. 141-149, 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*. São Leopoldo: UNSINOS, 2004.

MARQUES, Olavo Ramalho. “A Cidade e o Tempo: Estudo das Transformações no Tecido de um Bairro Residencial em Porto Alegre”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 25, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MARTINS, José de Souza (org.). *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ed. USP, 1974.

MELLO, Luciana de. *Nos tempos da navegação e nos tempos das rodovias: as transformações na orla do Rio Caí (São Sebastião do Caí, RS)*. 2005. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MELLO, Luciana de; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “De arraial a bairro industrial: o que o Navegantes ainda tem?”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, v. 79, 2005.

_____. “Transformação e permanência do espaço, formas de ocupação e sociabilidades em um trecho da Rua 24 de Maio, Porto Alegre/RS”. *Illuminuras: série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais* (PPGAS/UFRGS), Porto Alegre, 2005.

METROPLAN. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. *Os rios na cidade: as enchentes na evolução urbana da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre: [s.n.], 2001.

MOLES, Abraham, ROHMER, Elisabeth. *Labyrinthes Du Vécu*. Paris: Librairie des Meridiens, 1982.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias (1940 e 1972)*. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2001.

MOTTA, Flávia de Mattos. “Bem mulherzinha: o sexo, o corpo e a relação homem/mulher entre mulheres na velhice”. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, v.3, 1991.

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. “O Ofício do Antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas”. *Série Antropologia (DAN/UnB)*, Brasília, v. 413, p. 6-19, 2007.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *A Antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. “O imaginário na Música Popular Brasileira”. In: PAIS, José Machado; BRITO, Joaquim Pais de; CARVALHO, Mário Vieira de (org.). *Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

PARK, Robert Ezra. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho – 1889-1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Os pobres da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

PINTO, Tiago de Oliveira. “Som e música. Questões de uma antropologia sonora”. *Revista de Antropologia (USP)*, São Paulo, v. 44, n.1, 2001.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *História popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. *Porto Alegre: biografia de uma cidade*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.

PRIMO, Alex. “Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva”. *Fronteiras Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p.125-142, 2003.

PRIMO, Alex.; RECUERO, Raquel da Cunha. “Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais”. *Fronteiras Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 6, n. 1, 2004.

_____. “Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia”. *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, p. 54-65, 2003.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. “Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus”. *e Compos*, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

PROPP, Vladimir. “Quem ri e quem não ri.” In: _____. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão* Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1999.

RECHENBERG, Fernanda. “A cidade pelos sons: estudo exploratório sobre a utilização do som na prática etnográfica em territórios urbanos”. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, n. 25, Goiânia, 2006. *Anais*. Goiânia: 25ª RBA, 2006.

REDFIELD, Robert. *The folk culture of Yucatan*. Chicago: University of Chicago Press, 1941.

REICHEL, Heloisa J. et al. “Vida e trabalho num bairro fabril: depoimentos”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 2. 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Vol I.

_____. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Vol II.

RIO, João do. *Histórias da gente alegre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1951.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 2, 1995.

_____. “A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil”. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1995.

_____. “Antropologia visual, um convite à exploração de encruzilhadas conceituais”. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (org.). *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Ed Universidade/ UFRGS, 1999.

_____. *A experiência etnográfica face à produção de coleções etnográficas sonoras e visuais: descobrindo o caráter operatório dos conceitos antropológicos*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais – IFCH/LAS/UFRGS, 2006. Mimeografado.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; VEDANA, Viviane. “A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora”. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7, Porto Alegre, 2007. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho et al. *Manual de Orientações: Coleções Etnográficas Sonoras*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais – IFCH/LAS/UFRGS, 2006. Mimeografado.

_____. *Manual de Orientações: Coleções Etnográficas Fotográficas*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais – IFCH/LAS/UFRGS, 2006. Mimeografado

ROUCH, Jean. “Os pais fundadores: dos ancestrais totêmicos aos pesquisadores de amanhã”. In: MOSTRA INTERNACIONAL DO FILME ETNOGRÁFICO, 1, Rio de Janeiro, 1993. *Catálogo Cinema e Antropologia*. Rio de Janeiro: CCBB, 1993.

SAHLINS, Marshall. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção” (Parte II). *Revista Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 103-49, out. 1997.

SANHUDO, Ari Veiga. *Porto Alegre: Crônicas da minha cidade*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Meridiens Klincksiek, 1998.

_____. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: PUF, 1986.

SANTO, Qorpo. *As relações naturais: três comédias de Qorpo Santo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Metamorfozes do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

SCHAEFFER, Pierre. *Tratado dos Objetos Musicais*. Brasília: Ed. Unb, 1983.

SEGALEN, Martine. *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar, 1996.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Histórias de operários negros: contribuição para o estudo do operário negro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1987. (Coleção Afro-Brasileira).

SIMMEL, Georg. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

_____. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. “A filosofia da paisagem”. *Revista Política & Trabalho* (UFPB), João Pessoa, n. 12, p. 15–24, set. 1996. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/12-simmel-2.html>>. Acesso em: 30 jan. 2007.

_____. “A ponte e a Porta”. *Revista Política & Trabalho* (UFPB), João Pessoa, n. 12, p. 10-14, set. 1996. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/12-simmel-1.html>>. Acesso em: 29 jan. 2007.

SPALDING, Walter (org). *Porto Alegre: monografia*. São Paulo: Habitat, 1953.

STROHAECKER, Tânia Marques. “Projeto Humaita-Navegantes: o resgate da cidadania”. *Boletim Gaúcho de Geografia* (AGB), Porto Alegre, n. 20, 1995.

_____. “Atuação do público e do privado na estruturação do mercado de terras de Porto Alegre (1890-1950)”. *Scripta Nova* (Barcelona), Barcelona, v. 9, n. 194, p. 194-199, 2005.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. “Espaço geográfico uno e múltiplo”. In: _____; BASSO, Luis A.; VERDUM, Roberto. *Ambiente e Lugar no Urbano: A Grande Porto Alegre*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Sons que Vem da Rua*. Rio de Janeiro: Tinhorão, 1976.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TUAN, Y-Fu. “Geografia Humanística”. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PPGAS-IFCH/UFRGS, 2004.

_____. “Sonoridades da duração: práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. Uma introdução à construção de coleções etnográficas a partir dos dados imagéticos de campo”. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7, Porto Alegre, 2007. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____. “O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia”. In: _____. *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

_____. *A Utopia Urbana: Um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VICTORA, Ceres. *Mulher, sexualidade e reprodução: representações do corpo em uma vila de classes populares em Porto Alegre*. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS/IFCH/UFRGS, 1991.

WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

WISNIK, José Miguel. “Antropologia do ruído”. In: _____. *O som e o sentido, uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

Filmografia

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *Iluminando a Face Escura da Lua, uma homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira*. 2007. Porto Alegre.

Citações da Internet

BIBVIRT. Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa da USP. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/>>. Acesso em: abr. 2007.

BIEV. Banco de Imagens e Efeitos Visuais/UFRGS. Disponível em: <<http://www.estacaoportoalegre.ufrgs.br/>>. Acesso em: maio 2007.

ESTÚDIO LIVRE. Disponível em: <<http://www.estudiolivre.org/tiki-index.php>>. Acesso em: maio 2007.

PORTAIS DA CIDADE. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.ppp.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: jun. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smf/>>. Acesso em: mar. 2007.

MUSEU HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/passeio_virtual/pages/Museu_Hipolito_da_Costa.htm> Acesso em: mar. 2007.